

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MESTRADO EM PSICOLOGIA

JULIA ALVES BRASIL

**LATINO-AMERICANOS E EUROPEUS NO BRASIL: ANALISANDO PROCESSOS
MIGRATÓRIOS E IDENTITÁRIOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Vitória
2012

JULIA ALVES BRASIL

**LATINO-AMERICANOS E EUROPEUS NO BRASIL: ANALISANDO PROCESSOS
MIGRATÓRIOS E IDENTITÁRIOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Mestre em Psicologia.

Orientação: Prof^a. Dr^a. Zeidi Araujo Trindade

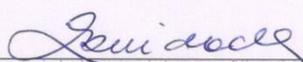
Vitória
2012



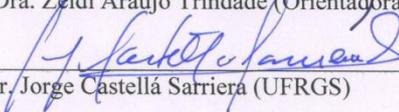
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM
PSICOLOGIA DA ALUNA JULIA ALVES BRASIL

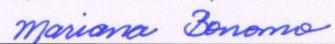
Aos dezoito dias de abril de dois mil e doze, às quatorze horas e quinze minutos, teve início a defesa da Dissertação de Mestrado intitulada: “**Latino-Americanos e Europeus no Brasil: Analisando Processos Migratórios e Identitários no Estado do Espírito Santo**”, da aluna **Julia Alves Brasil**, regularmente matriculada sob N° **2010130401**, orientanda da Professora Doutora Zeidi Araujo Trindade (Universidade Federal do Espírito Santo). Compunham a Banca Examinadora a Professora Orientadora, o Professor Doutor Jorge Castellá Sarriera (Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e a Doutora Mariana Bonomo (PRODOC/CAPES - Universidade Federal do Espírito Santo). Realizada a arguição, a defesa foi dada por encerrada às dezesseis horas e dez minutos. Os membros da Banca reunidos decidiram pela aprovação da Dissertação da aluna **Julia Alves Brasil**, concedendo-lhe o título de **Mestre em Psicologia**. Nada mais havendo a acrescentar, subscrevo esta ata que vai assinada por mim e pelos demais membros componentes da Banca Examinadora. Vitória, 19 de abril de 2012.-----



Prof. Dra. Zeidi Araujo Trindade (Orientadora/UFES)



Prof. Dr. Jorge Castellá Sarriera (UFRGS)



Dra. Mariana Bonomo (PRODOC/CAPES-UFES)

AGRADECIMENTOS

Dois anos...ou seria uma vida inteira? É tão difícil esta tarefa de enumerar aqueles aos quais agradecer neste momento. Tantas foram as pessoas e as situações que contribuíram para a construção da minha história e do percurso que tracei até a realização deste Mestrado...bom, é difícil, mas vamos tentar!

Gostaria de apresentar meus sinceros agradecimentos a algumas pessoas que fazem parte da minha vida e que, direta ou indiretamente, possibilitaram a realização deste sonho.

Aos meus pais, Sandra e Gutemberg, por me mostrarem a importância dos estudos, por sempre acreditarem em mim e me apoiarem nos “altos e baixos” desta caminhada. Amo vocês!

Aos meus amigos, alguns de muitos anos, outros mais recentes, uns do CEFETES, outros da UFES, dos cursos de línguas, dos bares, das viagens, enfim, da vida...Obrigada pela companhia, pelas risadas, pelas alegrias e tristezas compartilhadas e, claro, pela paciência com o eventual estresse e com a falta de tempo decorrentes do Mestrado! Com vocês tudo fica melhor (os nomes estão em ordem alfabética, para não dar briga...rs): Aline, Amanda, André, Carina, Daniela, Edna, Fabiana, Fernando, Flávia, Gabriela, Gabriella, Irenia, Ivne, Jordana, Jucélia, Juliana, Karina, Luciana, Luma, Mariana e Viviane.

Um agradecimento especial à minha orientadora, professora Zeidi, pela confiança no meu trabalho e por ter apostado nesta pesquisa. Suas observações, explicações e estímulos foram essenciais na construção deste trabalho! Obrigada por tudo!

À Mariana Bonomo e ao professor Lídio de Souza pelas valiosas contribuições em minha banca de qualificação, que me auxiliaram na realização da pesquisa, desde a coleta até a análise dos dados.

Ao professor Jorge Sarriera e novamente à Mariana Bonomo pela participação na banca de defesa do Mestrado, com comentários e sugestões fundamentais para a concretização desta dissertação.

A TODOS os integrantes e colaboradores, estudantes e professores, que passaram pela RedePso (Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social), especialmente às professoras coordenadoras: Zeidi Araujo Trindade, Maria Cristina Smith Menandro e Célia Regina Rangel Nascimento. Tem sido um privilégio poder, ao longo destes seis anos, compartilhar as mais diversas experiências (de pesquisa e de vida) com vocês!

A André Mota e a Flávio Mendes pela paciência em me ajudar a “desvendar os mistérios” do *software* ALCESTE e pela disponibilidade com a qual pude contar em momentos diversos da pesquisa.

À Mariana Bonomo: amiga, exemplo, companheira desde o início da iniciação científica com as comunidades ciganas até hoje. Sua importância para a concretização desta dissertação é imensurável. Tudo o que aprendi com você ao longo destes anos de convivência, especialmente a sua ética e a sua solidariedade, tento carregar comigo sempre!

Ao CNPq, pela bolsa concedida durante o Mestrado, sem a qual não seria possível a dedicação exclusiva à pesquisa.

E, claro, não poderia deixar de agradecer a todas as pessoas, imigrantes e descendentes, que participaram desta pesquisa. Muito obrigada por se disponibilizarem a dividir suas histórias, suas vidas e seu tempo comigo! Sem vocês este trabalho não teria sido realizado. Obrigada!

“Ao atravessarem as rígidas fronteiras políticas deste lugar em busca de sua sobrevivência – fosse ela financeira, profissional ou mesmo afetiva – eles elastizaram seus próprios limites identitários” (Cunha, 2007, p. 190).

RESUMO

Brasil, J. A. (2012). *Latino-americanos e europeus no Brasil: analisando processos migratórios e identitários no estado do Espírito Santo*. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

Atualmente, com o fenômeno da globalização, presenciamos diversas mudanças em termos globais, a exemplo da maior conexão entre as diferentes regiões e países do mundo. Um dos aspectos mais relevantes deste processo é a migração de pessoas entre diferentes países. Dessa forma, considerando-se a importância dos fluxos migratórios para a constituição da população brasileira, esta pesquisa objetivou conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos e europeus que migraram para o Brasil e também descendentes de pessoas dessas nacionalidades, que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Para tanto, a partir do referencial da Teoria da Identidade Social, foram realizadas 37 entrevistas (14 latino-americanos, 6 descendentes de latino-americanos, 12 europeus e 5 descendentes de europeus), com sujeitos de ambos os sexos e com idade acima de 18 anos. Utilizou-se roteiro semiestruturado, contendo dados sócio-demográficos, bem como questões sobre as razões da migração, o processo de adaptação ao Brasil e os estereótipos acerca da sociedade brasileira e do país de origem dos migrantes. Os dados foram organizados através do *software* ALCESTE e da Análise de Conteúdo. Os resultados evidenciam que a migração para o Brasil possui um caráter diferenciado para latino-americanos e europeus, visto que, para estes, sua vinda ao país foi decorrente dos relacionamentos amorosos que aqui estabeleceram e, já para aqueles, foi motivada pela existência de recursos disponíveis no país, como as bolsas de estudo. A inserção e adaptação destes estrangeiros ao Brasil também é diferenciada, de modo que os europeus experimentam uma valorização por parte dos brasileiros, enquanto muitos latino-americanos relataram ter passado por situações de discriminação. Tanto imigrantes quanto descendentes vivenciam um constante diálogo entre diferentes culturas e tendem a valorizar positivamente o seu grupo de pertença, considerando-se que esta pertença pode ser múltipla e variar segundo os diferentes contextos de inserção. Nesse sentido, sejam imigrantes ou descendentes, europeus ou latino-americanos, o objetivo maior dos indivíduos com relação ao processo de construção identitária é manter sua distintividade social positiva, utilizando-se das estratégias que considerarem pertinentes em cada situação a fim de atingir este propósito. Destaca-se a importância da realização de mais estudos, especialmente na área da Psicologia Social, que envolvam migrações internacionais e considerem a complexidade deste fenômeno, abordando-o de forma ampliada e multidisciplinar, a fim de contribuir para a construção de políticas públicas mais coerentes com a realidade vivida por imigrantes e descendentes, não apenas no estado do Espírito Santo, mas em todo o Brasil.

Palavras-chave: América Latina. Brasil. Europa. Identidade Social. Migração.

ABSTRACT

Brasil, J. A. (2012). *Latin Americans and Europeans in Brazil: analyzing migratory and identity processes in the state of Espírito Santo*. Masters Degree Thesis, Psychology Post Graduation Program, Federal University of Espírito Santo, Vitória, Espírito Santo.

Nowadays, with the phenomenon of globalization, we have witnessed several global changes such as the bigger connection between different regions and countries of the world. One of the most relevant aspects of this process is the migration of people from one country to another. This way, considering the importance of the migratory fluxes for the constitution of the Brazilian population, this research aimed to know the identity processes bind to Latin American and European immigrants who have moved to Brazil - including people who are descendants of these nationalities – who currently live in the state of Espírito Santo. Therefore, having the referential of the Social Identity Theory (SIT) as a starting point, 37 interviews were made (14 Latin Americans, 6 Latin American descendants, 12 Europeans, and 5 Europeans descendants) with participants of both sexes and older than 18 years. The script used was a semi-structured one, containing social-demographic data as well as questions regarding the reasons of migration, the process of adaptation to Brazil and the stereotypes about Brazilian society and the native country of the migrants. The data were organized through the ALCESTE software and Content Analysis. The results indicate that there are differences in the migration and identity processes of Latin Americans and Europeans – for these, their coming to Brazil was a result of romantic relationships established here; but for those, their coming was motivated by the existence of available resources such as scholarships in the country. The insertion and adaptation of these foreigners to Brazil is also differentiated between them – the Europeans having experienced appreciation from the Brazilian people, while many Latin Americans reported having gone through discriminative situations. Both groups of immigrants and their descendants experiment a constant dialogue between different cultures and tend to value positively their group of belonging, considering that this membership might be multiple and vary according to the different contexts of insertion. In that sense, whether they are immigrants or descendants, Europeans or Latin Americans, the individuals' biggest goal regarding the process of building an identity is preserving their positive social distinctiveness, making use of strategies which they find appropriate to each situation in order to achieve that purpose. Stands out the importance of the conduction of further studies – especially in the Social Psychology field – about international migrations and which consider the complexity of such event, approaching it in a broad and multidisciplinary way, in order to contribute to the construction of more coherent public policies with the reality experienced by immigrants and descendants, not only in the state of Espírito Santo, but all over Brazil.

Key-words: Latin America. Brazil. Europe. Social Identity. Migration.

LISTA DE FIGURAS

Estudo 1: Imigração e processos identitários: um estudo exploratório com latino-americanos e descendentes no estado do Espírito Santo

Figura 1: Dendrograma referente à LAM 1..... 48

Figura 2: Dendrograma referente à LAM 2 59

Estudo 2: Da Europa para o Brasil: uma análise dos processos identitários de imigrantes europeus e descendentes no Espírito Santo

Figura 1: Dendrograma referente à EUR 1..... 78

Figura 2: Esquema empírico e teórico do estudo a partir da TIS..... 82

Figura 3: Dendrograma referente à EUR 2 86

Estudo 3: Latino-americanos e europeus no Brasil: analisando processos migratórios e identitários no estado do Espírito Santo

Figura 1. AFC Latino-americanos. Formas reduzidas; variáveis “estado civil”, “tempo de residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; eixos e polos no plano fatorial 106

Figura 2. AFC Europeus. Formas reduzidas; variáveis “estado civil”, “tempo de residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; eixos e polos no plano fatorial 109

Figura 3: Esquema do processo migratório de latino-americanos e europeus para o Brasil.....112

LISTA DE TABELAS

Estudo 1: Imigração e processos identitários: um estudo exploratório com latino-americanos e descendentes no estado do Espírito Santo

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes 44

Tabela 2: Elementos associados ao ingroup e outgroup..... 55

Estudo 2: Da Europa para o Brasil: uma análise dos processos identitários de imigrantes europeus e descendentes no Espírito Santo

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes 75

Estudo 3: Latino-americanos e europeus no Brasil: analisando processos migratórios e identitários no estado do Espírito Santo

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes 103

Discussões

Tabela 1: Síntese dos principais resultados referentes ao grupo dos latino-americanos e dos europeus 130

Tabela 2: Síntese dos principais resultados referentes ao grupo dos descendentes de latino-americanos e dos descendentes de europeus 132

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
1 – INTRODUÇÃO	17
1.1 - <i>Considerações sobre migração e cultura</i>	17
1.2 - <i>Cultura e migração no Brasil</i>	24
1.3 - <i>A Teoria da Identidade Social</i>	28
2 - JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DO ESTUDO.....	37
3 - ESTUDOS	39
3.1 - <i>Estudo 1 - Imigração e processos identitários: um estudo exploratório com latino-americanos e descendentes no estado do Espírito Santo</i>	39
3.2 - <i>Estudo 2 - Da Europa para o Brasil: uma análise dos processos identitários de imigrantes europeus e descendentes no Espírito Santo</i>	70
3.3 - <i>Estudo 3 - Latino-americanos e europeus no Brasil: analisando processos migratórios e identitários no estado do Espírito Santo</i>	977
4 - DISCUSSÃO	1299
5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	1344
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	1388
APÊNDICES	1466
<i>Apêndice A – Roteiro de entrevista para europeus e latino-americanos</i>	1466
<i>Apêndice B – Roteiro de entrevista para descendentes de europeus e latino-americanos</i>	1499
<i>Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido</i>	1522

APRESENTAÇÃO

Para melhor explicar o meu interesse em realizar um Mestrado em Psicologia, focalizando a Psicologia Social, é necessário remontar ao início do curso de graduação em Psicologia e retrazar um pouco do meu percurso ao longo do curso, que teve influência direta nesta minha escolha. Iniciei a graduação na UFES em 2005 ainda com poucos conhecimentos sobre as diferentes abordagens existentes na Psicologia, porém com certo interesse pela área acadêmica, agradava-me a ideia de dar aula algum dia. Em 2006, durante o 3º período do curso, tivemos uma disciplina chamada Psicologia Social I, e nela eu e meu grupo realizamos um trabalho sobre o tema “pesquisa”. E a partir de então tive contato com um núcleo de pesquisa em Psicologia Social (antigo NUPESSES; atualmente chamado RedePso - Rede de Estudos e Pesquisas em Psicologia Social), coordenado pela Prof. Dra. Zeidi Araujo Trindade, pela Prof. Dra. Maria Cristina Smith Menandro e pela Profa. Dra. Célia Regina Rangel Nascimento. Ainda neste mesmo semestre entrei para este projeto, do qual faço parte até o momento.

Na RedePso comecei a estudar sobre processos psicossociais relacionados a gênero, cultura, saúde, violência, entre outros temas. Ademais, passamos a aprender sobre a Teoria das Representações Sociais (TRS) e, posteriormente, a Teoria da Identidade Social (TIS). E, além dos momentos de discussões teóricas, também comecei a participar de pesquisas realizadas pela Rede, o que foi de fundamental importância para minha formação e para o aumento do meu interesse pela área de pesquisa, especialmente a pesquisa em Psicologia Social.

No ano de 2007, iniciei um projeto de Iniciação Científica, orientado pelo Prof. Dr. Lídio de Souza e co-orientado pela Dra. Mariana Bonomo, abordando a questão da Identidade Social de grupos ciganos do estado, projeto este que demos continuidade, com mais um ano de Iniciação Científica, até julho de 2009. Esta foi uma experiência única de contato com uma

cultura diferente, uma oportunidade de compreender melhor a TIS, e também de aprender mais sobre o processo de realização de uma pesquisa.

Assim, a partir de experiências como estas que mencionei acima, vividas não apenas no âmbito da Universidade, mas em momentos outros da vida, como em viagens (posso me qualificar como uma “mochileira”), em cursos de línguas, enfim, no contato com diferentes “outros”, fez-se cada vez maior o interesse por estudar as relações entre diferentes culturas. Nesse sentido, a escolha deste tema se deu pela vontade de aprofundar meus estudos sobre a TIS, e por ter vivenciado o contato com pessoas de diferentes culturas, o que me fez querer entender melhor os processos identitários que estão em jogo quando do contato e convivência entre estes “diferentes”, entres estes “outros”.

Dessa forma, pautando-se no desejo de estudar este tema, fomos delimitando os objetivos da pesquisa e definindo o perfil dos sujeitos que dela participariam. Por fim, decidimos investigar os processos identitários vinculados a imigrantes e descendentes latino-americanos e europeus, residentes no estado do Espírito Santo. A fim de atingir tal objetivo principal, a dissertação foi composta por três estudos independentes, porém interligados para compor o todo, de modo que a organização da dissertação se dará da seguinte maneira.

Primeiramente será apresentada uma introdução geral, comum aos três estudos, discutindo os principais aspectos referentes ao objeto de estudo e à teoria utilizada, além de definir os objetivos da pesquisa. Em seguida, procederemos à apresentação dos estudos, dispostos em formato de artigo. No Estudo 1 abordamos os processos identitários relativos aos latino-americanos e aos descendentes e, no Estudo 2, analisamos estes processos para os participantes europeus e os descendentes de europeus. Já no Estudo 3 efetuamos uma comparação entre os processos migratórios e identitários de europeus e latino-americanos, analisando as estratégias que estes imigrantes utilizam para manter uma distintividade positiva. Por fim, realizamos uma discussão conjunta sobre os três estudos, destacando suas

principais contribuições. Com relação às referências bibliográficas, aquelas presentes na introdução e na discussão geral foram disponibilizadas ao final da dissertação e, já as referências utilizadas em cada estudo, foram apresentadas no término dos próprios estudos.

Finalmente, com relação aos apêndices apresentados (roteiros de entrevista e termos de consentimento), estes foram dispostos ao final da dissertação, e não ao final de cada estudo, visto o formato de artigo científico de acordo com o qual os três estudos foram escritos.

Tendo em vista essas informações acerca do formato do trabalho, avaliamos ser importante tecer, neste espaço de apresentação, algumas considerações acerca do processo de construção da pesquisa que deu origem a esta dissertação. Ao longo do caminho que percorremos para concretizar esta pesquisa, nos deparamos com algumas dificuldades e limitações, especialmente no momento da coleta dos dados. Ao iniciarmos a pesquisa, quando definimos as características dos participantes que procurávamos, já esperávamos que não fosse fácil encontrá-los, contudo, não imaginávamos que a tarefa seria tão difícil. Inicialmente, nos propusemos a entrevistar 10 indivíduos de cada grupo (latino-americanos, descendentes de latino-americanos, europeus e descendentes de europeus), somando um total de 40 participantes. Porém, como havíamos utilizado como critério de seleção a língua dos entrevistados (latino-americanos de língua espanhola e europeus de língua germânica) e o tempo mínimo de 2 anos de residência no Brasil, tornou-se difícil atingir o número esperado de participantes. Vale ressaltar que a utilização da língua como critério de seleção dos participantes se deu devido à possibilidade de agrupar indivíduos oriundos de países com certas semelhanças e, ao mesmo tempo, diferenciá-los de indivíduos provenientes de outros países, o que nos permitiria conhecer possíveis diferenças nos processos migratórios e identitários de cada grupo, conforme explicamos em cada um dos estudos.

Assim, fizemos uso de diferentes mecanismos a fim de encontrar estes indivíduos. Entramos em contato com os consulados existentes no estado, porém eles não puderam nos fornecer informações sobre as pessoas por eles atendidas, visto que seus dados eram confidenciais; fomos a instituições que oferecem cursos de idiomas, conversamos com a coordenação e com os professores destas instituições para obter contatos de estrangeiros que estivessem cursando aulas de “português para estrangeiros” ou mesmo contatos pessoais destes profissionais. Esta foi uma boa tática, visto que conseguimos encontrar alguns participantes a partir destas turmas para estrangeiros.

Além disso, acionamos nossa rede de relacionamentos, seja pessoalmente ou através da internet, com o envio de mensagens eletrônicas em diversas redes sociais. Esta última estratégia mostrou-se como a mais eficiente, pois, por meio dela conseguimos encontrar a maioria dos participantes (estrangeiros e descendentes) e eles passaram a nos indicar outros possíveis participantes para a pesquisa (método “bola de neve”). Observamos, também, que estabelecer o primeiro contato com os “participantes em potencial” por meio de emails ou mensagens em outras redes sociais, ao invés de por telefone ou pessoalmente, foi uma forma mais apropriada de poder explicar os objetivos e procedimentos da pesquisa e, principalmente, de proporcionar um maior tempo para que estes indivíduos refletissem sobre sua decisão de participar ou não e para formularem perguntas sobre quaisquer dúvidas que tivessem acerca da entrevista e do estudo, de modo geral.

Então, a partir dessas diferentes estratégias utilizadas para encontrar participantes para a pesquisa, e, após um longo período de coleta de dados, que durou quase um ano, conseguimos realizar 37 entrevistas: 14 latino-americanos, 6 descendentes de latino-americanos, 12 europeus e 5 descendentes de europeus.

Outra peculiaridade do processo de coleta dos dados foi o idioma dos entrevistados. Desde o primeiro contato estabelecido, nos certificávamos da compreensão que estes

participantes possuíam da língua portuguesa, a fim de que ficassem claros os objetivos da pesquisa e caso eles não compreendessem algo que fora falado, explicaríamos na língua de sua preferência. Isto ocorreu em apenas duas situações, com um participante inglês e com outro alemão, que preferiram ouvir as explicações sobre o estudo e realizar a entrevista em língua inglesa.

Durante as 26 entrevistas com os imigrantes a comunicação se deu forma fluida, no entanto, no momento da transcrição das gravações tivemos algumas dificuldades para entender determinadas falas dos entrevistados, seja pelo sotaque com o qual não estávamos muito acostumados (e que parece se acentuar, quando não estamos diante da pessoa, mas somente ouvindo sua voz) ou pelo uso de expressões em outros idiomas, intercaladas nas falas.

As entrevistas tiveram um caráter de conversa, visto que a entrevistadora havia memorizado o roteiro de entrevista e efetuava intervenções na fala de cada participante conforme fosse necessário, respeitando o ritmo de cada um ao contarem suas histórias.

Ainda referente ao momento de realização das entrevistas, consideramos importante destacar que, em alguns momentos, especialmente para os latino-americanos, houve a mobilização de conteúdos afetivos, que causaram emoção a alguns destes participantes. Em uma das entrevistas, uma participante latino-americana se emocionou ao relatar o seu processo de estabelecimento no Brasil, durante o qual enfrentou dificuldades para se inserir na realidade do país, como veremos adiante ao longo dos estudos. Em outra situação, também com uma participante latino-americana, após a realização da entrevista, ela entrou em contato com a pesquisadora, informando que havia repensando algumas questões de sua vida e que havia decidido pedir férias do seu trabalho no Brasil, a fim de voltar ao seu país de origem para retomar o contato com sua mãe, com a qual havia cortado relações desde sua vinda ao país.

Ressaltamos que, situações como estas, em que há evocação de conteúdos afetivos por parte dos participantes, já eram esperadas durante esta pesquisa, visto que se trata de um tema que envolve a história de vida dessas pessoas, com as dificuldades e vitórias pelas quais elas passaram no seu processo migratório. Consideramos, no entanto, que essa pesquisa não produziu conteúdos que causassem danos à vida destes indivíduos, oferecendo riscos mínimos aos seus participantes.

Com relação às transcrições das entrevistas, estas também se constituíram num processo exaustivo, que demandou bastante tempo, visto que a própria entrevistadora realizou todas as entrevistas e suas transcrições. O tempo médio de duração das entrevistas foi de uma hora e meia, sendo que o tempo mínimo foi de 30 minutos e o máximo de 3 horas e meia. Apesar de trabalhoso, consideramos extremamente proveitoso o período dedicado à condução das entrevistas e à sua transcrição, pois possibilitou maior familiaridade com os dados obtidos, o que facilitou sua organização e análise.

Dessa forma, não só de dificuldades foi composto este caminho, mas também de momentos de realização e satisfação por estar realizando estes estudos. Ficamos muito contentes com a disponibilidade das pessoas com as quais entramos em contato: a maioria aceitou prontamente participar da pesquisa, e, aqueles que não o fizeram, em geral foi devido a desencontros de horários, viagens ou demais compromissos.

Diante desta breve apresentação sobre a pesquisa realizada, seguimos com a introdução teórica sobre os principais elementos abordados ao longo dos estudos que compõem a dissertação.

1 – INTRODUÇÃO

1.1 - Considerações sobre migração e cultura

Atualmente, com o fenômeno da globalização, presenciamos diversas mudanças em termos globais, a exemplo da maior conexão entre as diferentes regiões e países do mundo (Hall, 2006; Martine, 2005). A globalização caracteriza-se como o “processo pelo qual a vida social e cultural nos diversos países do mundo é cada vez mais afetada por influências internacionais em razão de injunções políticas e econômicas” (Houaiss & Villar, 2001, p. 1457). Dessa forma, além das transformações em termos econômicos e políticos, este fenômeno produz mudanças em diversos aspectos de nossas vidas, visto que o “processo é de caráter multidimensional”, e seu impacto “se faz sentir concomitantemente em termos políticos, culturais, sociais, ambientais e mesmo demográficos” (Martine, 2005, p. 5).

Este processo, no entanto, não ocorre de forma uniforme em todo o mundo. Pautada nos preceitos do neoliberalismo, a globalização, muitas vezes, acaba por acentuar as desigualdades entre os países desenvolvidos e aqueles subdesenvolvidos ou em desenvolvimento. Assim, o contexto de globalização contribui para a migração de pessoas entre os diferentes países em busca de melhores condições de vida (M. G. Castro, 2006; Froese, 2010; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006). Esta procura por uma vida melhor pode ter significados diferentes para cada indivíduo, havendo diversos motivos que os levem a migrar, como oportunidades de estudos ou emprego, relacionamentos familiares e amorosos, ou, ainda, podem existir migrações involuntárias, forçadas, devido, por exemplo, a guerras (Avila, 2007; Froese, 2010; Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005; Tassara & Rabinovich, 2007).

Tendo em vista tais considerações, é importante ressaltar que, assim como a globalização é um processo situado dentro do contexto em que vivemos e sócio-

historicamente construído, as migrações também o são. As migrações não são um processo recente e exclusivo do atual período de globalização em que vivemos, mas são parte da nossa história e da constituição das culturas dos diferentes povos do mundo (Hasse, 2007; Rodrigues, 2006; Sarriera et al., 2005). As migrações se constituem, portanto, num fenômeno social que envolve a movimentação de pessoas entre diferentes lugares, de forma definitiva ou temporária (Avila, 2007), e também as mudanças ocorridas na vida destes indivíduos ao longo do processo migratório e dos contatos que estabelecem nos locais de origem e de destino (Sarriera et al., 2005). Nesse sentido, considerando-se que “a maioria das consequências socioeconômicas da migração é dupla ou contraditória, dependendo da ótica, do momento e da situação” (Martine, 2005, p.11), ela possui vantagens e desvantagens tanto para os indivíduos que migram e para seus países de origem, quanto para os países de destino destes migrantes.

Para aqueles que migram, este processo pode proporcionar oportunidades de mobilidade e ascensão social que, provavelmente, não conseguiriam em seu país de origem, além de possibilitar novas vivências e o aprendizado de outras habilidades e ideias. Ademais, estes indivíduos geralmente enviam remessas financeiras às suas famílias que permaneceram no país de origem, o que pode dinamizar a economia destes países. Porém, apesar destes aspectos positivos, os países de origem dos migrantes podem sofrer uma perda de recursos humanos, especialmente daquelas pessoas consideradas mais criativas, trabalhadoras e qualificadas. E, para os que migram, é comum que passem por dificuldades de adaptação à cultura do novo país, além de, em determinados contextos, enfrentarem situações de discriminação e xenofobia nos países para os quais migraram (Martine, 2005).

Já para os países de destino dos migrantes, a chegada destes indivíduos pode revitalizar sociedades em que a maioria da população encontra-se envelhecida, bem como propiciar um montante de recursos humanos a baixo custo, a fim de ocupar cargos geralmente

indesejados pela população local. No entanto, a migração pode acarretar competições por empregos entre migrantes e habitantes locais, e gerar conflitos sociais e raciais, que podem afetar a segurança nacional destes países (Martine, 2005). Desse modo, o medo e a intolerância existentes em muitos países desenvolvidos que são receptores de migrantes, se concretizam, frequentemente, em políticas protecionistas e contrárias à migração (M. G. Castro, 2006; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006). Assim,

o estímulo massivo à migração internacional, provocado pela globalização, não é acompanhado por um aumento correspondente de oportunidades porque os países que atraem migrantes bloqueiam sistematicamente sua entrada. [...] As fronteiras abrem-se para o fluxo de capitais e mercadorias, mas estão cada vez mais fechadas aos migrantes: essa é a grande inconsistência que define o atual momento histórico no que se refere às migrações internacionais (Martine, 2005, p.8).

Verifica-se, portanto, um reforço de movimentos xenófobos e racistas em locais como os EUA e alguns países da Europa Ocidental, especialmente após os ataques terroristas ocorridos em 11 de setembro de 2001, levando a uma rejeição dos imigrantes e à difusão de atitudes contrárias às migrações (M. G. Castro, 2006; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006). Segundo dados da Organização Internacional para as Migrações (OIM), em relatório divulgado no ano de 2011, intitulado “World Migration Report 2011”, com dados de uma pesquisa realizada no ano de 2002 em 44 países, a migração foi considerada como um “grande problema” em diversos países, especialmente na América Latina. Já outra pesquisa, também citada neste relatório, conduzida em 47 países no ano de 2007, mostrou que a maioria das pessoas gostaria que seus governantes restringissem e controlassem a imigração para seus países.

Essas dificuldades de inserção que os imigrantes passam em países desenvolvidos, principalmente em decorrência de atitudes de intolerância e xenofobia, têm sido bastante estudadas nas últimas décadas no Brasil, especialmente por causa da inserção brasileira (e de toda a América Latina) no contexto das migrações internacionais, a partir da década de 1980, constituindo-se também como país remetente de migrantes e não apenas receptor, como o foi ao longo do seu processo de construção (Assis, 2004; M. G. Castro, 2006; Correia & Neves, 2010; Fusco, 2006; Magolis, 2008; Martes, 2004; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006; Piscitelli, 2007; Rial, 2008; Sales, 1991).

Apesar destas dificuldades, observamos atualmente um grande contingente de migrantes internacionais no mundo, cerca de 214 milhões, de acordo com estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU, 2009). Contudo, é importante ressaltar que muitos dados, não apenas desta organização, mas de todos os órgãos internacionais, podem apresentar imprecisões, pois existem muitos migrantes que não estão presentes nestes dados oficiais (Franken, Coutinho & Ramos, 2009).

Ao falarmos sobre processos migratórios é importante também tecermos algumas considerações acerca do conceito de cultura. Não há um consenso sobre a sua definição, visto que a cultura é “complexa, dinâmica e fluida”, de modo que “nenhuma definição única de cultura consegue capturar totalmente a riqueza desse conceito” (Chiu & Hong, 2006, p.16, tradução nossa). A utilização do termo cultura possuiu diferentes significados ao longo da história. No século XIX, o antropólogo Edward Tylor sintetizou os termos “civilization” (termo francês referente aos aspectos materiais conquistados por um povo) e “Kultur” (termo alemão que diz respeito aos aspectos espirituais) para formar o termo inglês “culture”, por meio do qual se entendia a cultura como um conjunto de crenças, costumes, conhecimentos adquiridos pelos indivíduos enquanto membros de um grupo (Laraia, 2001).

Esta definição de cultura proposta por Tylor foi considerada a primeira definição deste termo do ponto de vista antropológico, no entanto, ela portava um caráter etnocêntrico e discriminatório, em que prevalecia “a ideia de que a cultura desenvolve-se de maneira uniforme, de tal forma que era de se esperar que cada sociedade percorresse as etapas que já tinham sido percorridas pelas ‘sociedades mais avançadas’” (Laraia, 2001, p.34-35). Após esta formulação do conceito de cultura sintetizada por Tylor, várias outras definições deste termo foram propostas¹, utilizaremos aqui a concepção sugerida por Geertz (2008), segundo a qual a cultura

é melhor vista não como complexos de padrões concretos de comportamento – costumes, usos, tradições, feixes de hábitos -, como tem sido o caso até agora, mas como um conjunto de mecanismos de controle – planos, receitas, regras, instruções (o que os engenheiros de computação chamam “programas”) – para governar o comportamento (p.32).

Segundo esta perspectiva, a cultura se constitui num sistema simbólico, num conjunto de teias de significados que os homens tecem e às quais se prendem, de modo que, através deste conjunto de símbolos, seja possível interpretar o mundo. Dessa forma, somos geneticamente programados para receber este “programa” chamado cultura, e, como é característica humana atribuir significados e sentidos a tudo no mundo, não existiria homem sem cultura, nem cultura sem homem (Geertz, 2008).

Além do conceito de cultura, quando discutimos sobre migrações, especialmente entre diferentes países, parece ser importante, ainda, discorrer sobre o fenômeno da aculturação. Contudo, é válido destacar que, como o objetivo desta dissertação é analisar os processos

¹ Para aprofundar a discussão acerca do desenvolvimento do conceito de cultura, ver: Laraia, R. B. (2001). *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

identitários vinculados aos imigrantes vindos para o Brasil, ao longo dos três estudos que a compõem, utilizaremos o conceito de aculturação apenas em determinados momentos, como um recurso para discutir o processo de adaptação destes imigrantes ao país e não como um referencial teórico que direcione os objetivos da análise.

Segundo a definição proposta por Redfield, Linton e Herskovits (1936), citada por Berry (2001), a aculturação é um processo que pressupõe o contato entre dois ou mais grupos, resultando em transformações culturais em ambos os grupos, porém, especialmente para os grupos não dominantes ou “inferiores”, a exemplo dos imigrantes (Berry, 2001). Com o intuito de avaliar as estratégias de aculturação que os indivíduos dos grupos utilizam, Berry (2001) propõe um modelo que engloba as estratégias que os imigrantes e a sociedade que os recebem podem adotar, isto supondo que as pessoas podem escolher quais delas utilizar, o que, como o próprio autor aponta, nem sempre ocorre. Primeiro, com relação aos imigrantes, ele destaca quatro estratégias: assimilação, separação, integração e marginalização.

A assimilação acontece quando os indivíduos optam por não manter sua cultura e procuram interagir com outras culturas, assimilando-as. A separação se dá quando os indivíduos evitam se relacionar com outros grupos e mantêm a cultura do seu grupo. Já quando os sujeitos optam por manter aspectos da sua cultura e também se relacionar e adotar alguns aspectos da outra cultura que os recebe, dizemos que é aplicada a estratégia de integração. Por fim, a estratégia de marginalização é utilizada quando os indivíduos não querem manter a sua própria cultura (talvez por não se identificarem com ela), mas também não desejam incorporar a cultura que os recebe (talvez por terem sofrido discriminação). Segundo Berry (2001), a estratégia de integração seria a mais interessante para ambos os grupos, porém, para que ela aconteça, é necessário que os grupos (o dominante e o não dominante) sejam tolerantes às diferenças e que ambos adotem alguns valores da cultura do grupo oposto.

As quatro estratégias apresentadas para os imigrantes, quando vistas sob a ótica do grupo dominante, recebem outras nomeações. A assimilação pode ser chamada de “melting pot”, uma espécie de mistura, de “caldeirão”, situação na qual os indivíduos imigrantes são induzidos a adotar os preceitos da cultura dominante (Huayhua, 2007). Já a separação, quando ela é demandada pelo grupo dominante, torna-se segregação. A marginalização, quando também imposta pelo grupo dominante, vira exclusão. E a integração, quando pretendida pela sociedade como um todo, pode ser chamada de multiculturalismo (Berry, 2001).

Estudos sobre aculturação destacam que fatores como o perfil dos imigrantes e do grupo que os recebe (faixa etária, escolaridade, sexo, classe social, estado civil, etc); as condições em que se deu a migração de um grupo; as redes sociais estabelecidas pelos imigrantes, entre outros fatores, podem mediar este complexo processo que é a aculturação e proporcionar experiências diferentes para cada indivíduo (Froese, 2010; Huayhua, 2007; Moon & Mcleod, 2003; Sarriera et al., 2005; Silva, 2005).

Finalmente, faz-se necessário ressaltar que estas concepções que expusemos acerca da aculturação não são consensuais entre os pesquisadores desta área. Rudmin (2006, 2010) argumenta que as pesquisas sobre aculturação que estão sendo produzidas nas últimas décadas têm gerado informações confusas e circulares sobre este fenômeno. Dessa forma, este autor sugere que, para que ocorra um avanço nas pesquisas neste campo, aqueles pesquisadores que passaram pelo processo de aculturação possam refletir sobre suas experiências, com o intuito de apontar novas direções para o estudo da diversidade deste fenômeno. Pesquisas como estas já têm sido realizadas por alguns autores, como é o caso de Froese (2010), alemão, filho de mãe coreana e pai alemão, que viveu experiências de aculturação e se baseou nestas vivências para conduzir seus estudos na área.

Nesta seção apresentamos um breve panorama acerca da discussão sobre cultura e migração no mundo atual. A seguir, focalizaremos a apresentação destas temáticas em contexto brasileiro, evidenciando o processo de construção da nação.

1.2 - Cultura e migração no Brasil

Com relação à realidade brasileira, pensar em cultura no Brasil é falar sobre a heterogeneidade, sobre a variedade cultural que faz parte da constituição do povo brasileiro, a qual se deu por meio da interação entre diferentes grupos étnicos (Fleuri, 2000; Queiroz, 1989; Schwarcz, 1995). Esta interação entre diferentes culturas no Brasil foi proporcionada a partir dos fluxos migratórios para o país, sobre os quais discutiremos brevemente a seguir.

Primeiramente, houve a chegada dos imigrantes portugueses ao Brasil na época da colonização das Américas, a partir do século XV. Assim, os portugueses iniciaram a colonização do país, submetendo as populações indígenas à sua cultura e ao trabalho na lavoura canavieira. Em seguida, a partir do século XVI, para além da população nativa, passou-se a utilizar a mão de obra escrava dos negros trazidos da África, havendo uma migração forçada desta população (Fleuri, 2000; Levy, 1974).

Mais adiante, em meados do século XIX, imigrantes vindos da Ásia, do Oriente Médio e, principalmente, da Europa chegam ao Brasil a fim de atuarem como trabalhadores livres, sobretudo nas lavouras cafeeiras. Neste momento, o Brasil realizava sua transição tardia do sistema escravocrata para o sistema capitalista e começava a se inserir na política migratória internacional, o que já havia sido feito por alguns países da América (Fleuri, 2000; Huayhua, 2007; Levy, 1974). Dessa forma, após a independência do Brasil, em 1822, inicia-se uma política imperial voltada para a execução de medidas que possibilitassem a construção de um Estado homogêneo, coeso e uniforme, garantindo a manutenção do poder da elite brasileira

(Beneduzi, 2011). Realiza-se, assim, o “gerenciamento das diferenças com o intuito de uniformizá-las de acordo com o padrão dominante vigente” (Moya & Silvério, 2009, p.243).

Nesse sentido, a tentativa de efetivação desta homogeneização foi realizada por meio de estratégias que promovessem o branqueamento da população brasileira, como a vinda de imigrantes europeus para o país (Beneduzi, 2011; Beneduzi & Vecchi, 2010; Moya & Silvério, 2009; Ribeiro, 1995). Para este fim, aumentou-se a propaganda sobre o Brasil nos países europeus e foi executada uma prática de aliciamento de trabalhadores nestes países (Beneduzi, 2011). Estas medidas, associadas à situação política e econômica vigente na Europa, que tornava sua população “excedente e exportável a baixo preço” (Ribeiro, 1995, p. 221), permitiram um intenso fluxo de imigrantes europeus para o Brasil, que substituíram a mão de obra escrava nas lavouras.

Desse modo, a vinda destes imigrantes considerados “desejáveis”, “ideais”, evidenciava “a vontade brasileira de aproximar-se das grandes nações europeias, marca importante de uma nação que nasce e se desenvolve de costas para a América Latina e voltada para a Europa” (Beneduzi, 2011, p. 5). Destaca-se que estes processos envolvidos na imigração europeia para o Brasil e no branqueamento da população brasileira se desenvolveram apoiados em processos velados de exclusão e discriminação dirigidos a negros e indígenas que viviam no país, numa tentativa de reforçar a ideia do Brasil como um lugar “de todos”, em que todas as raças e etnias são igualmente aceitas, construindo o “mito da democracia racial” brasileira (Beneduzi, 2011; Beneduzi & Vecchi, 2010; Moya & Silvério, 2009; Ribeiro, 1995).

Levy (1974), em seu estudo sobre a migração internacional no Brasil entre os anos de 1872 e 1972, verificou que nestes cem anos cerca de 5.350.890 imigrantes vieram para o Brasil, dos quais a maioria era de origem portuguesa (31,06%), seguidos de italianos (30,32%), espanhóis (13,38%), japoneses (4,63%), alemães (4,18%), e pessoas de outras

nacionalidades (16,42%). Contudo, houve alterações no perfil dos imigrantes vindos para o Brasil nos últimos anos. Patarra (2005) analisou os resultados dos Censos Demográficos de 1991 e 2000, conduzidos pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), e observou um aumento no contingente de imigrantes originários de outros países da América Latina residentes no país no momento de realização do Censo Demográfico de 2000². Estes latino-americanos representavam 45,16% (44.490 mil) dos imigrantes residentes no Brasil naquela época, seguidos dos europeus, com 23,21% (22.974 mil), asiáticos, com 17,44% (17.183 mil) e norte-americanos, que representavam 9,14% (9.008 mil) destes imigrantes.

Atualmente, no Brasil, segundo os dados do último Censo Demográfico realizado no ano de 2010 (IBGE, 2011), existem 433.428 mil estrangeiros vivendo no país, que, somados aos 163.308 mil brasileiros naturalizados, perfazem um total de 596.736 mil indivíduos nascidos no exterior e residentes no Brasil (cerca de 0,32 % da população brasileira). Estes dados, no entanto, apresentam grande discrepância com relação aos dados divulgados pelo Ministério da Justiça (2011), segundo o qual, até o mês de junho do ano de 2011 havia no país um total de 1.466 milhão de imigrantes estrangeiros regulares no país, representando um aumento de quase 50% com relação ao mesmo mês do ano anterior, 2010, em que havia 961,8 mil estrangeiros regulares no Brasil.

Provavelmente, as razões para a diferença existente entre os números divulgados por estes órgãos deve-se ao fato de que dados provenientes de censos demográficos acerca da migração internacional possuem certas limitações, tendendo a subestimar o número de imigrantes no país, devido à dificuldade de identificar os estrangeiros que se encontram em situação irregular e à omissão destes imigrantes sobre sua situação durante a entrevista censitária (Avila, 2007; Patarra & Baeninger, 2006). Apesar destas limitações, adotaremos

² Utilizamos aqui os dados referentes aos Censos Demográficos de 1991 e 2000, analisados por Patarra (2005), pois, até o presente momento, ainda não foram divulgados dados sobre a procedência dos imigrantes no Brasil com relação ao Censo de 2010. Dispomos apenas dos dados preliminares da amostra acerca dos números gerais da imigração no país e em suas regiões, divulgados pelo IBGE (2011).

neste estudo as informações divulgadas pelo IBGE (2011) referentes aos resultados preliminares da amostra do Censo Demográfico do ano de 2010, visto que este instituto, ao contrário do Ministério da Justiça, também divulgou os números gerais referentes à migração na região Sudeste e no estado do Espírito Santo, que se constitui no contexto de realização desta pesquisa.

Segundo o último Censo (IBGE, 2011), a região Sudeste conta com a maior parte dos indivíduos nascidos no exterior e residentes no Brasil, 395.968 mil (cerca de 0,5% do total da população do Sudeste), divididos em 303.837 mil estrangeiros e 92.131 mil brasileiros naturalizados. Com relação ao estado do Espírito Santo, há 3.728 mil estrangeiros e 1.176 mil brasileiros naturalizados, que, juntos, somam 4.904 mil indivíduos (cerca de 0,2% da população estadual) nascidos no exterior que residem no estado.

Este breve percurso que traçamos acerca das migrações para o Brasil ao longo dos anos, permite observar como foi sendo construída a ideia de uma cultura nacional, de uma nação composta de diferentes grupos étnicos, com diferentes elementos culturais, tradições e costumes, que se relacionam para formar o que se chama de uma identidade nacional brasileira. Porém, uma identidade nacional baseada na heterogeneidade, em aspectos multiculturais, distante da noção de uma identidade brasileira homogênea, sem diferenças étnicas, como antes desejada pelas elites brasileiras (Beneduzi, 2011; Beneduzi & Vecchi, 2010; Fleuri, 2000; Huayhua, 2007; Lesser, 2001; Martins & Brito, 2004; Moya & Silvério, 2009; Queiroz, 1989; Ribeiro, 1995).

Assim, tendo em vista os processos migratórios existentes no Brasil e no mundo, sobre os quais discutimos acima, torna-se importante analisar a dinâmica identitária envolvida nestes processos, o que fizemos neste estudo através do referencial da Teoria da Identidade Social (TIS), apresentada a seguir.

1.3 - A Teoria da Identidade Social

A concepção de identidade configura-se como um importante tema a ser debatido na atualidade, no entanto, também acerca desta ideia não há um conceito ou perspectiva teórica única que a explique (Cunha, 2008). Nesta pesquisa, utilizamos a Teoria da Identidade Social (TIS), pois consideramos que esta se constitui num interessante recurso teórico para a análise dos processos identitários envolvidos na migração de indivíduos de um país para outro.

Os primeiros estudos envolvendo esta teoria foram realizados pela escola de Bristol, na Inglaterra, e buscavam estudar as relações intergrupais, para além do plano individual, situando a identidade no âmbito destas relações. Os principais autores que contribuíram para o desenvolvimento das pesquisas da escola de Bristol foram Henri Tajfel, com a TIS, e John Turner, especialmente com a teoria da autocategorização (Cabecinhas, 2002).

A TIS envolve três conceitos fundamentais para a compreensão do processo de construção identitária, que se integram para formar a chamada dinâmica C.I.C.: identidade social, categorização social e comparação social (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1970, 1974, 1982a, 1982b, 1982c, 1983). De acordo com Tajfel (1983), entende-se por identidade social “aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o seu significado emocional e de valor associado àquela pertença” (p. 290).

Apoiados nessa perspectiva, é possível considerar que podemos ter várias identidades segundo os diferentes grupos sociais aos quais julgamos pertencer. A relevância destas diferentes pertenças grupais pode variar conforme o contexto, fazendo com que algumas pertenças se tornem mais proeminentes que outras em distintas ocasiões (Tajfel, 1982c, 1983). É importante destacar, contudo, que, apesar de a identidade ser móvel, flexível e mutável, isto não significa que não exista constância alguma nos processos identitários, havendo uma

convivência entre transformação e estabilidade nestes processos, como aponta Souza (2005), “estabilidade e transformação são indissociáveis e formam uma unidade” (p.132).

A ideia de pertença a um ou mais grupos sociais, segundo esta teoria, supõe uma pertença psicológica, distinta da forma como o termo “grupo” tem sido usado em grande parte da literatura em Psicologia Social, denotando uma relação objetiva, geralmente face a face, com compartilhamento de espaços comuns entre certo número de pessoas (Tajfel, 1974). No contexto da TIS pertença a um grupo (grupo psicológico) supõe três aspectos: (1) cognitivo, que se refere ao conhecimento que o indivíduo possui de pertencer a um grupo; (2) avaliativo, referente à avaliação que o indivíduo pode fazer acerca do seu pertencimento, como positivo ou negativo; e (3) o aspecto emocional, que diz respeito às emoções ou afetos, que podem vir associados aos aspectos anteriores (Tajfel, 1982c, 1983).

Estes três critérios “internos”, no entanto, não são os únicos necessários para a definição da pertença a um grupo. Só pode haver comportamento intergrupo desde que haja um reconhecimento “externo” de que o grupo existe. Porém esta condição sozinha também não é suficiente, porque uma classificação feita por outros de que determinado conjunto de pessoas se constituem num grupo, não quer dizer que estas pessoas se reconhecem como pertencentes a este grupo. Então, são necessárias as duas condições, “interna” e “externa”, para compor a definição de identificação grupal (Tajfel, 1982c). O grupo social assume, portanto, uma posição fundamental no processo de formação da identidade social (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1982c, 1983), considerando-se que é difícil pensar em

um encontro social entre duas pessoas que não seja afectado, pelo menos minimamente, pelas inclusões mútuas de um e outro numa variedade de categorias sociais sobre as quais existem no pensamento dos interagentes certas expectativas gerais quanto às suas características e comportamento (Tajfel, 1983, p.273).

Os outros dois processos presentes nas relações intergrupais e que se associam na formação da dinâmica C.I.C., como mencionado anteriormente, são os processos de categorização e comparação social que, segundo Souza (2004), trazem “[...] as possibilidades de produção de solidariedade e exclusão a partir das identificações sociais” (p. 66-67). A categorização social é o processo por meio do qual “[...] se reúnem os objectos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (Tajfel, 1983, p.290). Constitui-se, então, num processo cognitivo que orienta o indivíduo na organização da informação e na definição e criação do seu espaço na sociedade (Tajfel, 1974, 1983), de forma que “um indivíduo define-se a si próprio e define os outros em função do seu lugar num sistema de categorias sociais” (Cabecinhas & Lázaro, 1997, p.2). A categorização social é, portanto, um processo que está presente em todas as situações intergrupo (Tajfel, 1982c; Tajfel, Flament, Billig & Bundy, 1971), e, devido à importância da atividade de categorizar, Jenkins (2000) chega a afirmar que “sem a categorização, a complexidade do mundo social humano não poderia ser de forma alguma administrada” (p.8, tradução nossa).

Possibilitando a ligação entre a identidade social e a categorização social, encontra-se o processo de comparação social (Tajfel, 1974). Através deste processo, o indivíduo realiza comparações entre o *ingroup* (“endogrupo” ou “próprio grupo”) e o *outgroup* (“exogrupo” ou “grupo de relação”), possibilitando identificações e/ou desidentificações com determinados grupos, que o levam a atribuir características positivas ao seu *ingroup* e negativas ao *outgroup*, mantendo sua autoimagem positiva (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1982a, 1983). Essa classificação que os indivíduos realizam dos grupos entre “nós” e “eles”, é fundamental para a construção identitária, o que faz com que tendam a se esforçar mais para se diferenciarem de *outgroups* percebidos como similares ao seu *ingroup* do que de *outgroups* vistos como mais diferentes, demarcando as distinções entre eles (Tajfel, 1982a, 1982c).

Assim, como este autor argumenta em outro trabalho: “somos o que somos, *porque* eles não são como nós” (Tajfel, 1983, p. 388, grifo do autor).

Ainda no âmbito das comparações intergrupais, os indivíduos também tendem a perceber o *outgroup* como mais homogêneo, indiferenciado e uniforme do que o *ingroup* (Tajfel & Forgas, 1981; Tajfel, 1982b, 1982c). Isto ocorre especialmente em situações nas quais pouco se conhece e se convive com o outro grupo, o que pode levar os indivíduos a fazerem generalizações e atribuírem aos membros deste outro grupo estereótipos que eles consideram como característicos daquele grupo (Tajfel, 1963, 1969, 1982a). Dessa forma, os estereótipos sociais se compõem como hipersimplificações e generalizações acerca de certas categorias, compartilhadas por um grande número de pessoas (Tajfel, 1982a, 1982b, 1982c), e que “servem para ajudar o indivíduo a fazer a estruturação cognitiva do seu meio [...] e também para proteger o seu sistema de valores” (Tajfel, 1982a, p.176). Logo, como afirma Tajfel (1963):

estereotipar pode, portanto, ser considerado como um complemento inescapável da atividade humana de categorizar. Como tal, não é “ruim” ou “bom”; ele está lá, e presumivelmente serve em algum propósito no nosso esforço contínuo para simplificar o mundo em nossa volta (p.8, tradução nossa).

Os estereótipos sociais participam deste processo de simplificação e organização da realidade em que vivemos e de proteção do nosso sistema de valores, por meio de três funções: (1) a função de explicação causal, provendo os indivíduos de explicações simplificadas que facilitem sua compreensão do mundo em que vivem; (2) a função justificadora, que, no caso de grupos de *status* privilegiado contribui para justificar sua superioridade em relação a outro grupo, e, já no caso de grupos minoritários, permite que os indivíduos ressignifiquem os estereótipos negativos a eles atribuídos; e (3) a função de

diferenciação positiva do *ingroup* em relação aos *outgroups*, conferindo valores positivos ao seu próprio grupo, com o intuito de alcançar e manter uma distintividade positiva (Tajfel, 1982a, 1982b).

Tajfel e colaboradores (1971) conduziram também experiências com os chamados “grupos mínimos”, a fim de “determinar as condições mínimas do aparecimento do favoritismo endogrupal, cujos resultados constituíram o estímulo inicial para a formulação do modelo da identidade social” (Cabecinhas, 2002, p.143). Este estudo consistiu em dois experimentos, cada qual dividido em duas partes, como explicado brevemente a seguir.

Na primeira parte do Experimento 1, foi pedido a 64 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 14 e 15 anos, estudantes de uma mesma escola, que estimassem o número de pontos projetados numa tela. Já no Experimento 2, os pesquisadores solicitaram a 48 adolescentes (com o mesmo perfil dos participantes do Experimento 1), que indicassem suas preferências entre os quadros de dois pintores, Klee e Kandinsky. Em seguida, na segunda parte de ambos os experimentos, a partir do seu desempenho nas tarefas anteriores, os participantes foram divididos em dois grupos, de modo que eles sabiam em qual grupo se encontravam, porém não sabiam quem mais pertencia ao seu ou ao outro grupo. Desse modo, foi solicitado a eles que distribuíssem remunerações aos indivíduos do seu grupo e do outro grupo, anonimamente, já que eles não sabiam para quem estavam dando dinheiro. Esta distribuição era feita com base em matrizes com números, preparadas pelos pesquisadores, e foi dito aos participantes que, ao final do experimento, eles receberiam uma quantia em dinheiro referente ao montante que outros participantes haviam atribuído a eles (Tajfel et al., 1971).

A partir dos resultados destes experimentos, constatou-se que a simples categorização em diferentes grupos (*ingroup* e *outgroup*) é suficiente para induzir a comportamentos discriminatórios contra o *outgroup* (Tajfel, 1983; Tajfel et al., 1971; Tajfel & Billg, 1974).

Logo, os sujeitos poderiam ter optado pela estratégia de ganho máximo para todos os participantes dos experimentos, conseguindo assim maior quantia de dinheiro dos pesquisadores, no entanto, assim que foi feita a divisão em “membros do seu grupo” e do “outro grupo”, eles optaram pela estratégia de maior diferenciação entre eles, com ganho máximo para o seu próprio grupo, havendo uma discriminação gratuita a favor do *ingroup*. Os dados mostraram, então, que mesmo quando não há conflito explícito ou histórico de atitudes de preconceito e hostilidade entre os grupos, há uma tendência a se desenvolverem comportamentos de favoritismo com relação ao *ingroup* e discriminatórios face ao *outgroup* (Tajfel, 1970; Tajfel et al., 1971).

Tajfel (1970) ressalta, porém, que considerar que o comportamento social é determinado apenas pela tendência de favorecer o *ingroup* e discriminar o *outgroup* é simplificar algo que é muito mais complexo, visto que se comportar socialmente envolve também outros aspectos, como a manipulação de símbolos, a capacidade de mudança de conduta conforme as alterações nas situações sociais, além de um longo processo de aprendizado.

Também acerca da discussão sobre estereótipos, é comum haver uma confusão entre os conceitos de estereótipos, preconceito e discriminação. Tajfel, ao longo de sua obra, não se aprofundou tanto nas discussões sobre estes dois últimos conceitos, concentrando-se mais no conceito de estereótipo, porém, ele definiu o preconceito como “um conjunto de atitudes hostis para com determinados grupos de pessoas” (Tajfel, 1963, p. 4, tradução nossa). Assim, em consonância com a perspectiva de Tajfel, V. S. Castro (2006), em seu estudo sobre a Psicologia Social das relações intergrupais, realizou uma síntese sobre estes fenômenos, diferenciando-os da seguinte maneira:

Los estereotipos se definen como las creencias consensuales sobre los atributos de los grupos sociales y sus miembros. El prejuicio hace

referencia a las actitudes derogatorias hacia ciertos individuos en virtud de su pertenencia a determinadas categorías sociales o étnicas. La discriminación apunta a aquellas conductas por medio de las cuales se niega la igualdad en el trato a una persona debido a su adscripción a una categoría social o étnica determinada (p. 6).

Em síntese, os estereótipos “constituem o substrato cognitivo dos preconceitos” (Deschamps & Moliner, 2009, p.35), o preconceito diz respeito às atitudes negativas com relação a um grupo, enquanto a discriminação se refere aos comportamentos em si, à situação social objetiva, em que se nega a igualdade do outro, de forma que as atitudes de preconceito podem ou não servir como preditoras de comportamentos discriminatórios (Tajfel, 1970).

Como podemos notar, a manutenção de uma identidade social positiva é um aspecto central na organização da TIS. Dessa forma, os indivíduos tendem a permanecer em um grupo caso este possa contribuir positivamente para sua autoimagem e para a construção de sua identidade social positiva. Caso o grupo não satisfaça essa condição, ou seja, caso existam fatores que possam contribuir para a constituição de uma identidade social negativa ou insatisfatória, os indivíduos tenderão a abandoná-lo, procurando outros grupos. Este abandono do grupo de pertença só ocorrerá se for possível fazê-lo por meios objetivos e se não houver conflitos com valores importantes para a manutenção de uma autoimagem aceitável (Tajfel, 1974, 1983).

Nesse sentido, frente a uma identidade social negativa, os indivíduos podem adotar diferentes estratégias, que dependem do sistema de crenças que possuem sobre as relações intergrupais. Os principais sistemas de crenças são aqueles sobre a permeabilidade da fronteira entre os grupos sociais, sobre a estabilidade das relações entre estes grupos e sobre a legitimidade do *status* que estes grupos possuem na hierarquia social (Tajfel, 1974, 1982b, 1983). Acerca destas crenças, V. S. Castro (2006) afirma que

Las creencias sobre la legitimidad y estabilidad de la jerarquía social determinan que tan seguras o inseguras se perciben las posiciones de los grupos dentro de la jerarquía de estatus social y consecuentemente que tan seguras o inseguras son las identidades sociales de sus miembros. [...] Ahora bien, son las creencias sobre la permeabilidad de las barreras entre los grupos las que definen las estrategias concretas que siguen las personas para recuperar la diferenciación positiva en condiciones de inestabilidad e ilegitimidad percibidas (p.17).

Dessa forma, diferentes comportamentos intergrupais podem surgir a partir da combinação dessas crenças (Hogg, Abrams, Otten & Hinkle, 2004): podem existir situações em que os indivíduos agirão mais como indivíduos do que como membros de um grupo, e situações em que agirão predominantemente como membros de determinado grupo, o que depende das crenças que possuem acerca das relações grupais e que determinam as estratégias que irão adotar, como a mobilidade social ou a mudança social (Tajfel, 1974).

Caso os indivíduos acreditem que as barreiras entre os grupos são flexíveis e permeáveis, eles podem adotar a estratégia de mobilidade social e tentar mudar (por mérito, sorte, trabalho, etc) para outro grupo de melhor *status* e que contribua positivamente para sua identidade social. Este abandono do grupo pode se dar de forma psicológica, quando os indivíduos passam a se considerar pertencentes a outro grupo, ou também de forma objetiva, por exemplo, no caso das migrações (Tajfel, 1974, 1982b, 1983). Ao utilizar esta estratégia, “o estatuto do seu grupo anterior não muda, ou seja, é uma estratégia individualista com o objectivo, pelo menos a curto prazo, de alcançar uma solução individual e não uma solução grupal” (Cabecinhas, 2002, p. 151). Contudo, caso os indivíduos acreditem que há uma grande estratificação social e que esta situação é instável e ilegítima, sendo difícil efetivar

uma mudança para outro grupo, eles podem adotar a estratégia coletiva de mudança social, em que o grupo como um todo tenta melhorar sua situação desfavorável (Tajfel, 1974, 1982b, 1983).

Além destas estratégias, quando os indivíduos se encontram em situações em que sua identidade social se vê ameaçada, e quando o abandono de um grupo é algo difícil ou impossível, eles podem adotar a estratégia da criatividade social, por meio da ressignificação dos atributos negativos associados ao seu grupo de pertença, da criação de novas dimensões de comparação entre o *ingroup* e o *outgroup* ou por meio da mudança do grupo utilizado como parâmetro de comparação (Basabe & Bobowik, 2011; Cabecinhas, 2002; Tajfel, 1974, 1982b). Desse modo, reforça-se a importância da manutenção de uma identidade social segura, que garanta a distintividade positiva do grupo de pertença, sendo que grupos de alto e baixo *status* social podem, em algum momento, perceber sua identidade social como insegura ou ameaçada e agirem no sentido de restabelecer a segurança (Cabecinhas, 2002; Tajfel, 1974, 1982b).

Assim, como dito anteriormente, a estratégia de mudança social pode ser adotada por membros de grupos de *status* social inferior quando eles percebem sua situação de inferioridade como ilegítima e, com relação aos grupos de *status* superior, é menos provável que os membros destes grupos os abandonem, de forma que eles podem utilizar diferentes estratégias a fim de manter seu *status* elevado, reforçando as barreiras existentes entre os grupos, ou criando e mantendo ideologias que justifiquem seu *status* (Cabecinhas, 2002; Tajfel, 1974, 1982b).

Tentamos realizar uma síntese dos principais conceitos da TIS, a fim de melhor descrever os pressupostos da teoria utilizada como recurso analítico para discutir os dados de nossa pesquisa.

2 - JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DO ESTUDO

Considerando-se a importância dos fluxos migratórios para a constituição da população brasileira e o grande número de imigrantes europeus e latino-americanos residentes no Brasil (Patarra, 2005), a realização de pesquisas como esta se faz relevante, pois se constitui como um espaço para que imigrantes e descendentes falem sobre o processo migratório, suas experiências de contato entre diferentes culturas e suas identificações e/ou desidentificações com estas culturas.

Os processos migratórios constituem-se num tema de crescente relevância social, sobretudo no Brasil, um país que alcançou nos últimos anos uma posição importante no cenário político e econômico mundial. E, para estudar a temática da migração, é necessária a conjugação de diferentes áreas de conhecimento, que permitam compreender a complexidade deste fenômeno. A Psicologia Social é uma delas. Acreditamos que a Psicologia Social é uma área que pode oferecer importantes contribuições para o entendimento desta temática, principalmente ao se tratar de uma proposta de investigação que não é pautada em um discurso individualizante e sim no indivíduo a partir das relações que este estabelece com o seu entorno.

Ademais, a escolha da abordagem teórica utilizada neste estudo se justifica, pois a TIS é uma teoria ampla, com uma série de conceitos bem articulados que permitem estudar os processos intergrupais e as possíveis mudanças que podem ocorrer devido a estas relações (V. S. Castro, 2006; Hogg et al., 2004; Salazar & Salazar, 1998). Dessa forma, ela se configura como “una propuesta conceptual adecuada para comprender el proceso de formación de la identidad asociada a grandes grupos como una nación” (Espinosa & Calderón-Prada, 2009, p.26).

Considerando o que apresentamos, esta pesquisa teve como objetivo geral conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos e europeus que migraram para o Brasil e também descendentes de latino-americanos e europeus, que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Especificamente, objetivamos: 1) conhecer, descrever e analisar os estereótipos endo e exogrúpicos quanto ao universo latino-americano/europeu e brasileiro (Estudos 1 e 2); 2) analisar a elaboração de elementos simbolicamente relevantes à constituição identitária destes imigrantes e descendentes (Estudos 1 e 2); 3) analisar e comparar as principais semelhanças e diferenças das características da migração de latino-americanos e europeus para o Brasil (Estudo 3); e 4) analisar e comparar as estratégias utilizadas pelos imigrantes destes dois grupos a fim de manter sua identidade social positiva (Estudo 3).

3 - ESTUDOS

3.1 - Estudo 1 - Imigração e processos identitários: um estudo exploratório com latino-americanos e descendentes no estado do Espírito Santo

RESUMO

Esta pesquisa objetivou conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos que migraram para o Brasil e descendentes de latino-americanos que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Para tanto, foram realizadas 20 entrevistas (14 latino-americanos e 6 descendentes de latino-americanos) com roteiro semiestruturado, cujo conteúdo foi organizado através do *software* ALCESTE e da Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que, de modo geral, estes imigrantes atribuem mais características negativas aos brasileiros, valorizando positivamente seu próprio grupo. Há um constante processo de adaptação à cultura do novo país e diálogo entre as diferentes culturas, com a transmissão de elementos culturais aos descendentes, que passam a conviver cotidianamente com a diversidade.

Palavras-chave: América Latina. Brasil. Identidade Social. Imigração.

Immigration and identity processes: an exploratory study with Latin Americans and descendants in the state of Espírito Santo

ABSTRACT

This study aimed to know the identity processes bind to Latin American immigrants who have migrated to Brazil and Latin American descendents who currently live in the state of Espírito Santo. Aiming at that purpose, 20 interviews were made (14 Latin American and 6 Latin American descendants) based on a semi-structured script, which content was organized through the ALCESTE software and the Content Analysis. The results indicate, in a general way, that these immigrants attribute more negative characteristics to Brazilian people, positively valuing their own group. There is a constant process of adaptation to the culture of the new country and a frequent dialogue between different cultures, with the transmission of cultural elements to the descendants, who begin to live in a daily basis with diversity.

Keywords: Latin America. Brazil. Social Identity. Immigration.

INTRODUÇÃO

“-É por isso que nos ensinam inglês na escola, para que falemos com eles?”

-É isso mesmo.

-Pois eu não vou aprender inglês pra não virar americana.

O pai riu-se.

-Ser americana não é só o idioma, neguinha, são muitas outras coisas.

-Como o quê?

Ele coçou a cabeça.

-Como as comidas que comes...a música que escutas...as crenças...”

(Santiago, 1994, p.80)

O trecho acima citado faz parte do livro “Cuando era puertorriqueña”, da autora Esmeralda Santiago, escritora porto-riquenha, que conta, nesta obra, um pouco da sua história de migração para os Estados Unidos. A escolha deste trecho não se dá ao acaso, ilustra uma indagação inicial que norteou a confecção deste artigo: quais os processos identitários existentes quando se fala da migração de pessoas de um país para outro? Quais os elementos simbolicamente relevantes à construção identitária destes indivíduos?

Atualmente, um dos aspectos mais relevantes dos processos que envolvem a globalização é a migração de pessoas entre diferentes países (Froese, 2010). As migrações são um fenômeno social que faz parte da história humana e da constituição dos diferentes povos (Rodrigues, 2006; Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005). Assim, entendemos a migração como “um fenômeno e não como um problema” (Bleda, 1994, p. 42, tradução nossa), que pressupõe a ideia de mobilidade, de deslocamento de pessoas, seja temporário ou definitivo (Avila, 2007), e que, para além desta mudança de local de residência, diz respeito também às transformações pelas quais o sujeito passa e aos contatos que estabelece (Sarriera et al., 2005).

Segundo estimativas da Organização das Nações Unidas (ONU), em relatório divulgado no ano de 2009, há cerca de 214 milhões de migrantes internacionais no mundo. Com relação à realidade brasileira, os resultados preliminares do Censo Demográfico de 2010, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2011), mostram que há 433.428 mil estrangeiros residentes no Brasil e 163.308 mil brasileiros naturalizados, perfazendo um total de 596.736 mil pessoas nascidas no exterior que vivem no país. Deste contingente de estrangeiros, a maioria (303.837 mil) reside na Região Sudeste. No estado do Espírito Santo, vivem 3.728 mil estrangeiros e 1176 mil brasileiros naturalizados, que, somados, representam 4.904 mil pessoas que nasceram no exterior e moram no estado.

Como recurso analítico para pensarmos os processos identitários vinculados a imigrantes de diferentes nacionalidades, utilizamos a Teoria da Identidade Social (TIS), como proposta por Henri Tajfel (1983), segundo a qual a identidade social pode ser entendida “como aquela parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social, juntamente com o seu significado emocional e de valor associado àquela pertença” (p. 290). A identidade é, portanto, um processo relacional, de modo que temos tantas identidades quantos sejam os grupos sociais aos quais acreditamos pertencer. Entendendo-se que, ao falar de grupo, estamos nos referindo à ideia de grupo psicológico, sendo que a pertença a este grupo diz respeito à pertença emocional, valorativa e cognitiva, e não apenas ao simples compartilhamento de espaços comuns (Tajfel, 1983).

Nas relações intergrupais se dão os processos de categorização e comparação social. O primeiro, como discute Tajfel (1983), é o processo através do qual “[...] se reúnem os objectos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (p.290). Este processo ocorre por meio da comparação social, que se dá no confronto entre o *ingroup* e o *outgroup*. Este mecanismo é fundamental para a construção da identidade, visto que é nesse confronto que o indivíduo

passa a se identificar ou desidentificar com o outro, atribuindo características positivas ao seu grupo, de forma a manter uma autoimagem positiva, e características negativas aos outros grupos, os grupos opositores (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1982a, 1983).

Em consonância com esta abordagem teórica, utilizamos aqui a concepção de estereótipo social, segundo a qual os estereótipos são hipersimplificações e generalizações que fazemos de certas categorias e que para serem considerados sociais têm que ser compartilhados por um grande contingente de pessoas dentro dos grupos sociais (Tajfel, 1982a, 1982b).

Diante do exposto, levando-se em consideração os fluxos migratórios existentes atualmente e as possíveis mudanças que podem se desenvolver nos processos identitários entre os indivíduos envolvidos, destacamos a importância da realização de pesquisas como esta, que ofereçam um espaço para que estrangeiros e seus descendentes falem sobre suas experiências de vivência e contato com pessoas de diferentes países, costumes e tradições. Além disso, apesar do grande contingente de estrangeiros vivendo no Brasil e demais países da América Latina, há um número limitado de estudos na Psicologia Social que investiguem a inserção destes grupos e as relações intergrupais que se estabelecem quando da migração existente nos países desta região (Castro, 2006).

Desse modo, tivemos como objetivo geral conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos de língua espanhola que migraram para o Brasil e descendentes de latino-americanos que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Especificamente, objetivamos conhecer, descrever e analisar os estereótipos endo e exgrupais quanto ao universo latino-americano e brasileiro, bem como analisar a elaboração de elementos simbolicamente relevantes à constituição identitária destes imigrantes e descendentes.

ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

Participantes

Participaram do estudo 20 sujeitos, sendo 14 latino-americanos que viviam no Brasil há pelo menos dois anos (LAM 1) e 6 descendentes de latino-americanos – indivíduos cujos pais, ou ao menos um dos pais, fossem latino-americanos e tivessem migrado para o Brasil (LAM 2). No caso de todos os descendentes entrevistados, o pai era o imigrante e a mãe, brasileira. Para ambas as gerações foram selecionados indivíduos com idade acima de 18 anos. Na Tabela 1 fornecemos uma breve caracterização dos participantes do estudo.

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes

	LAM 1 (n = 14)	LAM 2 (n = 6)
Sexo	9 sexo masculino 5 sexo feminino	1 sexo masculino 5 sexo feminino
Idade	20 a 40 anos	22 a 53 anos
Escolaridade	11 Superior Completo 1 Superior Incompleto 2 Ensino Médio Completo	4 Superior Completo 2 Superior Incompleto
Profissão	1 administrador 1 biólogo 1 fonoaudiólogo 1 engenheiro 1 estudante 8 professores 1 psicólogo	2 economistas 1 engenheiro 2 estudantes 1 farmacêutico
Estado Civil	9 casados 5 solteiros	1 casado 5 solteiros
Possui filhos	6 possuem filhos	1 possui filhos
Religião	6 católicos 1 batista 2 cristãos (sem definir de uma religião) 1 ateu 4 não possuem religião	4 católicos 1 testemunha de Jeová 1 não possui religião
País de origem (do imigrante ou do pai do descendente)	3 Bolívia 2 Chile 2 Colômbia 1 Cuba 1 Honduras 1 Nicarágua 3 Peru 1 Venezuela	1 Bolívia 1 Costa Rica 1 Honduras 2 Nicarágua 1 República Dominicana
Tempo que reside no Brasil	Entre 2 e 35 anos	-

Nota: n = 20

Com relação ao perfil destes indivíduos, é importante destacar três aspectos: 1) não foi adotado como critério que os participantes pertencentes ao grupo LAM 2 fossem filhos dos entrevistados no grupo LAM 1; 2) apesar de reconhecer que cada país latino-americano possui suas especificidades, histórias, costumes e tradições, elegemos a língua como fator delimitador dos grupos a serem analisados pressupondo que este seria um aspecto que agregaria pontos em comum, permitindo que os participantes fossem considerados em conjunto em uma mesma amostra; 3) A partir dos dados referentes à escolaridade e à profissão dos participantes, observa-se que obtivemos uma amostra peculiar, composta por indivíduos que possuem um elevado grau de escolaridade e pertencentes, em sua maioria, às classes média e média alta da sociedade.

Os participantes foram contatados adotando o critério de acessibilidade, de modo que participaram aqueles que cumpriam os critérios de inclusão e que se dispuseram a estar no local e dia programado para a realização da entrevista.

Instrumento

Para a coleta de dados foram utilizados roteiros semiestruturados de entrevista, que apresentaram variações segundo os grupos dos entrevistados (LAM 1 e LAM 2), porém, de forma geral, contemplaram as seguintes questões: dados sócio-demográficos; razões da migração – dos estrangeiros e do pai dos descendentes (a mesma diferenciação é válida para as demais questões investigadas); costumes do país de origem mantidos no Brasil; estereótipos acerca da sociedade brasileira e do país de origem antes e após a chegada ao Brasil.

Procedimento de coleta dos dados

Para a realização das entrevistas individuais, foi estabelecido contato com os sujeitos, que foram informados acerca dos objetivos e procedimentos da pesquisa, além de terem a garantia de anonimato, por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Dessa forma, a partir da permissão dos participantes, mediante a assinatura do TCLE, todas as entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas para tratamento do material obtido. As entrevistas foram realizadas nas residências ou locais de preferência dos entrevistados, segundo a disponibilidade de cada um dos participantes.

Tendo como referência as normas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº. 196/1996 e da Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia sobre a realização de pesquisa com seres humanos, avaliamos que a presente pesquisa ofereceu riscos mínimos aos seus participantes, uma vez que não produziu conteúdos que causassem danos à vida destes indivíduos.

Procedimento de organização e análise dos dados

Os dados obtidos foram organizados através do *software* ALCESTE, programa desenvolvido por Reinert (1990), que é um programa que realiza uma análise lexical de conteúdos textuais e faz um tratamento estatístico dos dados, organizando-os da seguinte forma: cada entrevista é chamada de Unidade de Contexto Inicial (UCI) e os fragmentos do *corpus* de dados coletados que o ALCESTE seleciona são as Unidades de Contexto Elementar (UCE). O *software* também gera um dendrograma, por meio de uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), o que possibilita a visualização das classes geradas na análise, das relações entre as classes e as UCEs de cada classe (Bonomo, Trindade, Souza & Coutinho, 2008; Oliveira, Gomes & Marques, 2005).

Ademais, utilizamos a Análise de Conteúdo Categorial, como proposta por Bardin (2002), a fim de possibilitar uma melhor compreensão do contexto dos dados apresentados, além de fornecer resultados complementares àqueles obtidos com o auxílio do programa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de facilitar a compreensão do leitor, os resultados de cada grupo serão apresentados e discutidos em separado e, posteriormente, se apresentará uma análise integrada dos dados obtidos nos dois grupos.

Latino-americanos (LAM 1)

Com relação às 14 entrevistas com os participantes de LAM 1, o programa selecionou 1532 UCEs e analisou 72% do *corpus*, o que significa que houve um aproveitamento da maior parte do conjunto de dados original analisado pelo ALCESTE.

O *software* organizou o material em cinco classes, a partir de dois eixos principais. No primeiro eixo temos três classes que dizem respeito às características atribuídas aos brasileiros e às pessoas dos países desses latino-americanos e à sua adaptação ao Brasil. No segundo eixo há duas classes, que se referem às razões para a permanência deles no Brasil, como pode ser observado na Figura 1 (cada classe é composta pelas 20 palavras com maior qui-quadrado, em ordem decrescente).

A Classe 1 refere-se à imagem que se tem do Brasil e dos brasileiros no país de origem dos entrevistados, com destaque para elementos dos quais eles gostam a respeito da realidade brasileira e que observam também em sua vivência aqui. Como podemos ver na UCE destacada a seguir, a imagem do brasileiro em outros países da América Latina é, em geral, associada ao carnaval, à alegria, ao futebol, ao samba.

“O Brasil vende pro mundo café, **futebol**, **samba** só, os comerciais sobre Pelé, **carnaval**” (Exemplo de UCE - Classe 1).

A Classe 1 está ligada às Classes 4 e 5. A Classe 4 se constitui de elementos, considerados pelos latino-americanos entrevistados, como característicos dos brasileiros, antes e após sua vinda para o país, e elementos sobre a forma como essas características são atribuídas em comparação com a cultura do país do próprio participante.

“Eu **acho** que aqui são mais extrovertidos, ainda o **capixaba** sendo mais fechado, eles são mais extrovertidos que eu, sério, eu sou mais introvertido ainda, ainda me considero” (Exemplo de UCE - Classe 4).

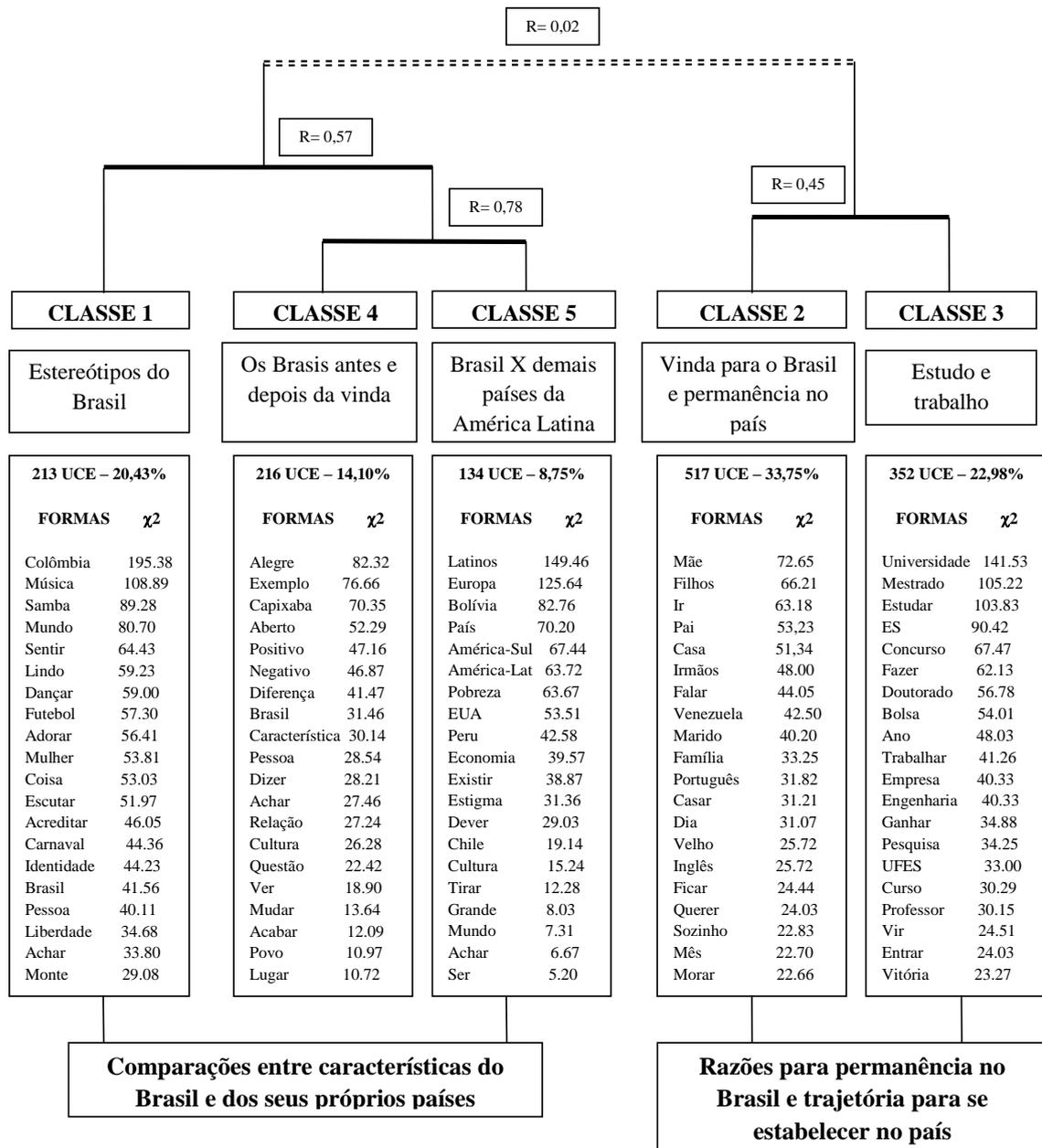


Figura 1: Dendrograma referente à LAM 1 (n = 14).

Complementando este primeiro eixo, apresenta-se também a Classe 5, que possui relação com as classes discutidas anteriormente, especialmente com a Classe 4. Nela, há

elementos que dizem respeito às relações e comparações entre o Brasil e os outros países da América Latina, com destaque para a falta de conhecimento que o brasileiro demonstra sobre os países vizinhos, o que leva a atitudes discriminatórias contra as pessoas vindas destes outros países.

“O brasileiro não conhece muito o **boliviano**, aliás, eu acho que brasileiro não conhece muito seus vizinhos, conhece muito os **EUA**, a **Europa**, até a China, mas o brasileiro não conhece muito seus vizinhos”; “Olha, o brasileiro, é porque e assim, na **América do Sul**, eu não sei se você tem essa percepção, mas pra mim, que faço parte desse grupo, o Brasil é visto como os **EUA** da **América do Sul**” (Exemplos de UCEs - Classe 5).

No segundo eixo, temos duas classes que se constituem essencialmente de exemplos de situações da vida dos entrevistados, ilustrando o processo de chegada ao Brasil e as razões para sua permanência no país. A Classe 2 refere-se ao processo de vinda dos participantes ao Brasil, especificamente com relação à constituição de família no novo país e à manutenção de relações com a família do país de origem.

“Quando eu **falei** que eu ia **casar** todos **ficaram** muito contentes, eu levei ela lá, ela **foi** comigo, eu mostrei ela pra eles, depois de ter **casado** já, eles conversavam com ela por telefone”; “Minha **mãe** só veio uma vez, meu **pai** veio umas três vezes, minha **irmã** mais **velha** que já tem vindo mais vezes” (Exemplos de UCEs - Classe 2).

A Classe 3 também diz respeito à experiência da vinda dos participantes para o Brasil, e, no caso, para o Espírito Santo, apontando alguns fatores que foram essenciais para que esta acontecesse, como os estudos e o trabalho.

“**Vim** por causa do evento científico...**doutorado** eu **fiz** no RJ, eu terminei lá, **fiquei** mais um **ano** lá, indo e voltando, até que saiu aqui uma vaga para **professor** visitante, eu comecei a me transferir para cá até que saiu o **concurso**”; “Eu me formei lá, eu

estudei lá e eu **trabalhava** na **universidade**, estando lá surgiu oportunidade pra jovens **pesquisadores** que estavam lá **fazer doutorado** fora do país, eu me inscrevi em um deles” (Exemplos de UCEs - Classe 3).

É interessante destacar que praticamente não há relação entre as Classes 2 e 3 e as demais classes, o que nos leva a inferir que os significados sobre os brasileiros e sobre o Brasil, mesmo os de conotação negativa, e as diferenças culturais percebidas, não são considerados como impedimentos para a vinda e permanência no Brasil. Nota-se que estes sujeitos veem o Brasil como um centro de recursos e não como objeto de identificação, ou seja, eles querem vir para o país para desfrutar dos recursos e não por se identificarem como brasileiros.

A partir da Análise de Conteúdo realizada, complementar à análise conduzida através do programa ALCESTE, obtivemos quatro principais categorias: processo de vinda e adaptação à realidade brasileira; discriminação sofrida no Brasil; estereótipos relacionados ao endogrupo e ao exogrupo; mudanças nas significações sobre Brasil e brasileiros. A seguir apresentamos os principais elementos presentes nestas categorias.

De lá para cá: a vinda para o Brasil e o processo de adaptação ao país

A partir dos resultados obtidos, observamos que as razões para estes latino-americanos virem e se estabelecerem no Brasil têm pouca ou nenhuma relação com o que pensam sobre os brasileiros e com as comparações que fazem entre seu país de origem e o Brasil. Os motivos que estimulam sua vinda para cá são, geralmente, relacionamentos amorosos, trabalho e, especialmente, estudos. Com relação a estes últimos, é comum a vinda para fins de estudos de graduação e pós-graduação, resultados semelhantes aos obtidos por Huayhua (2007), em sua pesquisa com imigrantes latinos em São Paulo. A autora argumenta que o elevado número de imigrantes que vêm para o Brasil nestas condições se deve à existência de acordos internacionais de incentivo à educação entre Brasil e demais países da América

Latina. Já o que os faz permanecer no Brasil é, quase sempre, a família que constituíram (com filhos nascidos aqui), independente do que pensam sobre o país e as pessoas daqui ou, ainda, de sua intenção inicial de retornar ao seu país de origem.

Este processo de inserção num novo contexto provocado pela migração implica também mudanças culturais, para além da simples transposição de fronteiras entre países (Sarriera et al., 2005; Silva, 2005). Nesse sentido, podemos fazer uso do conceito de aculturação, enquanto um processo que envolve o contato entre dois grupos ou mais e que resulta em mudanças culturais em ambos os grupos (Redfield, Linton & Herskovits, 1936 *apud* Berry, 2001). No entanto, essas mudanças decorrentes do contato entre estes grupos são mais marcantes nos grupos não dominantes, como é o caso dos imigrantes nos países para os quais migraram (Berry, 2001).

Alguns elementos destacados pelos participantes como os principais aspectos da adaptação ao Brasil são a língua, a comida, a música, deixando evidentes as diferenças entre o Brasil e o país de origem e também a tentativa de incorporação de novos elementos à sua rotina, concomitantemente com a manutenção de certos costumes do país de origem, como podemos observar nas falas abaixo.

“Eu falo mais em espanhol, porque, quando eu ia chamar a atenção das minhas filhas eu não podia chamar a atenção em português, porque era muito devagar, e o espanhol é muito rápido”; “Aqui eu assisto filme em português e quando é legendado só em português, música eu escuto bastante em espanhol”; “Tranquilo, porque, eu gosto de feijão demais! Não tinha o costume de comer feijão, não todos os dias, era de uma ou outra vez”.

Vale ressaltar que o processo de aculturação não é algo estático e que diversos fatores podem influenciar neste fenômeno e produzir experiências diversas para os indivíduos, como, as condições específicas da migração de determinado grupo; as características dos imigrantes;

as características do grupo receptor dos imigrantes; a rede social que o imigrante estabelece no local em que vive, entre outros (Froese, 2010; Huayhua, 2007; Moon & Mcleod, 2003; Sarriera et al., 2005; Silva, 2005).

O Brasil de todos e de ninguém

Acerca da discriminação pelo fato de serem estrangeiros, a maioria dos latino-americanos relataram várias situações nas quais foram discriminados, afirmando que por serem de outro país tiveram sua inserção no Brasil dificultada. De um lado há a imagem do Brasil como um lugar de todos, nascido e construído através da mistura entre os povos, portanto, tolerante às diferenças; de outro, o Brasil que exclui, que discrimina o “outro” por sua diferença.

Em certos momentos, para um imigrante no Brasil, a ideia de vir para o país é atrativa, pois “o Brasil é um país bom pra migrar”, já que “o brasileiro pode ser qualquer coisa, pode ser loiro, pode ser negro”, de modo que o “estrangeiro consegue ser diluído mais fácil na cultura daqui”, como nos dizem alguns destes imigrantes. No início, o fato de serem estrangeiros parecia facilitar sua inserção no país, devido à curiosidade dos brasileiros, que voltavam sua atenção a este desconhecido, se aproximavam, faziam perguntas e se interessavam. Porém, no caso de alguns destes latino-americanos a pertença à outra nacionalidade, que não a brasileira, passou a se configurar como sofrimento: dificuldades para conseguir estudar, trabalhar, ou estabelecer relações de amizade com alguém, lembrando-lhes, constantemente, do seu lugar de estrangeiros: “E tem uma situação horrível, porque eu nunca deixei de ser estrangeiro aqui! Nunca! Apesar de eu já ter 38 anos, tenho cidadania brasileira, nunca deixei de ser estrangeiro na frente dos outros, nunca! Isso é horrível, porque você não está num lugar, nem em outro, no seu país é estrangeiro, no outro país é estrangeiro”.

E esta “sucessão de perdas”, como afirma outra participante, parece ser própria do processo de migração: deixa-se sua terra, sua família, amigos e emprego, para iniciar uma nova jornada, no entanto, quando falamos da relação entre Brasil e demais países da América Latina, esta situação parece se complicar um pouco mais. Alguns participantes se ressentem do que consideram desinteresse e desconhecimento dos brasileiros sobre a realidade dos outros países latino-americanos, desconhecimento este que, como veremos mais adiante, também se faz presente no sentido contrário – dos estrangeiros para os brasileiros, e influencia na formação e manutenção de estereótipos dirigidos ao outro grupo (Tajfel, 1963, 1982a).

Esta histórica falta de conhecimento que o brasileiro tem dos seus vizinhos vem desde sua construção, na tentativa de se espelhar nos países europeus, desenvolvendo-se de “costas para a América Latina” (Beneduzi, 2011, p.5), e se mantém até os dias atuais, ainda que de forma mais atenuada, o que fica claro, por exemplo, na ausência do desenho dos demais países latino-americanos, quando da confecção de mapas mentais por estudantes brasileiros, no estudo de Cruz e Arruda (2008). Assim, como resume esta entrevistada: “o brasileiro ele é muito assim receptivo, mas eu acho que ele, do mesmo jeito que ele vê os americanos, ‘América para os americanos’, eu acho que o brasileiro também tem um pouco disso, Brasil pros brasileiros”. E, no caso dos imigrantes latino-americanos, em especial aqueles com traços indígenas, as dificuldades são ainda maiores, pois além dos imigrantes com traços brancos serem mais bem aceitos aqui do que aqueles com traços indígenas (Huayhua, 2007), os brasileiros, em geral, tendem a generalizar essa característica e classificar os indivíduos de diferentes países latino-americanos como “todos iguais”, reforçando estereótipos presentes em nossa sociedade com relação a estes povos.

“Nós, latino-americanos” X “Eles, brasileiros”: a dinâmica C.I.C. em análise

Com relação à imagem que se tem do Brasil e dos brasileiros nos países de origem dos entrevistados, como dissemos anteriormente, destacam-se os estereótipos clássicos,

relacionados ao carnaval, à alegria do brasileiro, à nudez das mulheres, ao samba e ao futebol (Scheyerl & Siqueira, 2008). Desse modo, vemos que “os meios de comunicação informativos, [...] as telenovelas e os anúncios publicitários contribuem para a formação e manutenção do estereótipo” (Correia & Neves, 2010, p. 389).

Quando comparam as características dos brasileiros com as das pessoas do seu país de origem, os participantes geralmente atribuem mais características negativas aos brasileiros, em contraposição às características positivas do seu *ingroup*. Desse modo, fica evidente a dinâmica C.I.C. – categorização social, identidade social, comparação social, por meio da qual o indivíduo procura manter uma autoimagem positiva, ao atribuir características positivas ao seu grupo e características negativas aos outros grupos (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1970, 1974, 1982a, 1982b, 1982c, 1983). Apresentamos, a seguir, uma tabela (Tabela 2), que fornece uma síntese dos principais elementos citados pelos participantes quando da comparação do seu *ingroup* com o *outgroup* “brasileiros” e das características que eles mesmos julgam possuir de cada um desses grupos.

Dessa forma, podemos observar a relação existente entre estes processos que se interpõem na construção da identidade social dos indivíduos: o processo de produção de categorias sociais, “brasileiros” e “pessoas do meu país”, por meio da generalização de estereótipos (*categorização social*), que passam a ser comparados dentro deste contexto, segundo o grupo de pertencimento, “*nós*, do meu país, somos patriotas, educados, respeitamos compromissos e construímos amizades verdadeiras” e “*eles*, brasileiros, não, são passivos, mal educados, descompromissados e constroem relações superficiais” (*comparação social*).

Tabela 2: Elementos associados ao ingroup e outgroup

	Características das pessoas do país de origem	Características dos Brasileiros	Características que possui
Elementos comparativos (≠)	Sincero (+); Amigo (+); Politizado (+); Cívico (+); Verdadeiro (+); Solidário (+); Organizado (+); Criativo (+); Respeita os valores morais (+); Estudioso (+); Esforçado (+); Amável (+); Simples (+); Patriota (+/-); Aguerrido (+/-); Sério (-); Conservador (-); Melancólico (-); Intolerante (-); Impulsivo (-); Formal (-); Fechado (-); Desconfiado (-)	Superficial nas relações (-); Desrespeitoso (-); Mal educado (-); Passivo (-); Descompromissado (-); Não é pontual (-); Esperteza (-); Indisciplinado (-); Machista (-); Desorganizado (-); Não obedece as regras (-); Não é confiável (-) Irreverente (+); Maleável (+); Sabe viver a vida (+); Tranquilo (+); Otimista (+); Aberto (+); Extrovertido (+); Tolerante (+); Expressivo (+); Informal (+); Confia nos outros (+); Hospitaleiro (+)	Sincero (+); Amigo (+); Solidário (+); Organizado (+); Criativo (+); Respeita os valores morais (+); Estudioso (+); Esforçado (+); Informal (+); Aberto (+); Maleável (+); Sabe viver a vida (+); Tranquilo (+); Sério (-);
Elementos específicos	Valorizam mais os estrangeiros (-); Apegado à cultura e tradições culturais (+/-).	Preocupação excessiva com a aparência (-); Se acha superior aos outros países da América Latina (-); Mania de grandeza (-); Jeitinho brasileiro (-).	-
Elementos comuns	Alegre (+); Trabalhador (+); Receptivo (+);	Alegre (+); Trabalhador (+); Receptivo (+).	Alegre (+); Trabalhador (+); Receptivo (+).

Em meio a estes processos, os estereótipos sociais, enquanto simplificações e generalizações que “servem para ajudar o indivíduo a fazer a estruturação cognitiva do seu meio [...] e também para proteger o seu sistema de valores” (Tajfel, 1982a, p.176), fazem-se presentes com suas três funções principais: uma função justificadora, que serve para justificar a superioridade de um grupo privilegiado ou “superior” em relação a outro, ou, no que se refere aos grupos minoritários, como no caso dos imigrantes latino-americanos no contexto

brasileiro, contribui para a ressignificação dos estereótipos negativos atribuídos a eles; a função de explicação causal, com o intuito de fornecer explicações simples para compreendermos o mundo em que vivemos; e a função de diferenciação positiva do próprio grupo em relação a outros, por meio da qual se atribui valores positivos ao seu *ingroup*, a fim de garantir uma distintividade positiva (Tajfel, 1982a, 1982b). As falas a seguir de participantes da pesquisa ilustram um pouco destes processos que terminamos de descrever.

“E, quando você vive numa sociedade você começa a fazer comparações, e a pensar em função do que vê, quando você de alguma forma conhece outra cultura, você não consegue evitar fazer relações entre as duas”.

“Negativo, eu estou falando só coisa negativa, é óbvio, eu nunca vou falar mal do meu país assim”.

Assim, ao se reconhecerem como pertencentes ao grupo do “país de origem” e não ao grupo dos “brasileiros” (dimensão cognitiva), atribuírem elementos positivos ao seu grupo de pertença e negativos ao grupo de relação (dimensão avaliativa) e demonstrarem sentimentos positivos para com o seu *ingroup* (dimensão afetiva), estes indivíduos constroem sua *identidade social* (Tajfel, 1982a, 1982b).

É interessante notar, que ao falarem sobre as características das pessoas do seu país de origem, os entrevistados parecem relativizar mais o que seriam os aspectos positivos e negativos, de maneira que uma mesma característica poderia ser considerada positiva ou negativa segundo a situação, por exemplo, o patriotismo, que é considerado uma virtude, porém, quando em excesso pode tornar-se negativo. Já com relação às características dos brasileiros, verifica-se maior concordância entre os participantes sobre o valor associado às diferentes características, tendendo a perceber o *outgroup* (os brasileiros) como mais homogêneo do que o *ingroup* (Tajfel, 1982b; Tajfel & Forgas, 1981). Assim, a fim de manter a autoestima positiva, estes imigrantes, até mesmo quando mencionam as características dos

brasileiros que acreditam também possuírem, selecionam aquelas que consideram positivas, como a alegria ou o “saber aproveitar a vida”, garantindo uma distintividade positiva (Tajfel, 1982a, 1982b). Contudo, observa-se também que os entrevistados atribuem algumas características negativas ao seu *ingroup*, o que nos mostra mais uma vez a complexidade dos processos identitários e a força do plano afetivo: apesar de destacarem as características positivas que as pessoas do seu país de origem possuem, eles também assinalam aquelas que são negativas, algumas das quais eles mesmos possuem, como “sérios” ou “impulsivos”, afirmando a especificidade do seu grupo de pertença.

Vale destacar que, apesar de muitos destes imigrantes, relatarem também se identificar com o Brasil, passando a adquirir algumas características ditas dos brasileiros e, considerando-se, por vezes, “70% peruano e 30% brasileiro”, como explica um dos entrevistados, estes ainda possuem uma identificação maior com o seu país de origem. Esta identificação fica evidente quando se utilizam de mecanismos de comparação entre os dois grupos e também na opção pela adoção ou não da cidadania brasileira: dos 14 imigrantes entrevistados, apenas 5 possuíam cidadania brasileira, o que, para além da “burocracia” existente para efetuar o pedido deste documento, como ressaltam os participantes, parece também se relacionar a uma maior identificação com o país de origem.

Finalmente, quando discorrem sobre a mudança acerca das significações relacionadas ao Brasil e aos brasileiros a partir de suas experiências no país, os participantes creem que a forma como entendem o país e as pessoas daqui mudou, porém não sabem dizer se para melhor ou pior, apenas que agora conhecem mais a realidade brasileira, mostrando-se menos etnocêntricos e com uma visão mais ampla do mundo, como também foi encontrado por Scheyerl e Siqueira (2008), com os estrangeiros que participaram daquele estudo. No entanto, os estereótipos que eles têm acerca dos brasileiros não se desfazem por completo: são incorporados outros elementos, porém os aspectos centrais se mantêm, reafirmando uma das

funções centrais dos estereótipos que é a de proteger o sistema de valores dos indivíduos (Tajfel, 1982a; Tajfel & Forgas, 1981).

Descendentes de latino-americanos (LAM 2)

No que diz respeito às 6 entrevistas conduzidas com o grupo LAM 2, o *software* analisou 73% do corpus de dados, selecionando 480 UCEs. O dendrograma organizado pelo programa (Figura 3) está disposto em dois eixos: o primeiro, composto por três classes, que se refere à vinda ao Brasil dos pais dos entrevistados e à importância de não esquecer suas origens, comparando o país de origem dos pais ao Brasil; e um segundo eixo, referente ao processo de transmissão da cultura entre as gerações, constituído por uma classe.

A Classe 1 se constitui como classe que congrega a maior parte do *corpus* de dados analisado (48,33%) e é composta por elementos variados, que ilustram um pouco da vida destes descendentes de latino-americanos no Brasil: quais as principais características dos brasileiros, o que estes sabem sobre o país de origem do seu pai e o que os outros pensam sobre sua descendência, como podemos ver a seguir.

“Eu **acho** que brasileiro é um **povo** muito **receptivo**, **acho** difícil encontrar em outros **lugares** um **povo** tão **receptivo**”; “Tem **gente** que **acha** um máximo, uma amiga minha **acha** o máximo, ‘não, porque minha amiga é estrangeira, o pai dela é de fora’”; “Mas ainda tem **gente** que ainda **acha** que é muito diferente, que encara como muito diferente. porque, querendo ou não, a **cultura** do **lugar** é desconhecida, e a **gente** tem hábitos aqui em casa que em outros **lugares** não tem mesmo” (Exemplos de UCEs – Classe 1).

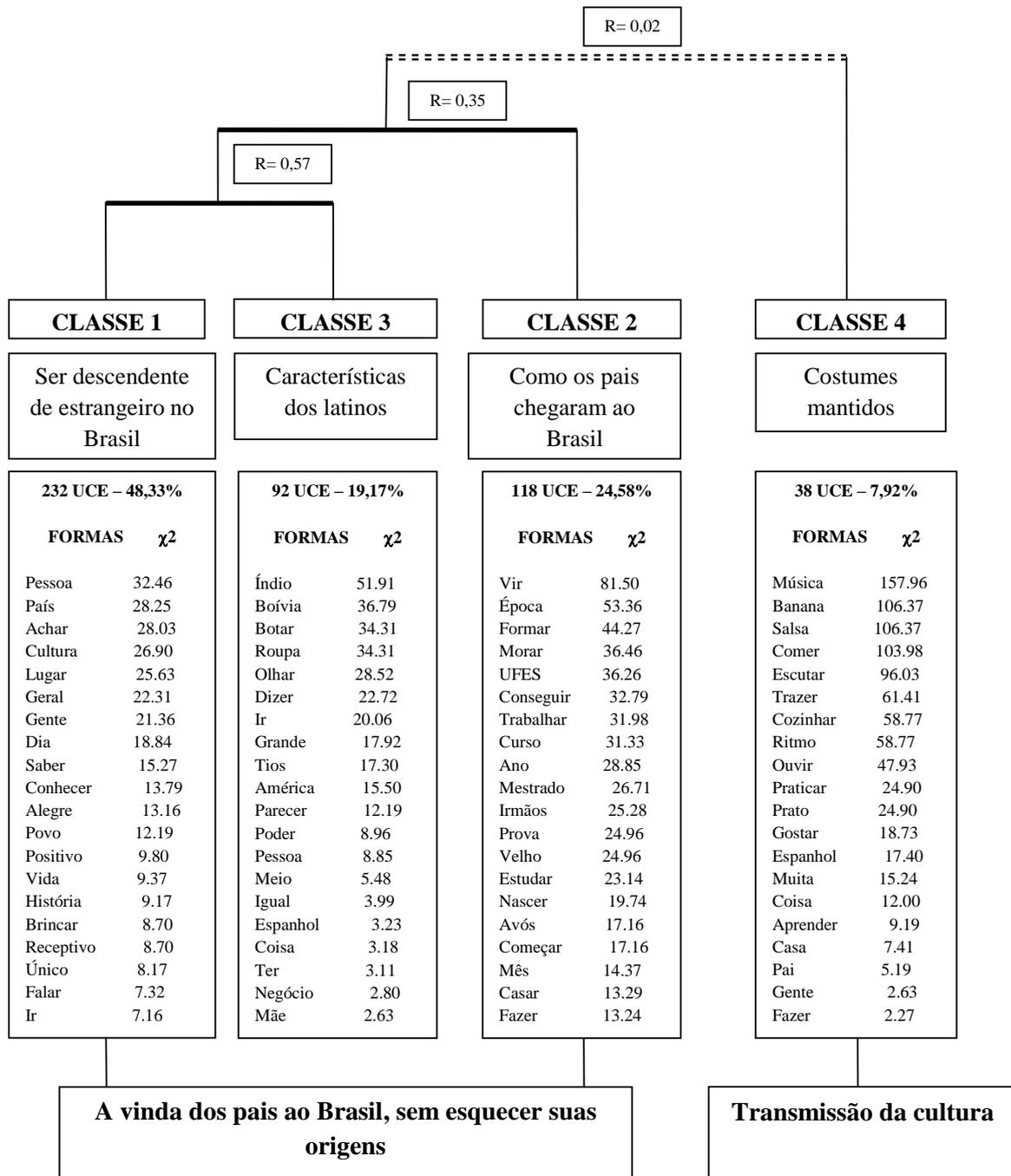


Figura 2: Dendrograma referente à LAM 2 (n = 6).

A Classe 1 está vinculada à Classe 3, que é composta por elementos que descrevem características das pessoas dos demais países latino-americanos, algumas das quais os descendentes podem também possuir.

“**Pode** ser a maior cara de japonês, mas não se acham, a **grande** ofensa chamar eles de índio, eu acho que eles não gostam de falar, porque **índio** é pejorativo”; “Quando ele chegou ele **tinha** umas fotos com uns bigodes esquisitos de latino, umas **roupas** super coloridas, horríveis, cafonas”; “**Índio** e **espanhol**, eu tenho **índio**, mesmo não parecendo, eu **tenho** em algum lugar da minha raiz na minha antecendência, **tem índio** e **espanhol**, misturou muito” (Exemplos de UCEs – Classe 3).

Também pertencente ao Eixo 1 e relacionada às classes anteriores, encontra-se a Classe 2, na qual há elementos que retratam o percurso percorrido pelo pai para chegar ao Brasil e como seus pais se conheceram.

“Ele **veio** pro Brasil pra **estudar**, um convênio que existia na América Latina, muita gente **vinha**, ele **estudou**, meu pai se **formou** aqui e depois ele se **casou** com a minha mãe, ele **começou** a **trabalhar**”; “Ele **veio** pra **estudar** na **UFES**, convênio”; “Se conheceram, namoraram por 8 **anos**, meu pai enrolou minha mãe 8 **anos**, eles se **casaram**, eu **nasci** um **ano** depois, tudo aqui” (Exemplos de UCEs – Classe 2).

No outro eixo presente no dendrograma há apenas uma classe, a Classe 4, que praticamente não apresenta relação com o Eixo 1. Esta classe possui elementos relacionados aos costumes que estes descendentes e suas famílias mantêm em suas casas.

“Eu cresci **ouvindo salsa**, essas **coisas** assim, meu pai **gosta** muito, sempre que ele vai lá ele **traz muita coisa**”; “É uma cultura diferente, eu cresci **ouvindo espanhol**, **ouvindo salsa**, **ouvindo** merengue, as pessoas até estranhavam”; “**Cozinheiro, cozinheiro**, amo **fazer comida** típica de lá, amo, leva **muita banana** verde, **muito** coentro, **comida** bem temperada” (Exemplos de UCEs – Classe 4).

A Análise de Conteúdo referente a este grupo também possibilitou a composição de quatro categorias principais, como veremos a seguir: costumes passados de pais para filhos;

comparação de características de brasileiros e das pessoas do país de origem do pai; condição de descendente de latino-americano no Brasil; identificação com o Brasil ou com o país de origem do pai.

No que se refere aos elementos da cultura do país do pai que eles mantêm no seu cotidiano no Brasil, os dados corroboram com as discussões conduzidas por alguns autores quanto à relevância da língua (Martins & Brito, 2004; Silva, 2005), da culinária (Espinosa & Calderón-Prada, 2009; Silva, 2005), dos trajes, da música e da dança (Silva, 2005), como importantes elementos envolvidos no processo de identificação e diferenciação identitária vivido por migrantes em diferentes países. Dessa forma, como também destacado pelos participantes de LAM 1, estes elementos se configuram como os principais aspectos de sua cultura que eles desejam passar para os filhos e que estes mantêm. Ademais, tanto imigrantes quanto descendentes entrevistados, ressaltam a importância da transmissão da história do povo de sua família de origem e do “contar histórias” sobre a vida que levavam neste país (Daure & Reveyrand-Coulon, 2009).

Com base nos resultados do grupo LAM 2, notamos semelhanças quanto a alguns conteúdos também expressados pelos integrantes de LAM 1, por exemplo, a descrição do processo de chegada do pai imigrante ao Brasil e a comparação entre os brasileiros e as pessoas do país de origem do pai, com a presença de características similares às mencionadas pelos imigrantes entrevistados.

Apesar de algumas semelhanças em suas respostas, a falta de contato com o país de origem do pai e o fato de nunca terem vivido naquela cultura, fazem com que, em geral, os descendentes sejam mais cautelosos quanto às suas afirmações sobre os demais países da América Latina e seus habitantes, visto que, como o contato que a maioria deles teve com a cultura do país de origem do pai foi especialmente por meio do próprio pai ou da família dele, instaura-se uma dúvida, que dificulta a realização de generalizações: “Eu não sei se é a

família do meu pai em si, é porque eu não tenho contato com as outras famílias, ou se é uma coisa geral”; “Será que ele é uma exceção ou será que é realmente o país dele”? Dessa forma, em certos momentos, quando da comparação entre os países, eles optam pela imparcialidade: “Eu acho que eu não vou nem considerar nem negativo, nem positivo, neutro, porque pra mim eu não gosto, mas se eles gostam e são felizes assim, não sei”. Porém, ainda que tentem relativizar as características que mencionam, percebe-se uma identificação maior com as características positivas atribuídas ao Brasil, que funciona, na maioria das vezes, como seu *ingroup*, como veremos adiante.

Entre a brasilidade e descendência: “Eu me sinto brasileira, totalmente, uma típica brasileira, misturada mesmo”

Assim como vimos com relação à condição de imigrante, o *status* de descendente de imigrante também pressupõe aspectos positivos e negativos. Ser descendente também é algo que desperta a curiosidade das pessoas, que se destaca pela diferença: “Se interessam...muitos por causa do sobrenome, todo mundo olha, acha, ‘ai, que nome diferente’”; “Tem gente que acha um máximo”. Mas, a diferença também pode se transformar num estranhamento exacerbado que incomoda: “Eu não sou nenhum ET, nenhuma anomalia por meu pai não ter nascido no Brasil. A única anormalidade é que meu pai não é brasileiro, a única coisa é que eu entendo melhor o que ele fala do que as outras pessoas, de resto é a mesma coisa. Mas ainda tem gente que ainda acha que é muito diferente, que encara como muito diferente”.

E este estranhamento, como também vimos no caso dos imigrantes, é muitas vezes provocado pela falta de conhecimento, neste Brasil virado “de costas para a América Latina” (Beneduzi, 2011, p.5): “Eu acho que o pessoal não conhece mesmo, não sabe nada a respeito”; “Eles nem sabem que a Nicarágua existe”; “Tem três grupos, o grupo que acha que é África, o grupo que acha que é uma coisa só [os demais países da América Latina] e tem gente que sabe a diferença”.

Assim, o descendente se vê, muitas vezes desde o nascimento, em meio a duas (ou mais) culturas, modos de ser, agir, falar, se vestir, se relacionar. Como eles mesmos afirmam, esta “mistura” pode portar tanto benefícios quanto malefícios: tornam-se mais abertos, mais tolerantes a outras culturas, ao diferente, aprendem idiomas, viajam, conhecem diferentes lugares, pessoas e realidades. Porém, como argumenta uma das participantes, a convivência diária com a diferença cultural tem seu preço: “eu acho que tudo faz muita coisa na cabeça da criança, a criança cresce com muita informação diferente. Tem o que aprender muito disso? Tem, mas isso prejudica também. Na hora de educar uma criança, por exemplo, as pessoas já são diferentes...com culturas diferentes então, imagina a criação dessa criança”.

Como se pode depreender dos relatos dos entrevistados, é a associação das diferenças percebidas no relacionamento familiar – com os pais enfatizando a preservação de símbolos de sua cultura de origem - com a imersão na diversidade cultural que é característica constitutiva da sociedade brasileira, que fornece as bases para a construção da identidade social destes indivíduos. Processo este cercado de ambiguidades, de identificações e desidentificações, que variam de acordo com o contexto no qual eles se encontram (Tajfel, 1983), e podem, por vezes, produzir realidades outras: “porque, querendo ou não, a gente tem hábitos aqui em casa que em outros lugares não têm mesmo, aqui em casa é típico daqui de casa, a gente tem coisas que a gente fala, termos que a gente usa, um universo paralelo nosso”.

E essa variação na relevância da pertença grupal de acordo com o contexto de inserção, condiz com a proposta da TIS, em que a identidade é um processo relacional, de modo que temos identidades variadas quantos sejam os grupos sociais aos quais julgamos pertencer, fazendo com que algumas pertenças se tornem mais salientes que outras de acordo com a situação (Tajfel, 1983). Desse modo, é válida a afirmação de que estes sujeitos podem se identificar em certos momentos como brasileiros e noutros como peruanos, bolivianos,

nicaraguenses, ou "cidadãos do mundo", como o é para alguns, desde que estas pertenças satisfaçam a condição de manutenção da sua autoimagem positiva (Tajfel, 1982a, 1983). Quando falamos de grupo, estamos nos referindo à ideia de grupo psicológico, de modo que a pertença a um grupo diz respeito ao aspecto cognitivo (a pessoa saber que pertence a determinado grupo), um aspecto avaliativo (a pessoa pode avaliar o pertencimento a este grupo como positivo ou negativo) e um aspecto emocional ou afetivo (emoções podem acompanhar os aspectos anteriores) (Tajfel, 1983). Dessa forma, confirma-se a importância do grupo social como parte da formação da identidade social (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1983).

Comparando-se os resultados referentes a LAM 1 e LAM 2, observamos que grande parte do conteúdo das falas dos participantes de ambos os grupos concentra-se no processo de chegada do estrangeiro ao Brasil e na adaptação ao país, como mencionamos anteriormente. Contudo, os indivíduos de LAM 1, discorrem mais que os de LAM 2 sobre a vinda para o Brasil e a constituição de nova família neste país, o que é esperado, visto que eles vivenciaram este processo, que, no caso dos descendentes, foi algo relatado pelo seus pais. Além disso, nos dois grupos estão presentes comparações entre Brasil e país de origem do estrangeiro, porém, há maior identificação dos estrangeiros com seu país de origem e dos descendentes com o Brasil.

Os participantes de ambos os grupos falam sobre a especificidade da sua condição de estrangeiro imigrante ou descendente de estrangeiro no Brasil, que em alguns momentos facilita e em outros dificulta sua vivência no país. No entanto, esta vivência parece ser mais difícil no caso dos estrangeiros, pois foram eles que migraram, que não nasceram no Brasil, não partilham da língua e dos costumes e têm que aprender a fim de se adaptar.

Os resultados nos permitiram, dessa forma, conhecer a experiência de estrangeiros e descendentes de latino-americanos no Brasil, destacando as especificidades e semelhanças entre ambos os grupos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir deste estudo, em caráter exploratório, foi possível conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes e seus descendentes residentes no Espírito Santo, por meio da TIS, que se mostrou como uma útil ferramenta de investigação dentro do complexo contexto da migração e da construção identitária.

Deste modo, reafirmamos a importância da realização de mais estudos que utilizem a abordagem da TIS em meio a “grupos naturais”, como foi o caso dessa pesquisa, o que permite a compreensão, para além do contexto laboratorial, das construções identitárias entre indivíduos nos seus próprios contextos de inserção (Bonomo, 2010).

Ademais, reforçamos a importância de estudos realizados com grupos minoritários no Brasil, como os imigrantes, de forma que a Psicologia Social brasileira se envolva mais consistentemente com os estudos sobre diferenças culturais (Sarriera et al., 2005). Por fim, esperamos que este estudo funcione como um estímulo para a realização de mais estudos sobre este tema, que envolvam outras nacionalidades e sejam realizados em outros locais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avila, C. F. D. (2007). O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. *Rev. bras. polít. int.*, 50 (2), 118-128.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Beneduzi, L. F. (2011). Por um branqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. *Antíteses*, 4 (7), 1-19.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57 (3), 615-631.

- Bleda, C. P. (1994). La situación de los inmigrantes magrebíes en Murcia: un análisis psicosocial. *Anales de Psicología*, 10 (1), 41-49.
- Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo (468 f).
- Bonomo, M., Trindade, Z. A, Souza, L., & Coutinho, S. M. S. (2008). Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 22, 151-178.
- Castro, V. S. (2006). La psicología social de las relaciones intergrupales: modelos e hipótesis. *Actualidades en Psicología*, 20, 45-71.
- Conselho Federal de Psicologia (2000) - *Resolução CFP nº 016/2000*. Retirado de: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000_16.pdf. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Resolução n. 196*.
- Correia, C., & Neves, S. (2010). Ser brasileira em Portugal: uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In: *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 378-392). Universidade do Minho, Portugal.
- Cruz, A. C. D., & Arruda, A. (2008). Por um estudo do ausente: a ausência como objetivação da alteridade em mapas mentais do Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia (Online)*, 8, 789-806.
- Daure, I., & Reveyrand-Coulon, O. (2009). Transmissão cultural entre pais e filhos: uma das chaves do processo de imigração. *Psicol. clin.*, 21 (2), 415-429.

- Espinosa, A., & Calderon-Prada, A. (2009). Relaciones entre la identidad nacional y la valoración de la cultura culinaria peruana en una muestra de jóvenes de clase media de Lima. *Liber.*, 15 (1), 21-28.
- Froese, F. J. (2010). Acculturation Experiences in Korea and Japan. *Sage Publications*, 16 (3), 333-348.
- Hogg, D., & Abrams, M. A. (1999). *Social identifications – a social psychology of intergroup relations and group processes*. USA and Canada: Routledge.
- Huayhua, G. L. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós Graduated em Psic. Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (331 f.).
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo demográfico populacional 2010*. Porto Alegre: Sistema IBGE de Recuperação de Dados – SIDRA.
- Martins, M. L., & Brito, L. (2004). Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2, 69-77.
- Moon, S., & Mcleod, D. M. (2003). The effects of immigration and acculturation on cultural values: a comparative study of Korean immigrants in America and mainland Koreans in Korea. *Hawaii International Conference on Social Science*, Honolulu (Hawaii).
- Oliveira, D.C., Gomes, A. M. T., & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In: S. S. S. Menin & A. M. Shimizu (Orgs.), *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas* (pp.23-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.

- ONU - Organização das Nações Unidas (2009). Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *Trends in International Migrant Stock: The 2008 Revision*.
- Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application. Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de methodologie sociologique*, 26, 24-54.
- Rodrigues, M. B. F. (2006). As referências identitárias no processo de modernização atual: reflexões indiciárias sobre o caso do racismo brasileiro. In: G. V. Silva, M. B. Nader & S. P. Franco (Orgs.), *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião* (pp. 89-99). Vitória: EDUFES.
- Santiago, E. (1994). *Cuando era puertorriqueña*. Vintage Books/Random House, Nova York.
- Sarriera, J. C., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estud. psicol. (Natal)*, 10 (1), 5-13.
- Scheyerl, D., & Siqueira, S. (2008). O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. *Trab. linguist. apl.*, 47 (2), 375-391.
- Silva, S. (2005). A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 77-83.
- Tajfel, H. (1963). Stereotypes. *Race & Class*, 5 (3), 1-14.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 96-102.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Soc. Sci. Inf.*, 65-93.
- Tajfel, H. (1982a). *Grupos humanos e categorias sociais I*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1982b). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.

Tajfel, H. (1982c). Social psychology of inter-group relations. *Annual Review of Psychology*, 01-39.

Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.

Tajfel, H., & Forgas, J. P. (1981). Social categorization: cognitions, values and groups. In: J. P. Forgas (Org.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 113-140). London: Academic Press.

3.2 - Estudo 2 - Da Europa para o Brasil: uma análise dos processos identitários de imigrantes europeus e descendentes no estado do Espírito Santo

RESUMO

Utilizando como referencial teórico a Teoria da Identidade Social, objetivou-se, com este estudo, conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes europeus e descendentes de europeus de língua germânica, que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Foram realizadas 17 entrevistas, a partir de um roteiro semiestruturado, com 12 europeus e 5 descendentes de europeus. Os resultados, analisados por meio do *software* ALCESTE e da Análise de Conteúdo, possibilitaram apreender os principais conceitos da teoria, de modo que há, tanto por parte dos imigrantes quanto dos descendentes, uma valorização positiva do seu grupo de pertença, considerando-se que esta pertença pode ser múltipla e variar segundo os diferentes contextos de inserção.

Palavras-chave: Brasil. Europa. Identidade Social. Migração.

**From Europe to Brazil: an analysis of the identity processes of European immigrants
and descendants in Espírito Santo**

ABSTRACT

By using the Social Identity Theory as theoretical background, this study aimed to understand the identity processes bind to European immigrants and European descendants of Germanic idiom, who currently live in the state of Espírito Santo. We conducted 17 interviews, based on a semi-structured script, with 12 European and 5 European descendants. The results, analyzed through the ALCESTE software and the Content Analysis, made it possible to apprehend the main concepts of the theory, so that there is, for both groups, the immigrants and the descendants, a positive value for their own group of belonging, bearing in mind that this belonging can be multiple and vary according to different contexts of insertion.

Keywords: Brazil. Europe. Social Identity. Migration.

INTRODUÇÃO

A migração, como uma movimentação de pessoas de um lugar para outro, em caráter permanente ou temporário (Avila, 2007), configura-se como fenômeno social que faz parte da constituição das diferentes sociedades (Rodrigues, 2006; Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005). Dessa forma, “inscrita no corpo coletivo da humanidade, a migração rompe horizontes, estabelece novos cenários e impõe o intercâmbio entre quem chega e quem já está” (Hasse, 2007, p.78). Este fenômeno pode ocorrer dentro de um mesmo país ou região, como também entre diferentes países (migração internacional), tornando-se um dos principais elementos do processo de globalização observado atualmente (Froese, 2010).

O Brasil passou a se inserir no contexto das migrações internacionais, em meados do século XIX, com a vinda de imigrantes que constituiriam força de trabalho livre, especialmente europeus, mas também trabalhadores vindos da Ásia e do Oriente Médio. Nesta época, alguns países da América já possuíam esta política migratória, porém o Brasil se inseriu tardiamente neste contexto, visto que ainda mantinha o sistema escravocrata e somente neste momento efetuava a transição para o sistema capitalista, baseado na cafeeicultura (Fleuri, 2000; Huayhua, 2007; Levy, 1974).

Assim, após a independência do país, a fim de promover o branqueamento da população e garantir a coesão e homogeneidade da nação brasileira, dá-se início a um intenso fluxo migratório para o Brasil (Beneduzi, 2011; Beneduzi & Vecchi, 2010; Moya & Silvério, 2009; Ribeiro, 1995), promovendo a substituição da “mão de obra escrava por imigrantes importados da Europa, cuja população se tornara excedente e exportável a baixo preço” (Ribeiro, 1995, p. 221). Nesse contexto, o início do processo de imigração europeia para o Brasil trouxe imigrantes considerados “ideais”, “desejáveis”, naquele momento em que se pretendia inserir o país num “universo europeizado de pensamento” (Beneduzi & Vecchi, 2010, p. 44). Dessa forma, foi se desenvolvendo, aos poucos, a formação do povo brasileiro, a

partir da interação entre diferentes grupos étnicos - europeus, africanos, indígenas, que passaram a conviver e a desenvolver as relações socioculturais que constituem o Brasil (Fleuri, 2000; Queiroz, 1989; Schwarcz, 1995).

Com relação à imigração para o Brasil na atualidade, os resultados do último Censo Demográfico, de 2010, (IBGE, 2011) indicam que existem 596.736 mil pessoas nascidas no exterior que vivem no país, sendo, destes, 433.428 mil estrangeiros e 163.308 mil brasileiros naturalizados. Especificamente quanto ao estado do Espírito Santo, encontram-se 4.904 mil pessoas que nasceram no exterior morando no estado, divididos em 3.728 mil estrangeiros e 1176 mil brasileiros naturalizados.

Como recurso teórico para pensarmos os processos identitários vinculados à imigração no Brasil, utilizamos, neste estudo, o referencial da Teoria da Identidade Social –TIS (Tajfel, 1983). Segundo esta teoria, três conceitos são essenciais para compreendermos o processo de construção da identidade social dos indivíduos no contexto das relações intergrupais, são eles: Categorização social, Identidade social e Comparação social, que, juntos, dão origem à chamada dinâmica CIC, a qual explicaremos a seguir.

O primeiro processo mencionado, a categorização social, é o processo em que os indivíduos ordenam as informações disponíveis nos diferentes contextos em que se inserem, agrupando pessoas, objetos e acontecimentos em grupos diversos (Tajfel, 1974, 1983). O processo de comparação social associa-se ao de categorização social, consistindo no processo em que se realizam comparações entre o *ingroup* (endogrupo) e o *outgroup* (exogrupo), de modo a atribuir características positivas ao seu grupo e negativas ao *outgroup* (Tajfel, 1982a, 1983). O terceiro conceito central da teoria, diz respeito ao próprio conceito de identidade social, que, entendida como um processo relacional, é a “parcela do autoconceito dum indivíduo que deriva do seu conhecimento da sua pertença a um grupo (ou grupos) social,

juntamente com o seu significado emocional e de valor associado àquela pertença” (Tajfel, 1983, p. 290).

Nesse sentido, considerando-se a importância que os processos migratórios apresentam até os dias atuais na constituição da população brasileira, e a proposição da TIS como uma teoria com conceitos bem articulados para estudar os processos intergrupais e as mudanças decorrentes destas relações (Castro, 2006; Hogg, Abrams, Otten & Hinkle, 2004; Salazar & Salazar, 1998), objetivamos, com a realização deste estudo, conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes europeus que vieram para o Brasil e descendentes de europeus que vivem no estado do Espírito Santo. Como objetivos específicos, destacam-se: 1) conhecer, descrever e analisar os estereótipos endo e exgrupais quanto ao universo europeu e brasileiro; 2) analisar a elaboração de elementos simbolicamente relevantes à construção identitária destes imigrantes e descendentes.

MÉTODO

Participantes

O estudo contou com a participação de 12 europeus de língua germânica (EUR 1) e 5 descendentes de europeus (EUR 2), cujos pais, ou ao menos um dos pais, fosse europeu e tivesse migrado para o Brasil. No caso dos descendentes entrevistados, todos possuíam mães brasileiras e pais europeus e nenhum deles era filho de algum entrevistado do primeiro grupo. Vale ressaltar que o idioma dos participantes foi adotado como critério para selecionar a amostra e tentar minimizar as diferenças existentes entre os diferentes países europeus, visto que acreditamos que os países germânicos possuem características similares entre si e que os diferenciam dos países ibéricos, assim como do Brasil. Segue a caracterização dos participantes da pesquisa (Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes

	EUR 1 (n = 12)	EUR 2 (n = 5)
Sexo	10 sexo masculino 2 sexo feminino	1 sexo masculino 4 sexo feminino
Idade	18 a 48 anos	20 a 40 anos
Escolaridade	11 Superior Completo 1 Superior Incompleto	2 Superior Completo 3 Superior Incompleto
Profissão	1 comerciante 1 economista 1 engenheiro 1 estudante 1 gesseiro 1 intérprete 1 mestre de obras 4 professores 1 publicitário	1 ator 1 empresário 2 estudantes 1 modelo
Estado Civil	9 casados 3 solteiros	5 solteiros
Possui filhos	6 possuem filhos	1 possui filhos
Religião	6 católicos 1 budista 3 ateus 2 não possuem religião	1 católico 1 espírita 1 maranata 1 ateu 1 não possui religião
País de origem (do imigrante ou do pai do descendente)	4 Alemanha 2 Áustria 1 Bélgica 2 Holanda 2 Inglaterra 1 Suíça	1 Alemanha 2 Holanda 2 Inglaterra
Tempo que reside no Brasil	Entre 2 e 24 anos	-

Nota: n = 17

Ademais, apesar de não perguntarmos acerca da classe social, podemos inferir a partir de dados da Tabela 1 e do local de residência dos entrevistados que eles são, em sua maioria, pertencentes às classes média e média alta.

Instrumentos e procedimento de coleta dos dados

Para a coleta de dados, foram realizadas entrevistas individuais com roteiros semiestruturados, envolvendo questões, por exemplo, acerca do processo de migração e adaptação dos estrangeiros que vieram ao Brasil e das características atribuídas aos brasileiros e às pessoas do país de origem dos europeus do grupo EUR 1 (e do pai dos participantes de EUR 2).

A partir da permissão dos entrevistados, por meio da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, o qual continha os objetivos da pesquisa e garantia a participação voluntária e o anonimato dos participantes, todas as entrevistas foram gravadas e transcritas para posterior análise dos dados. As entrevistas, realizadas nas residências ou locais de preferência dos participantes, foram conduzidas em português, com exceção de duas, as quais foram realizadas em inglês pela entrevistadora, visto que os participantes se sentiram mais confortáveis para conversar neste idioma.

A partir das normas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº. 196/1996 e da Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia sobre a realização de pesquisa com seres humanos, consideramos que este estudo apresentou riscos mínimos aos seus participantes, pois não produziu conteúdos que pudesse causar danos à vida destes indivíduos.

Procedimento de organização e análise dos dados

Procedeu-se à organização dos dados com o auxílio do *software* ALCESTE (Reinert, 1990) e da Análise de Conteúdo (Bardin, 2002). Por meio de tratamento estatístico e de análise lexical de conteúdos textuais dos dados, este *software*, organiza as entrevistas (Unidades de Contexto Inicial - UCIs) e seleciona fragmentos do *corpus* de dados (Unidades de Contexto Elementar - UCEs), para realizar uma Classificação Hierárquica Descendente (CHD), que dá origem a um dendrograma, dividido em eixos e classes compostos de elementos significativos ao conteúdo dos resultados (Bonomo, Trindade, Souza & Coutinho, 2008; Camargo, 2005; Oliveira, Gomes & Marques, 2005).

Como recurso complementar, utilizamos a Análise de Conteúdo Categorial (Bardin, 2002), segundo a qual se realiza uma simplificação dos dados brutos, mantendo o seu conteúdo central, a fim de “[...] descobrir os ‘núcleos de sentido’ que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição, podem significar alguma coisa para o objetivo analítico escolhido” (p. 105).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Iniciaremos esta seção com a apresentação e discussão dos resultados referentes ao grupo EUR 1 e, em seguida, realizaremos a descrição e análise dos dados relativos a EUR 2.

Europeus (EUR 1)

Com relação à análise das 12 entrevistas dos participantes de EUR 1, realizada pelo *software* ALCESTE, houve aproveitamento de 80% do conteúdo e seleção de 1.198 UCEs. O dendrograma gerado pelo programa (Figura 1) foi composto por dois eixos principais. Vale ressaltar que cada classe está composta pelas 20 palavras com maior qui-quadrado, apresentadas em ordem decrescente.

O primeiro eixo, com duas classes, refere-se à trajetória dos participantes para se estabelecer no Brasil e à sua vivência no país. Já o segundo eixo, também composto de duas classes, diz respeito às características que os participantes atribuem a brasileiros e a europeus, pautadas nas comparações de elementos referentes às culturas destes países. A Classe 1 ressalta exemplos de situações vividas por estes europeus ao longo de sua experiência no Brasil, desde a chegada até os dias atuais, sempre mantendo como referência a comparação com seu país de origem:

“Por exemplo, a **roupa**, quando lava a **roupa**, eu sempre falo, ‘você não precisa de tanto sabão em pó, eu só **estou** suado e mais nada’, ou então limpeza com as **crianças**, antes de ir para a escola toma banho, eu acho um exagero, porque você **tira** toda a proteção do corpo e **são** expostos a todas as bactérias que **existem**”; “Quando eu vim morar aqui que eu **tirei** CPF, que eu não tinha, aqui **é** uma burocracia que **é** uma loucura, lá você **vive** com um **passaporte** sem você precisar **sair** pra outros países” (Exemplos de UCEs – Classe 1).

Na Classe 3, relacionada à Classe 1, encontram-se elementos referentes ao processo de chegada destes estrangeiros ao Brasil.

“Eu **vim** parar por causa da minha esposa, eu antes de conhecê-la, eu **viajei** a América do Sul, eu fiquei 7 **meses viajando, passei**, conheci a família dela todinha, por acaso, as **irmãs** dela...”; “Foi em 1985, **passei** dois **meses viajando** aqui, isso, a primeira vez, e, **casamos** em 86, aqui já, no fundo **ficamos** um **ano** lá, mais ou menos, porque eu **voltei**, comecei a trabalhar, ela também **estava** estudando, **ficamos** nisso...”

(Exemplos de UCEs – Classe 3).

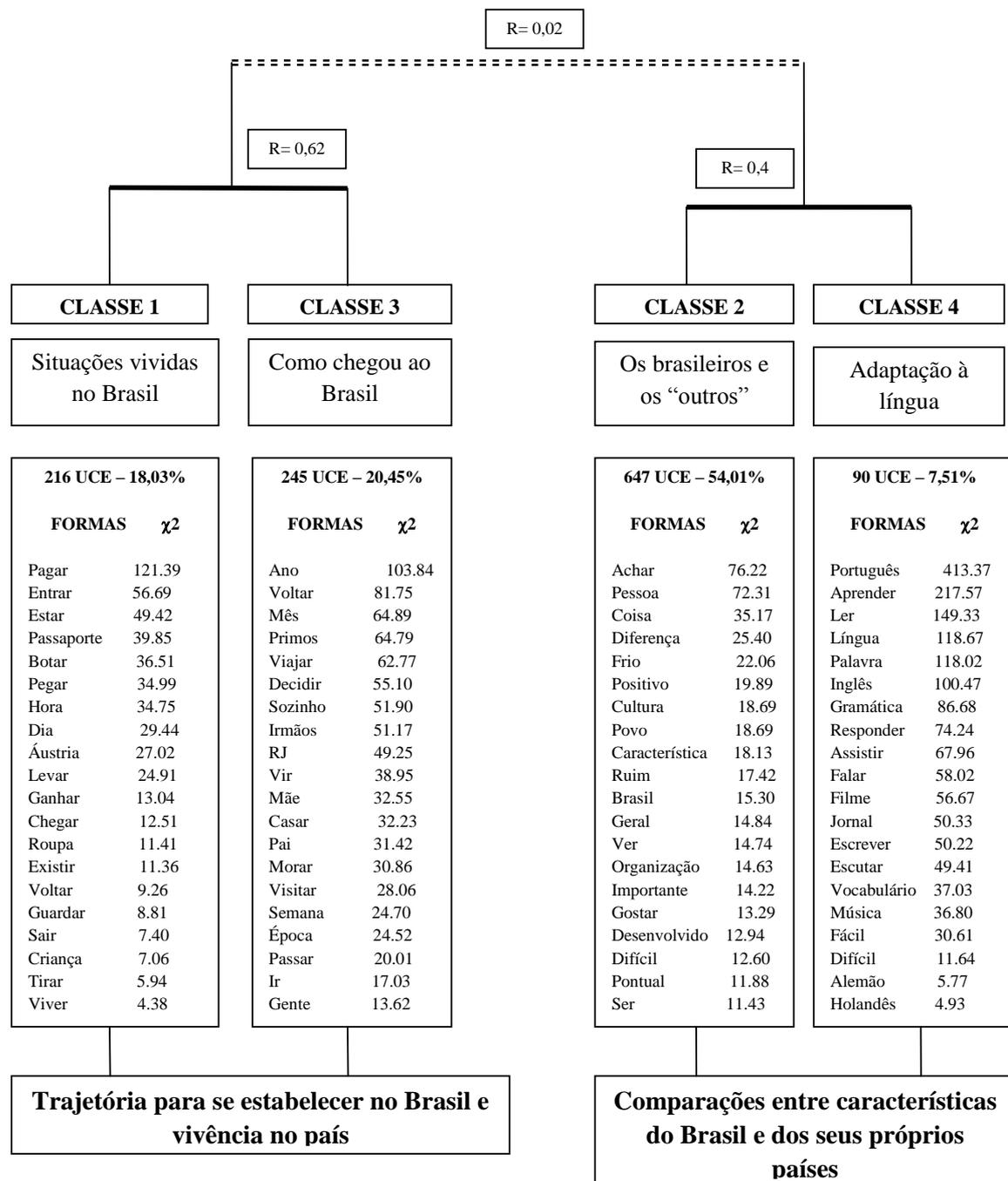


Figura 1: Dendrograma referente à EUR 1 (n = 12).

No outro eixo, há a Classe 2, que abriga a maior parte do conteúdo analisado (54,01%), e diz respeito ao momento em que comparam o Brasil e os brasileiros com o seu país de origem, tentando apontar as possíveis razões para as pessoas possuírem as características por eles assinaladas, além de pensarem sobre como os brasileiros os veem e sobre as mudanças nas imagem que eles tinham acerca dos brasileiros e das pessoas de seu país.

“Eu **acho** que, em **geral**, as **pessoas** não **veem** os **alemães** no negativo não, meio chato, fechado, **povo** grosso, não sabe dançar”; “E aquelas **coisas**, qualidades alemãs, engenharia, um **povo** assim muito bem educado, não fala alto, sempre fala baixo, reservado, não **frio**, é reservado”; “Então, essas **coisinhas** assim, eu **acho** que não piorou, nem melhorou, eu sempre **gostei** do **Brasil**”; “Eu não sei, eu não sei, eu só **acho** que tem algo a ver com a **cultura** latina, espanhóis **são** assim, italianos **são** assim, alemães não **são** assim, ingleses não **são** assim”; “Claro que tem **diferenças**, por causa do clima também” (Exemplos de UCEs – Classe 2).

Relacionando-se à Classe 2, vemos a Classe 4, relativa ao processo de adaptação à língua, o português, e de manutenção do seu idioma de origem:

“Depende, em casa em **inglês**, mas eu tento **falar** em **português** para praticar, [...] muito mais **fácil** pra **ler português** do que **falar**, porque **falar** é o mais **difícil**”; “Não foi **fácil**, porque ninguém **fala inglês**, também não **holandês**”; “**Música** eu já **escuto música** em **português** mesmo, mas os **filmes** a gente **assiste** na **língua** original”; “**Gramática** em **português** é mais importante do que **vocabulário**, em **inglês** o **vocabulário** é mais importante do que a **gramática**” (Exemplos de UCEs – Classe 4).

Complementando a análise conduzida através do *software* ALCESTE, a Análise de Conteúdo realizada nos permitiu obter cinco principais categorias: processo de vinda e adaptação à realidade brasileira; valorização por ser estrangeiro europeu no Brasil;

estereótipos relacionados ao endogrupo e ao exogrupo; mudanças nas significações sobre Brasil e brasileiros e sobre o país de origem; identificação com o endogrupo. A seguir apresentamos uma discussão acerca dos principais elementos presentes nestas categorias, também presentes na análise efetuada pelo *software* ALCESTE.

Como pudemos notar no dendrograma acima apresentado, o processo de adaptação ao Brasil envolve não apenas as características gerais do povo do país, mas também, a adaptação a diferentes aspectos desta nova cultura, como a língua, a comida, o clima, as músicas, etc, visto que, como destaca este participante, “não adianta você querer mudar pra cá achando que você vai mudar o Brasil, o Brasil não vai se adaptar a você, você que tem que se adaptar ao lugar que você tá, isso em qualquer lugar do mundo”. A língua destaca-se, assim, como um aspecto importante na adaptação destes europeus ao Brasil, pois, ao mesmo tempo em que é essencial para sua inserção na cultura brasileira, também carrega em si a dificuldade de aprendizagem de um idioma tão diferente do idioma original, de modo que “aprender uma nova língua é fazer a experiência de seu próprio estranhamento no mesmo momento em que nos familiarizamos com o estranho da língua e da comunidade que a faz viver” (Revuz, 1997, p.227).

É interessante notar que o segundo eixo, que diz respeito às significações do Brasil para estes estrangeiros e ao processo de adaptação ao país, apresenta pouca relação com o primeiro eixo, que se refere à trajetória dos participantes para chegarem ao Brasil e aqui se estabelecerem, ou seja, sua vinda para o país independe do que pensam sobre as pessoas ou sobre as condições de vida que poderiam encontrar aqui. Então, o que motiva a vinda destes europeus para o Brasil? A maioria deles já havia vindo ao país durante suas viagens por diferentes lugares do mundo, mas o que fez com que todos os 10 homens entrevistados viessem e permanecessem no Brasil foram os relacionamentos amorosos que estabeleceram

com mulheres brasileiras. Já no caso das 2 mulheres entrevistadas, sua vinda foi motivada pela família que possuíam aqui no país (tios, avós, primos).

A vinda ao Brasil, apesar de apresentar algumas dificuldades, como já referido, também foi facilitada pela nacionalidade dos entrevistados, que, na maior parte das vezes, sentiram-se valorizados por serem estrangeiros (europeus). Essa valorização se traduzia em alguns privilégios, como maior facilidade de contratação em empregos pelo fato de falarem várias línguas e terem vivido no exterior, ou ainda, a facilidade para conhecer pessoas (mesmo que superficialmente), devido à curiosidade dos brasileiros com relação a eles e à admiração da qual eram alvo. Esta valorização e admiração que os brasileiros têm pelos países europeus advêm do nosso processo histórico, cuja análise mostra que o Brasil se construiu “voltado para a Europa” (Beneduzi, 2011, p.5), tentando se espelhar no desenvolvimento europeu.

“Tem umas coisas que são enraizadas, não tem jeito, que você realmente é...”: discutindo o processo de construção identitária

Como dissemos anteriormente, o processo de construção da identidade social envolve os mecanismos de categorização social e de comparação social, que se articulam na dinâmica C.I.C. (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1970, 1974, 1982a, 1982b, 1982c, 1983). Com o intuito de ilustrar o funcionamento desta dinâmica no contexto do estudo realizado, fornecemos um quadro esquemático (Figura 2) dos principais processos envolvidos na construção da identidade dos europeus entrevistados a partir de sua vivência no Brasil.

Por meio deste quadro observamos que os estereótipos que estes imigrantes possuem acerca do Brasil e dos brasileiros, os auxiliam na “estruturação cognitiva do seu meio” e na “proteção do seu sistema de valores” (Tajfel, 1982a, p.176), garantindo a tão almejada autoimagem positiva (Tajfel, 1982a). Dessa forma, estabelecem comparações entre o seu grupo de pertença, seja ele o de “holandeses”, “ingleses”, “alemães”, que aqui estamos

agrupando sob a categoria “europeus” e o grupo de relação, os “brasileiros”, atribuindo mais características positivas ao seu *ingroup*. Desse modo, os europeus, apesar de serem, na visão dos entrevistados, mais fechados e mais sérios, são também mais organizados, pontuais, pensam mais no coletivo, respeitam o próximo e a natureza, características opostas às dos brasileiros, que, apesar dos aspectos positivos da alegria e da receptividade, são considerados descompromissados, mal educados, individualistas, desorganizados e não confiáveis.

Quadro esquemático: caracterização empírica e teórica do estudo			
Categorização social	- Produção das categorias sociais no imaginário social		Categorias sociais: europeus germânicos – brasileiros. Generalização de estereótipos e formação de categorias. Imaginário europeu: brasileiros como festeiros, alegres, amantes do carnaval e futebol.
Comparação social	- Relação entre grupos sociais em determinado contexto - Estado de conflito entre os grupos em comparação social		Passagem de categorias sociais a grupos de pertencimento: <i>Nós somos europeus (ingroup) e eles são brasileiros (outgroup)</i> .
Identidade social	Estereótipos	Função Social	Função justificadora → Produção de ideologias que justifiquem o <i>status</i> do grupo.
			Explicação causal → Processo de simplificação do complexo sistema de categorização do outro.
			Diferenciação social → Manutenção da distintividade positiva em relação ao <i>ingroup</i> .
	Função individual	Dimensão cognitiva → O indivíduo reconhece seu pertencimento a determinado grupo social e o não pertencimento ao grupo de oposição.	
		Dimensão avaliativa → Atribuição de elementos positivos ao próprio grupo e negativos ao <i>outgroup</i> .	
		Dimensão afetiva → Orientação afetiva dos processos de identificação segundo a dimensão avaliativa – sentimentos positivos para o <i>ingroup</i> e negativos ao <i>outgroup</i> .	
			Dentre os estereótipos que europeus entrevistados apresentam com relação aos brasileiros, destacam-se: <i>alegres, calorosos, descompromissados, mal educados, individualistas e desorganizados</i> . O processo de simplificação se dá ao associarem os estereótipos que circulam na sociedade acerca do brasileiro, de forma geral, para lidarem com os brasileiros com os quais eles entram em contato no Brasil. Os participantes se identificam como alemães, holandeses, ingleses, enfim, enquanto não brasileiros, nutrido sentimentos positivos para com o seu grupo de pertença e lhe atribuindo características positivas, como: respeito, educação, pontualidade e coletividade.

Figura 2: Esquema empírico e teórico do estudo a partir da TIS (Quadro adaptado do estudo de Bonomo et al., 2011).

É interessante notar que, ao serem questionados sobre quais destas características (de brasileiros e europeus) eles possuem, estes imigrantes tendem, como nos explicam estes

entrevistados, a “extrair o que é bom” de cada país, “porque as características são tão diferentes e o que é bom lá, aqui não é tanto, o que é bom aqui, lá não é tanto, que se completa muito”. Assim, como resume esta participante: “às vezes eu gostaria de misturar as coisas boas daqui com as boas de lá. Se eu pudesse seria excelente”. É isso que, em geral, eles tentam fazer: do lado europeu, consideram possuir a boa educação, a pontualidade, o respeito às leis e às demais pessoas; enquanto que, do Brasil, têm ou estão começando a adquirir a alegria, “o jeito informal de ser”, o “saber levar a vida”. Neste jogo de comparações, acionando para si as características positivas de cada grupo, conseguem garantir, mais uma vez, uma distintividade positiva (Tajfel, 1982a, 1982b).

Com o tempo de vivência no país, os participantes relatam conhecer mais o Brasil, e também seus próprios países, agora que estão “de fora”, relativizando um pouco mais alguns estereótipos que antes possuíam, tornando-se menos etnocêntricos, por assim dizer (Scheyerl & Siqueira, 2008).

“Mudou, antes quando eu cheguei aqui era tudo preto e branco e devagarzinho mudou em colorido, o que quer dizer, você chega todo mundo parece igual, de repente você começa a reparar nos pequenos detalhes, já tem aquela coisa ruim que você começa a achar antes que conheça a pessoa, que é muito comum, eu to querendo mudar isso, já começa, sabe, eu já me adaptei até demais ao brasileiro, por outro lado começa a conhecer ele, a diferença, que são mínimas, mas são”; “Eu meio que comecei a enxergar algumas características que eu não enxergava, o holandês não mudou, eu mudei”.

Como instrumentos de proteção do sistema de valores dos indivíduos, no entanto, estes estereótipos não se desfazem totalmente, ainda que alguns aspectos sejam incorporados ou modificados, outros principais ainda permanecem (Tajfel, 1982a; Tajfel & Forgas, 1981). Dessa forma, apesar de todas as mudanças ocorridas, da incorporação de novos hábitos, da

identificação com algumas características do Brasil e dos brasileiros, e, ainda que alguns dos entrevistados se autodenominem como “cidadãos do planeta Terra” ou enfatizem “não ligar para isso de nacionalidade”, a maioria se considera como pertencente à nacionalidade do seu país de origem. Esses relatos indicam que a identificação que estes europeus sentem para com seus países, sua nacionalidade, ainda se faz bastante presente, como fica claro nas falas a seguir.

“Eu to começando a me assimilar, to virando brasileiro de alguma forma, mas não precisa virar, pode manter a sua cultura, as suas raízes”; “É até uma das razões dessa tatuagem minha, é muito importante essa coisa das origens, a minha casinha significa isso, eu tenho o cristo [Cristo Redentor], tenho a casinha [Bélgica], tenho as iniciais das minhas amigas”;

“Alemão, sempre me senti alemão, não tem como não, eu não sou brasileiro e nem nunca vou ser, porque eu não nasci aqui, não cresci aqui, não tenho minhas raízes aqui, não tem, nunca posso me sentir daqui”; “Eu acho que a essência suíça eu não vou perder nunca, né, você não perde nunca isso, a essência, a sua educação, a sua cultura básica, você nunca perde, isso é pra sempre, agora, o que você faz com isso, o que você utiliza na vida, isso depende do seu convívio hoje, então isso eu to tentando usar isso junto”.

Dessa forma, o processo de construção identitária não é fixo ou imutável e é sempre relacional, se dá na relação com outros grupos sociais (Tajfel, 1983). No entanto, vale lembrar que, não há apenas transformações e mudanças quando falamos em identidade social, a estabilidade também se faz presente neste processo, como afirma Souza (2005), “estabilidade e transformação são indissociáveis e formam uma unidade” (p.132).

Descendentes de europeus (EUR 2)

Com relação às 5 entrevistas conduzidas com os participantes filhos de europeus, o programa selecionou 391 UCEs e analisou 89% do *corpus*. O dendrograma (Figura 3) foi composto por dois eixos: Eixo 1, com uma classe, referente à comparação que realizam entre as características dos brasileiros e das pessoas do país de origem do pai; e Eixo 2, composto por duas classes, que congrega elementos relativos à vinda dos pais dos entrevistados ao Brasil e ao cotidiano da família, com a manutenção de alguns costumes do país de origem do pai.

A Classe 1, com 62,66% do conteúdo analisado pelo *software*, diz respeito à comparação entre o Brasil e o país de origem dos pais dos entrevistados, constituindo-se de elementos utilizados pelos participantes para caracterizar as pessoas destes países, bem como indicar quais destas características eles próprios possuem ou não.

“**Brasileiro** é hospitaleiro, alegre, mais falante, mais receptivo, eu **acho** que é isso, completamente o oposto, não são **fechados**”; “Eu **acho** que a história de dar um jeitinho também é verdade, mas muitas vezes isso é péssimo”; “É sempre receptivo, ele é o contrário do que se diz do **povo** britânico, mas o que me vem na cabeça quando eu falo de **povo** britânico é tradicional e **frio**” (Exemplos de UCEs – Classe 1).

Na Classe 2 encontram-se elementos referentes aos costumes do país de origem do pai mantidos pela família dos entrevistados, com destaque especial para o natal.

“Como ele morava longe da família dele, ele sempre cobrava da **gente**, da **gente** escrever, a **gente** recebia **carta** e recebia **presente** de lá, essa coisa de agradecer, sempre lembrar data de aniversário, **natal**, isso ele **gosta**”; “**Bala**, tem um biscoito de caramelo, muito **gostoso**, muito bom, **comida** mais assim a **gente** tenta manter mais lá em **casa**”; “Como eu era a única **criança**, eu era a única que podia **colocar** meus **presentes** embaixo da **árvore** de **natal**”; “E outra coisa que também é legal na

Alemanha é que a partir dessa data até o **natal**, todo **dia** tem um **presente**, tipo um calendário” (Exemplos de UCEs – Classe 2).

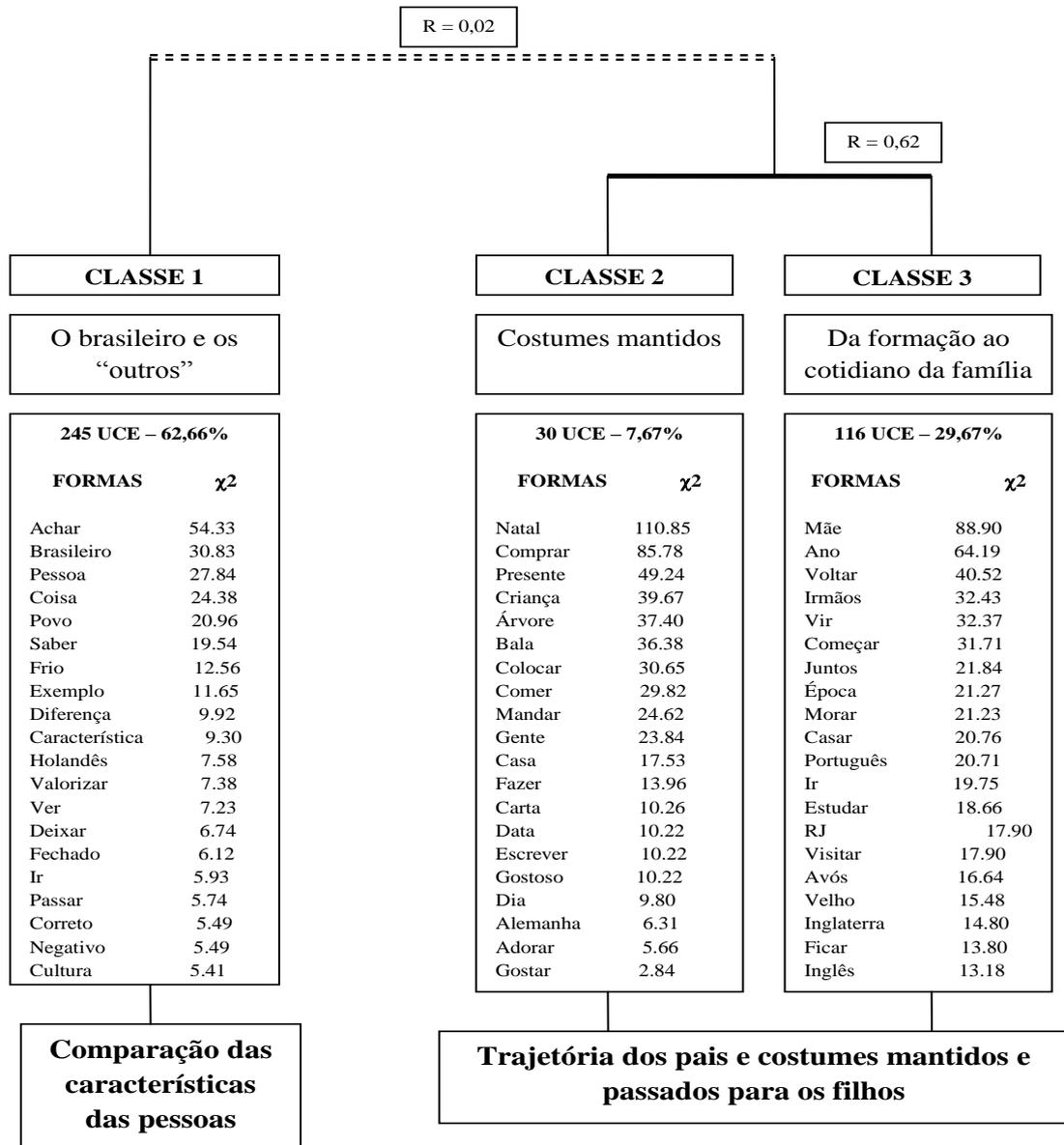


Figura 3: Dendrograma referente à EUR 2 (n = 5).

Por fim, relacionada à Classe 2, há a Classe 3, relativa às explicações de como os pais se conheceram, como foi o processo de constituição da nova família no Brasil e da relação que mantêm com a família do país de origem do pai:

“Eles se conheceram, **começaram** a namorar, resolveram **ficar juntos**, foram pra **Inglaterra**, **casaram**”; “O **irmão** dele já veio, sobrinho, dois sobrinhos já **vieram** no Brasil, **vieram** em

Vitória, pra **visitar** mesmo e teve uma que **morou** na nossa casa durante alguns meses” (Exemplos de UCEs – Classe 3).

A partir da Análise de Conteúdo relacionada a este grupo obtivemos quatro categorias principais, algumas das quais também foram observadas através da análise realizada pelo *software*: costumes passados de pais para filhos; comparação de características de brasileiros e das pessoas do país de origem do pai; valorização por ser descendente de europeu no Brasil; identificação com o Brasil ou com o país de origem do pai.

É notável nas respostas dos descendentes similaridades com o conteúdo apresentado pelos europeus em EUR 1, com suas devidas especificidades. Dessa forma, os participantes de EUR 2 também contam sobre a trajetória imigratória de seus pais ao Brasil, mesmo que com um pouco menos de propriedade do que os participantes de EUR 1, o que é esperado, já que os primeiros não vivenciaram este momento.

Quanto aos estereótipos com relação aos brasileiros e às pessoas do país de origem do pai, os elementos também se aproximam, como pudemos observar no primeiro Eixo, porém, como os próprios participantes reconhecem, existem diferenças quanto à imagem que eles e seus pais possuem sobre as pessoas destes diferentes países: “porque eu, o pouco contato que eu tenho com inglês é com ele [o pai], ele conhece as pessoas, e viveu lá muito tempo, ele sabe como que é, como eles são, como eles vivem, a personalidade e a cultura. A visão que eu tenho daqui de fora, que moro no Brasil, em relação a eles, britânicos, é com certeza diferente da visão que ele tem, por conta disso, eu acho”. Desse modo, quanto menor o contato que temos com as pessoas de determinado grupo e quanto menos sabemos sobre elas, maior é a tendência que apresentamos em atribuir a essas pessoas estereótipos que julgamos característicos do seu grupo de pertença (Tajfel, 1963, 1969, 1982a).

No dendrograma do grupo EUR 2, encontramos uma classe que se refere especificamente aos costumes da cultura do país de origem dos pais, que estes tentaram passar para seus filhos e eles tentam manter. Há um destaque para o natal, que é uma festividade bastante tradicional na Europa, em países com influência católica, e que, para estes descendentes, teve um peso importante no processo de transmissão das tradições da cultura paterna, especialmente em sua infância. Além do natal e outras festividades, como a páscoa, com a tradição de pintar e esconder pequenos ovos pela casa, os entrevistados também ressaltam a importância da culinária (Espinosa & Calderón-Prada, 2009; Silva, 2005), e da língua (Martins & Brito, 2004; Silva, 2005), como elementos presentes no processo de identificação com a cultura do país de origem dos imigrantes.

A língua se configura como um elemento tão simbolicamente relevante para a construção identitária que, tanto para os participantes de EUR 1 quanto de EUR 2, a sua transmissão aos filhos, às gerações futuras é considerada fundamental. Dessa forma, quando o ensinamento e a prática da língua não são efetivados dentro de casa pelos pais, há certo pesar por parte destes descendentes, por não terem aprendido este que é um dos marcos diferenciais da sua descendência europeia: “Acho que foi um erro do meu pai, poderia ter falado desde o início holandês com a gente”; “E não sei, acho que isso foi ruim, acho que, por ele ser inglês, aquilo devia estar dentro da família incorporado mesmo”.

Outro aspecto em comum com a realidade vivida pelos participantes de EUR 1, é a valorização que estes descendentes também sentem, no Brasil, quando as pessoas têm conhecimento da sua descendência europeia, pois, como relatam estas entrevistadas: “Valorizam muito, porque é inglês eles acham que você é superior, pelo país, por estar na Europa, tem esse negócio de Europa é o melhor continente”; “O brasileiro coloca num patamar mais alto o estrangeiro”. No entanto, apesar de se sentirem valorizados e nunca terem passado por situações de discriminação, alguns participantes alertam para a importância de os

brasileiros também valorizarem o seu próprio país, de serem “mais patriotas”, considerando negativa essa admiração excessiva que o brasileiro tem por estrangeiros, o que faz com que não valorize devidamente o próprio país.

“Alguns momentos brasileira, alemã, o que convém”: identidade e pertença grupal como processos relacionais

“E, independente de cidadania, como você se sente? Se considera o quê? Por quê?” Estas eram algumas das perguntas que apresentávamos aos participantes, a fim de conhecer como se dá o processo de pertença grupal e construção identitária. Suas respostas evidenciam a relevância do grupo social na formação da identidade social (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1983). A pertença grupal, como apresentada no quadro esquemático sobre a TIS, pressupõe aspectos cognitivos, avaliativos e afetivos, que vão orientar as identificações dos indivíduos com estes ou aqueles grupos. E estas identificações podem variar segundo os diferentes contextos, reafirmando-se o caráter relacional da identidade (Tajfel, 1983), como observamos na fala de uma participante disposta no início desta seção e complementada pelas seguintes falas.

“Se a pessoa falar mal do Brasil, eu viro brasileira, se falar mal da Alemanha, eu viro alemã”; “Eu me sinto meio a meio, completamente, eu acho que tenho características do meu pai, do lado inglês, até eu acho que personalidade e até questão física mesmo e de jeito. E essa coisa, eu sou totalmente brasileira, eu vivi minha vida toda aqui, minha família é daqui, eu tive muito mais contato com os brasileiros”.

Assim, deixa-se de lado a ideia de que para se constituir um grupo são necessárias relações face a face ou o compartilhamento dos mesmos espaços, e passa-se a entender o grupo enquanto grupo psicológico, o que permite esta variação de identificações nas pertenças grupais, como vimos com os participantes deste estudo (Tajfel, 1983).

Finalmente, vale lembrar que, estas pertenças grupais estão sempre relacionadas aos processos que discutimos ao longo deste artigo, que permitem a construção da identidade social dos indivíduos, garantindo sua autoimagem positiva (Tajfel, 1982a, 1983). Desse modo, como resume este entrevistado, a fim de organizar sua construção identitária, congregam-se os elementos considerados mais positivos de cada cultura.

“Me sinto 80 por cento brasileiro, 20 por cento holandês, me sinto mais brasileiro [...] eu tentei ver alguns defeitos que o meu pai tem e tentar não seguir, tento pegar só o lado positivo dele, alguma coisa que eu acho que é errado eu tento não seguir, mas tem muita coisa que eu puxei dele”.

A análise dos dados dos dois grupos mostra que o conteúdo das falas dos participantes de EUR 1 e EUR 2 se aproximam, visto que em ambos os grupos há elementos relacionados ao processo de chegada do imigrante ao Brasil, às comparações entre brasileiros e pessoas do país de origem dos estrangeiros e à valorização que experimentam por serem europeus ou descendentes de europeus. Contudo, cada grupo também possui suas especificidades, visto que os participantes de EUR 1, que vivenciaram o processo migratório, falam com maior propriedade sobre a vinda e o processo de adaptação à cultura brasileira, enquanto que os participantes de EUR 2 mostram uma avaliação diferente, visto que passaram a maior parte de suas vidas no Brasil. Desse modo, já não discorrem sobre adaptação ao Brasil, mas sim sobre os costumes do país de origem do pai que eles mantêm em seu cotidiano.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo forneceu dados que nos permitiram analisar a construção identitária de imigrantes e descendentes de europeus em território brasileiro, ilustrando-se os principais processos assinalados pelo referencial teórico utilizado, em especial a dinâmica

C.I.C., da qual fazemos uso, por meio de atribuição de características positivas ao nosso *ingroup* e negativas ao *outgroup*, a fim de mantermos uma autoimagem positiva (Hogg & Abrams, 1999; Tajfel, 1970, 1974, 1982a, 1982b, 1982c, 1983). Observamos, portanto, como a identidade “surge por oposição, jamais se afirma isoladamente” (Barbosa, 2006, p.127), podendo-se falar em identidades sociais, no plural, já que possuímos quantas identidades sejam para os grupos sociais aos quais nos consideramos pertencentes (Tajfel, 1983).

Destacamos a necessidade de realização de pesquisas futuras acerca da temática da migração de pessoas de países desenvolvidos para outros países considerados em desenvolvimento, como é o caso dos europeus para o Brasil, a fim de verificar quais as motivações destes indivíduos para migrar, além de investigar os processos identitários envolvidos nessa mudança.

Por fim, acreditamos que mais pesquisas similares à que realizamos, em contexto real, num “ambiente natural”, tomando como base a TIS, são necessárias a fim de proporcionar maior conhecimento sobre a aplicação desta teoria em contextos distintos dos laboratoriais, como eram muitos dos estudos dos primeiros pesquisadores desta teoria (Bonomo, 2010).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Avila, C. F. D. (2007). O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. *Rev. bras. polít. int.*, 50 (2), 118-128.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barbosa, L. (2006). *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. Rio de Janeiro: Elsevier.

- Beneduzi, L. F. (2011). Por um branqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. *Antíteses*, 4 (7), 1-19.
- Beneduzi, L. F., & Vecchi, R. (2010). A exclusão não está longe daqui: a natureza como potencial operador biopolítico em algumas etapas da formação do Brasil. *Educação (PUCRS. Impresso)*, 33 (1), 35-45.
- Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo (468 f).
- Bonomo, M., Trindade, Z. A, Souza, L., & Coutinho, S. M. S. (2008). Representações sociais e identidade em grupos de mulheres ciganas e rurais. *Revista Portuguesa de Psicologia*, 22, 151-178.
- Bonomo, M., Souza, L., Trindade, Z. A., Canal, F. D., Brasil, J. A., Livramento, A. M., & Milani, A. P. S. (2011). Mulheres ciganas: medo, relações intergrupais e confrontos identitários. *Universitas Psychologica*, 10, 745-758.
- Camargo, B. V. (2005). ALCESTE: um programa informático de análise quantitativa de dados textuais. In: A. S. P. Moreira, J. C. Jesuino & B. V. Camargo (Orgs.), *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp. 511-539). João Pessoa: UFPB.
- Castro, V. S. (2006). La psicología social de las relaciones intergrupales: modelos e hipótesis. *Actualidades en Psicología*, 20, 45-71.
- Conselho Federal de Psicologia (2000) - *Resolução CFP nº 016/2000*. Retirado de: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000_16.pdf. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.

- Conselho Nacional de Saúde (1996). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Resolução n. 196*.
- Espinosa, A., & Calderon-Prada, A. (2009). Relaciones entre la identidad nacional y la valoración de la cultura culinaria peruana en una muestra de jóvenes de clase media de Lima. *Liber.*, 15 (1), 21-28.
- Fleuri, R. M. (2000). Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE* (pp. 67-81). Rio de Janeiro: DP&A.
- Froese, F. J. (2010). Acculturation Experiences in Korea and Japan. *Sage Publications*, 16 (3), 333-348.
- Hasse, G (2007). “Meus caros pais”: uma trajetória migrante. Em: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.), *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 75-90). São Paulo: Centauro.
- Hogg, D., & Abrams, M. A. (1999). *Social identifications – a social psychology of intergroup relations and group processes*. USA and Canada: Routledge.
- Hogg, M. A., Abrams, D., Otten, S., & Hinkle, S. (2004). The social identity perspective: intergroup relations, self-conception, and small groups. *Small Group Research*, 35 (3), 246-276.
- Huayhua, G. L. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós Graduated em Psic. Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (331 f.).
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo demográfico populacional 2010*. Porto Alegre: Sistema IBGE de Recuperação de Dados – SIDRA.

- Levy, M. S. F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Rev. Saúde públ.*, 8, 49-90.
- Martins, M. L., & Brito, L. (2004). Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2, 69-77.
- Moya, T. S., & Silvério, V. R. (2009). Ação afirmativa e raça no Brasil contemporâneo: um debate sobre a redefinição simbólica da nação. *Soc. e Cult.*, 12 (2), 235-250.
- Oliveira, D.C., Gomes, A. M. T., & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In: S. S. S. Menin & A. M. Shimizu (Orgs.), *Experiência e representação social: questões teóricas e metodológicas* (pp.23-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Queiroz, M. I. P. (1989). Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. *Tempo Social - Rev. Sociologia da USP*, São Paulo, 1 (1), 18-31.
- Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une applicattion. Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de methodologie sociologique*, 26, 24-54.
- Revuz, C. (1997). A língua estrangeira entre o desejo de um outro lugar e o risco do exílio. In: I. Signorini (Org.), *Lingua(gem) e Identidade: Elementos para uma discussão no campo aplicado* (pp.213-230). São Paulo: Mercado de Letras.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Rodrigues, M. B. F. (2006). As referências identitárias no processo de modernização atual: reflexões indiciárias sobre o caso do racismo brasileiro. In: G. V. Silva, M. B. Nader & S.

- P. Franco (Orgs.), *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião* (pp. 89-99). Vitória: EDUFES.
- Salazar, J. M., & Salazar, M. A. (1998). Estudios recientes acerca de identidades nacionales en América Latina. *Psicología Política*, 16, 75-93.
- Sarriera, J. C., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estud. psicol. (Natal)*, 10 (1), 5-13.
- Scheyerl, D., & Siqueira, S. (2008). O Brasil pelo olhar do outro: representações de estrangeiros sobre os brasileiros de hoje. *Trab. linguist. apl.*, 47 (2), 375-391.
- Schwarcz, L. K. M. (1995). Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29, sp.
- Silva, S. (2005). A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 77-83.
- Souza, L. (2005). Processos de identidade social: da intolerância e violência à utopia solidária. In: L. Souza, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Simpósio Nacional de Psicologia Social e do Desenvolvimento, Violência e desenvolvimento humano: textos completos* (pp. 131-138). Vitória: UFES.
- Tajfel, H. (1963). Stereotypes. *Race & Class*, 5 (3), 1-14.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25 (4), 79-97.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 96-102.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Soc. Sci. Inf.*, 65-93.
- Tajfel, H. (1982a). *Grupos humanos e categorias sociais I*. Lisboa: Livros Horizonte.

- Tajfel, H. (1982b). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.
- Tajfel, H. (1982c). Social psychology of inter-group relations. *Annual Review of Psychology*, 01-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Forgas, J. P. (1981). Social categorization: cognitions, values and groups. In: J. P. Forgas (Org.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 113-140). London: Academic Press.

3.3 - Estudo 3 - Latino-americanos e europeus no Brasil: analisando processos migratórios e identitários no estado do Espírito Santo

RESUMO

Este estudo objetivou conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos e europeus que migraram para o Brasil e que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Para tanto, foram realizadas 26 entrevistas (14 latino-americanos e 12 europeus) com roteiro semiestruturado, cujo conteúdo foi organizado através do *software* ALCESTE e da Análise de Conteúdo. Os resultados indicam que há diferenças no processo migratório e identitário de latino-americanos e europeus, sendo que estes vieram para o Brasil devido aos relacionamentos amorosos que aqui estabeleceram e aqueles vieram em busca de oportunidade de estudos e emprego. Apesar das diferenças existentes entre eles, os indivíduos de ambos os grupos utilizam-se de diversas estratégias a fim de manter sua distintividade positiva.

Palavras-chave: América Latina. Brasil. Europa. Identidade Social. Migração.

Latin Americans and Europeans in Brazil: analyzing migration and identity processes in the state of Espírito Santo

ABSTRACT

This study aimed to understand the identity processes bind to Latin American and European immigrants who have migrated to Brazil and who currently live in the state of Espírito Santo. Aiming at that purpose, 26 interviews were made (14 Latin Americans and 12 Europeans) based on a semi-structured script and which content was organized through the ALCESTE software and the Content Analysis. The results indicate that there are differences in the migration and identity processes of Latin Americans and Europeans – for these, their coming to Brazil was a result of romantic relationships established here; but for those, their coming was motivated by the existence of opportunities of study and work in the country. Although there are differences between them, individuals of both groups make use of several strategies in order to preserve their positive social distinctiveness.

Keywords: Latin America. Brazil. Europe. Social Identity. Migration.

INTRODUÇÃO

Migração *s.f.* 1. Movimentação de entrada (imigração) ou saída (emigração) de indivíduo ou grupo de indivíduos, em busca de melhores condições de vida [Essa movimentação pode ser entre países diferentes ou dentro de um mesmo país.]. (Houaiss & Villar, 2001, p. 1920).

A migração é um fenômeno social que faz parte da história e constituição humana (Hasse, 2007; Rodrigues, 2006; Sarriera, Pizzinato & Meneses, 2005). O verbete acima apresentado afirma que este fenômeno ocorre devido à busca dos indivíduos por melhores condições de vida. Mas, o que supõem estas “melhores condições de vida”? O que faz com que as pessoas migrem de um lugar para outro? Diversos estudos mostram que há inúmeras razões para as migrações, como: a procura por emprego, estudos, relacionamentos familiares e amorosos, ou mesmo migrações forçadas, involuntárias, decorrentes de outros motivos (Avila, 2007; Froese, 2010; Sarriera et al., 2005; Tassara & Rabinovich, 2007).

No contexto atual, um dos fatores que mais estimula os processos migratórios internacionais é o fenômeno da globalização (M. G. Castro, 2006; Froese, 2010; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006). Este fenômeno pressupõe mudanças aceleradas em diversos sentidos, especialmente em termos políticos, econômicos, sociais e culturais. No entanto, estas mudanças reforçam as desigualdades entre países considerados “ricos” e aqueles “pobres”, fazendo com que muitos indivíduos migrem na procura por uma vida melhor, como dito anteriormente (M. G. Castro, 2006; Froese, 2010; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006).

Estas desigualdades entre os países, associadas ao intenso fluxo migratório, podem levar a atitudes intolerantes e xenofóbicas para com os imigrantes, como muitas vezes vemos

acontecer em determinados países desenvolvidos, como os da Europa e também nos EUA (M. G. Castro, 2006; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006).

A existência destes intensos fluxos migratórios reflete-se nos números atuais acerca da migração. Existem cerca de 214 milhões de migrantes internacionais no mundo (ONU, 2009) e, no Brasil, segundo dados do Censo Demográfico do ano de 2010 (IBGE, 2011), há 596.736 mil indivíduos nascidos no exterior (433.428 mil estrangeiros e 163.308 mil brasileiros naturalizados). Deste número de pessoas nascidas no exterior residentes no Brasil, a maioria (395.968 mil) se encontra na Região Sudeste, sendo que, no estado do Espírito Santo, vivem 4.904 mil destas pessoas que nasceram fora do Brasil, distribuídos em 3.728 mil estrangeiros e 1.176 mil brasileiros naturalizados (IBGE, 2011).

Estes são alguns números atuais acerca da migração internacional no país, porém, o Brasil já se encontra inserido no contexto das migrações desde meados do século XIX, quando passou a efetuar, tardiamente, a substituição da mão de obra escrava pelo trabalho de imigrantes, principalmente europeus (Fleuri, 2000; Huayhua, 2007; Levy, 1974). O início deste processo de imigração para o Brasil foi marcado por uma tentativa dos governantes de efetuar um branqueamento da população do país, garantindo coesão e homogeneidade à nação brasileira, apoiadas no “mito da democracia racial”. Mascarava-se, assim, a exclusão e a discriminação voltadas aos negros e indígenas presentes no território brasileiro, reforçando a ideia de um país multirracial (Beneduzi, 2011; Beneduzi & Vecchi, 2010; Moya & Silvério, 2009; Ribeiro, 1995). Neste processo, evidencia-se “a vontade brasileira de aproximar-se das grandes nações europeias, marca importante de uma nação que nasce e se desenvolve de costas para a América Latina e voltada para a Europa” (Beneduzi, 2011, p. 5).

Esta configuração do perfil dos imigrantes no Brasil sofre alterações ao longo dos anos. A partir da análise dos Censos Demográficos de 1991 e 2000 realizados pelo IBGE, Patarra (2005) observa que ao longo desta década, entre a realização dos dois Censos, houve

um aumento do número de imigrantes nascidos nos demais países da América Latina, constituindo 45,16% dos imigrantes presentes em território brasileiro quando do Censo de 2000³. Em segundo lugar no contingente de imigrantes residentes no Brasil, também a partir deste Censo Demográfico de 2000, encontram-se os indivíduos vindos da Europa, representando 23,21% do total de imigrantes.

Ao discutir sobre a temática da migração, especialmente de um país para outro, entende-se que esta pressupõe não apenas uma mudança de residência, mas também uma série de outras mudanças pelas quais os indivíduos passam, incluindo os novos contatos e relacionamentos que estabelecem (Sarriera et al., 2005). Nesse sentido, é importante pensar nos processos identitários envolvidos neste tipo de migração, proposição desenvolvida neste estudo tendo como referencial de análise a Teoria da Identidade Social (TIS). Segundo esta teoria, a identidade é relacional, fruto das relações grupais nas quais o indivíduo está envolvido, de modo que a identidade social pode ser compreendida como a consciência de pertencimento a um ou mais grupos sociais, agregada ao valor e ao afeto associado a essa pertença (Tajfel, 1983).

Um dos processos associados à dinâmica identitária é o da categorização social, por meio do qual “[...] se reúnem os objectos ou acontecimentos sociais em grupos, que são equivalentes no que diz respeito às ações, intenções e sistemas de crenças do indivíduo” (Tajfel, 1983, p.290). Outro processo envolvido nesta dinâmica e que liga a categorização social à identidade social é a comparação social (Tajfel, 1974), através da qual o indivíduo realiza uma comparação entre o próprio grupo (*ingroup*) e o grupo opositor (*outgroup*), valorizando positivamente o *ingroup* e atribuindo características negativas ao *outgroup*, a fim

³ Utilizamos aqui os dados referentes aos Censos Demográficos de 1991 e 2000, analisados por Patarra (2005), pois, até o presente momento, ainda não foram divulgados estes dados sobre a procedência dos imigrantes no Brasil, com relação ao Censo de 2010. Dispomos apenas dos dados preliminares da amostra, os quais apresentamos anteriormente, acerca dos números gerais da imigração no país e em suas regiões, divulgados pelo IBGE (2011).

de manter sua autoimagem positiva, supervalorizando o endogrupo em detrimento dos exogrupos (Souza, 2004; Tajfel, 1982a, 1983).

A busca pela distintividade positiva é um aspecto essencial da TIS, visto que os indivíduos tendem a permanecer em determinados grupos se estes contribuírem positivamente para a sua identidade. De tal modo, quando há uma identidade social insatisfatória ou negativa, os indivíduos podem adotar algumas estratégias para mudar essa situação. As estratégias a serem adotadas dependem do sistema de crenças que os sujeitos possuem sobre as relações intergrupais, que podem ser crenças na estabilidade das relações entre os grupos sociais, na legitimidade das posições que os grupos ocupam na hierarquia social e na permeabilidade entre estes grupos (Tajfel, 1974, 1982b, 1983).

A associação entre essas diferentes crenças pode levar a uma variedade de comportamentos intergrupais (Hogg, Abrams, Otten & Hinkle, 2004), por exemplo: quando um indivíduo está insatisfeito com o seu grupo e acredita que as fronteiras entre os grupos sociais são permeáveis e flexíveis, ele pode adotar uma estratégia individual de mudança, denominada *mobilidade social*, e mudar de grupo. No entanto, quando o indivíduo acredita que existe uma forte estratificação social e percebe a situação como ilegítima e instável, não havendo possibilidade de efetivar uma mudança sozinho, ele pode adotar a chamada crença na *mudança social*, e, em conjunto com o seu grupo, se esforçar para resolver a situação (Tajfel, 1982b, 1983).

Dessa forma, levando-se em consideração o expressivo contingente de imigrantes latino-americanos e europeus no Brasil (Patarra, 2005) e a importância de se estudar os processos intergrupais, especialmente por meio da TIS, que é uma teoria bem articulada para estes fins (V. S. Castro, 2006; Hogg et al., 2004; Salazar & Salazar, 1998), objetivamos conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos e europeus que

migraram para o Brasil e que vivem atualmente no estado do Espírito Santo. Especificamente, procuramos: 1) analisar e comparar as principais semelhanças e diferenças das características da migração de latino-americanos e europeus para o Brasil; 2) analisar e comparar as estratégias utilizadas pelos imigrantes destes dois grupos a fim de manter sua identidade social positiva, estando no Brasil.

MÉTODOS

Participantes

Segue uma breve caracterização dos participantes da pesquisa (Tabela 1).

Tabela 1: Caracterização geral dos participantes

	Latino-americanos (n = 14)	Europeus (n = 12)
Sexo	9 sexo masculino 5 sexo feminino	10 sexo masculino 2 sexo feminino
Idade	20 a 40 anos	18 a 48 anos
Escolaridade	11 Superior Completo 1 Superior Incompleto 2 Ensino Médio Completo	11 Superior Completo 1 Superior Incompleto
Profissão	8 professores 1 administrador 1 biólogo 1 fonoaudiólogo 1 engenheiro 1 estudante 1 psicólogo	1 comerciante 1 economista 1 engenheiro 1 estudante 1 gesseiro 1 intérprete 1 mestre de obras 4 professores 1 publicitário
Estado Civil	9 casado 5 solteiro	9 casado 3 solteiro
Filhos	6 têm filhos	6 têm filhos
Religião	6 católicos 1 batista 2 cristãos (sem definir de uma religião) 1 ateu 4 não possuem religião	6 católicos 1 budista 3 ateus 2 não possuem religião
País de origem	3 Bolívia 2 Chile 2 Colômbia 1 Cuba 1 Honduras 1 Nicarágua 3 Peru 1 Venezuela	4 Alemanha 2 Áustria 1 Bélgica 2 Holanda 2 Inglaterra 1 Suíça
Tempo que reside no Brasil	Entre 2 e 35 anos	Entre 2 e 24 anos

Nota: n = 26.

Este estudo contou com a participação de 26 imigrantes, sendo 14 latino-americanos de língua espanhola e 12 europeus de língua germânica, com idades acima de 18 anos, que migraram para o Brasil há pelos menos dois anos e residem atualmente no estado do Espírito Santo. Vale destacar, ainda, uma peculiaridade de ambas as amostras: constituem-se de indivíduos com elevado nível de escolaridade e pertencentes às classes média e média alta.

Utilizamos o idioma como elemento que nos possibilitou agrupar e selecionar os participantes, visto que acreditamos que os países europeus germânicos possuem certas semelhanças entre eles, assim como os países latino-americanos de língua espanhola, permitindo sua constituição enquanto amostras com características bastante distintas, o que pode gerar diferenças no seu processo migratório para o Brasil e na sua construção identitária.

Instrumentos e procedimento de coleta dos dados

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas individuais conduzidas com os participantes em suas próprias residências ou em locais de sua preferência, utilizando-se um roteiro semiestruturado, composto dos seguintes blocos de questões: A) dados sócio-demográficos; B) características dos brasileiros e das pessoas do país de origem; C) motivos da migração, expectativas e imagens sobre o Brasil antes e depois da vinda para o país; D) processo de adaptação ao país; E) possíveis mudanças nos processos de identificação com o próprio país e com o Brasil e perspectivas para o futuro.

No início de cada entrevista era apresentado aos participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), contendo os objetivos da pesquisa, bem como a garantia de anonimato e participação voluntária dos entrevistados. Assim, após a assinatura deste termo e esclarecimento de quaisquer dúvidas que os participantes tivessem, iniciavam-se as entrevistas, que foram todas gravadas e posteriormente transcritas para tratamento do material obtido. As entrevistas foram conduzidas em português, com exceção de duas, com

participantes europeus, que se sentiram mais à vontade para conversar sobre este tema em inglês.

Utilizamos como referência as normas da Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº. 196/1996 e da Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia sobre a realização de pesquisa com seres humanos. Dessa forma, avaliamos que esta pesquisa ofereceu riscos mínimos aos seus participantes, visto que não produziu conteúdos que causassem danos ao bem estar destes indivíduos.

Procedimento de organização e análise dos dados

Os dados obtidos foram analisados com o auxílio do *software* ALCESTE (Reinert, 1990), através da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) realizada por este programa, que possibilita uma representação gráfica, com uma projeção fatorial das principais classes e variáveis pertinentes ao estudo (Oliveira, Gomes & Marques, 2005).

Como recurso complementar, utilizamos a Análise de Conteúdo (Bardin, 2002), que nos forneceu dados adicionais para a compreensão dos resultados obtidos.

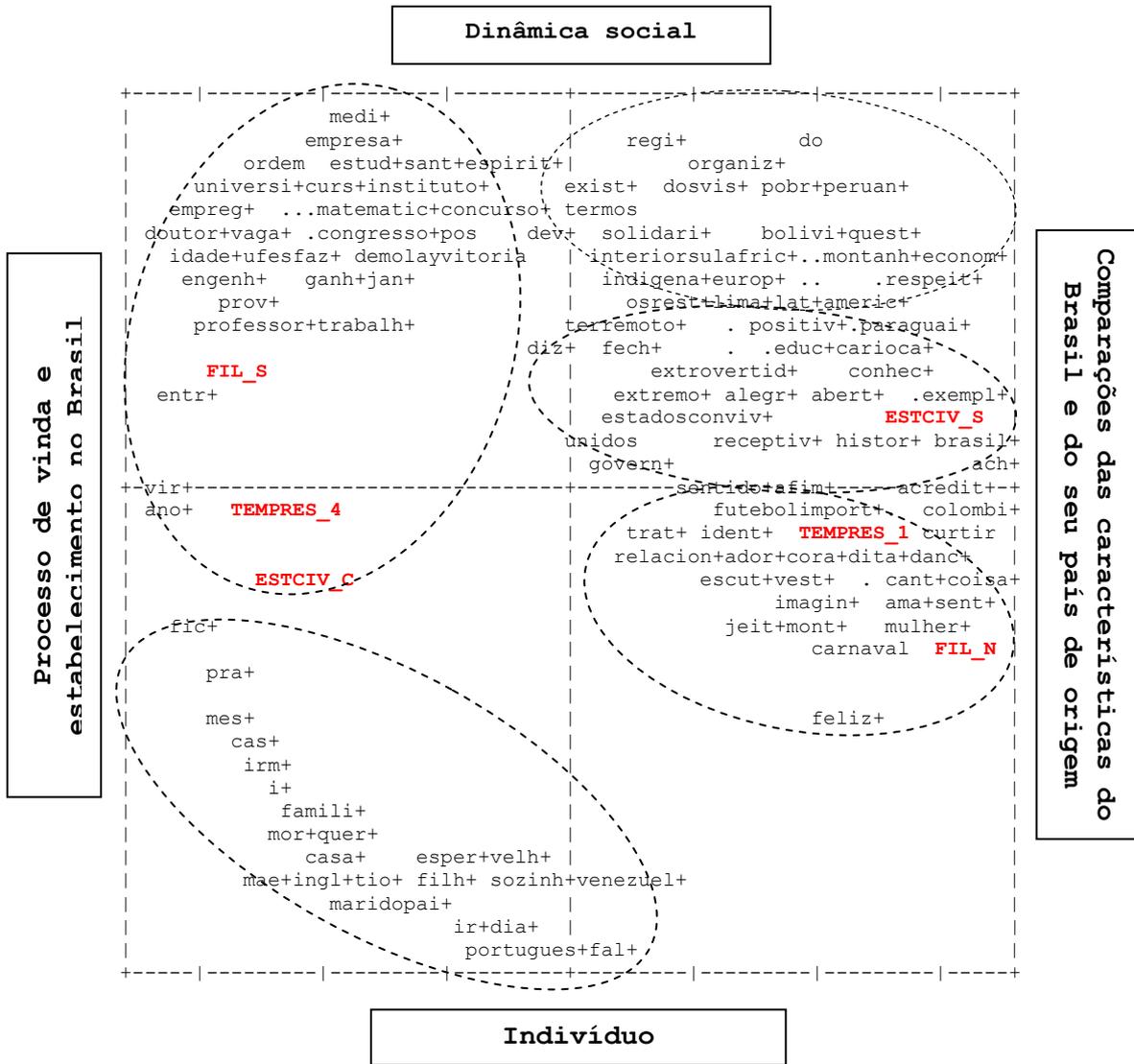
RESULTADOS E DISCUSSÃO

Com o intuito de facilitar a compreensão da leitura do material, os resultados serão apresentados e discutidos da seguinte forma: primeiramente descreveremos os resultados referentes ao grupo dos latino-americanos e, posteriormente, os do grupo dos europeus. Em seguida, efetuaremos uma discussão conjunta dos dados, realizando comparações entre os grupos, de modo a ressaltar as semelhanças entre eles e suas especificidades.

Latino-americanos

A partir da Análise Fatorial de Correspondência (AFC) efetuada pelo *software* ALCESTE obtivemos o seguinte plano fatorial, abaixo apresentado (Figura 1). Nesta figura observam-se as formas reduzidas das palavras; as variáveis “estado civil”, “tempo de

residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; o Eixo 1 (x), formado pelos polos “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil” e “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem”, e o Eixo 2 (y), com os polos “Dinâmica social” e “Indivíduo”.



Nota 1: Estado Civil: Estciv_c = casado, Estciv_s = solteiro; Tempo de residência no Brasil: Tempres_1 = 2 a 5 anos, Tempres_2 = 6 a 10 anos; Tempres_3 = 11 a 20 anos, Tempres_4 = acima de 21 anos; Possui filhos ou não: Fil_s = possui filhos, Fil_n = não possui filhos.
Nota 2: Eixo horizontal: primeiro fator: V.P. = .2028 (36.49% de inércia); Eixo vertical: segundo fator: V.P. = .1368 (24.60% de inércia)

Figura 1. AFC Latino-americanos. Formas reduzidas; variáveis “estado civil”, “tempo de residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; eixos e polos no plano fatorial.

Com relação ao Eixo 2, o polo “Dinâmica social” constitui-se de elementos que retratam aspectos da relação dos participantes com o Brasil, que possuem um caráter mais global, ilustrando a imagem do Brasil no exterior. Já o polo “Indivíduo”, congrega elementos que se referem especialmente às experiências pessoais dos participantes ao longo do seu processo de adaptação ao Brasil.

Vale ressaltar que o fato de os conjuntos de elementos estarem distantes uns dos outros nos eixos do plano fatorial não quer dizer que, obrigatoriamente, eles são opostos, podendo indicar que são complementares (Nascimento & Menandro, 2006).

Por meio da identificação dos polos dos eixos quando da análise do plano fatorial, observamos que o agrupamento de elementos próximos do polo “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil”, no Eixo 1 (x), e ao polo “Dinâmica social”, no Eixo 2 (y), refere-se à vinda para o Brasil, através de oportunidades de estudo e emprego no país. E os elementos próximos deste mesmo polo do Eixo 1 (x), porém mais próximos ao polo “Indivíduo” do Eixo 2 (y), também dizem respeito ao processo de vinda dos participantes ao Brasil, contudo, com ênfase na constituição de nova família no país e na manutenção de relações com a família do país de origem.

O conjunto de palavras próximo aos polos “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem”, no Eixo 1, e “Dinâmica social”, no Eixo 2, refere-se às comparações e às relações existentes entre o Brasil e os demais países da América Latina. Também próximos ao polo “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem” (Eixo 1), porém mais próximo ao polo “Indivíduo” (Eixo 2), encontram-se os elementos relacionados às imagens existentes do Brasil e dos brasileiros no país de origem dos participantes e que estes observam quando da sua chegada ao país. Entre estes dois últimos agrupamentos de elementos mencionados e relacionado a eles, próximo ao polo “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem” (Eixo 1), mas já menos

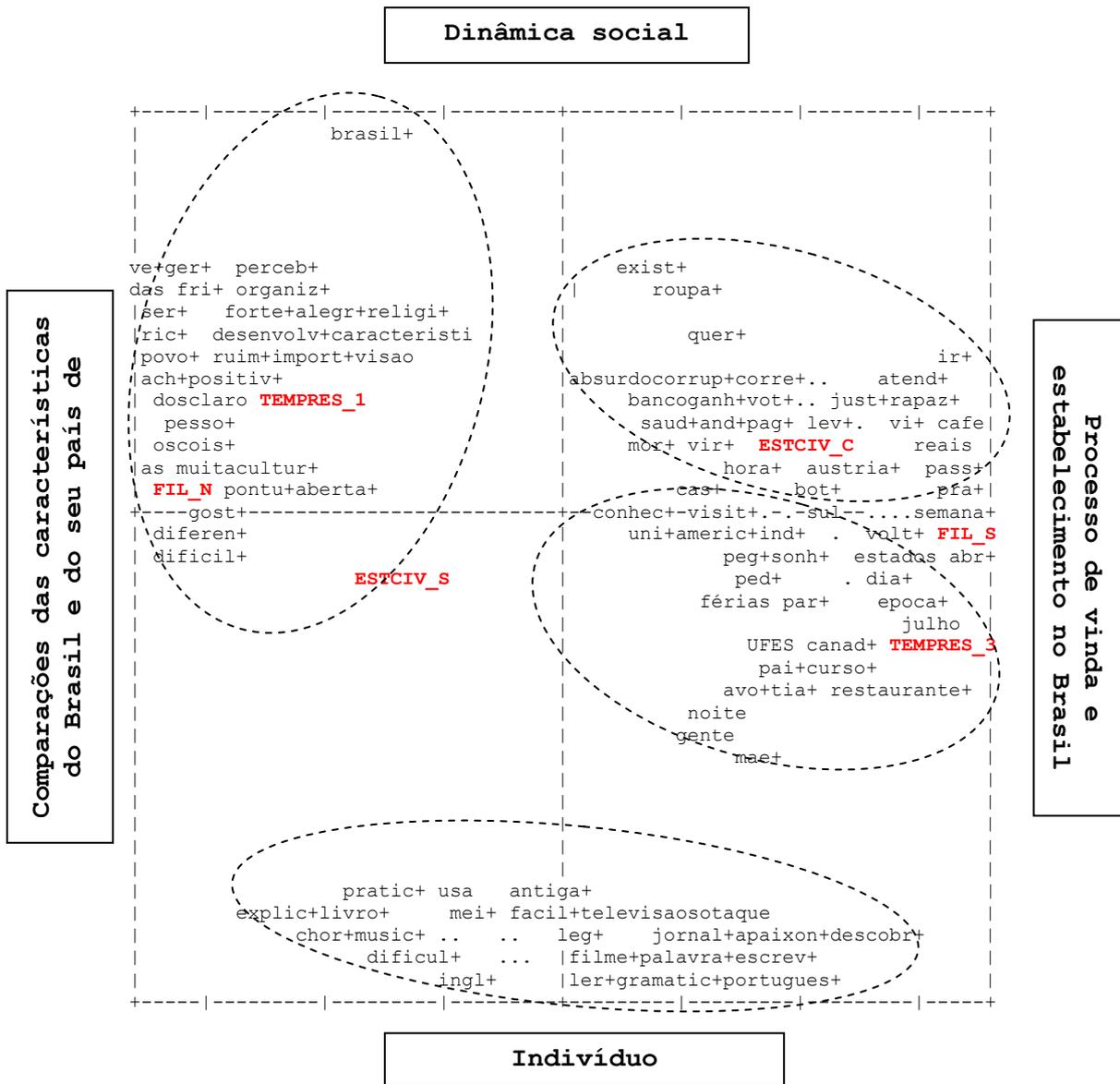
próximo do polo “Dinâmica social” (Eixo 2), encontra-se o conjunto de elementos que dizem respeito às comparações das características do Brasil e do seu país de origem, antes e depois da sua vinda para o país.

Europeus

Na Figura 2, gerada a partir da AFC, é possível observar, assim como para o grupo dos latino-americanos, as formas reduzidas das palavras; as variáveis “estado civil”, “tempo de residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; o Eixo 1 (x), formado pelos polos “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem” e “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil”, e o Eixo 2 (y), com os polos “Dinâmica social” e “Indivíduo”. Apesar da similaridade na disposição dos eixos, o conteúdo presente nos agrupamentos de elementos possui diferenças com relação ao encontrado para os latino-americanos, como veremos na sequência na apresentação e na discussão dos dados.

Neste plano fatorial referente aos entrevistados europeus, encontramos quatro conjuntos principais de elementos. O primeiro abarca os elementos próximos do polo “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem” (Eixo 1) e do polo “Dinâmica social” (Eixo 2), e diz respeito às comparações entre o Brasil (e os brasileiros) e o seu país de origem, apontando possíveis motivos para a existência das características mencionadas, além da reflexão sobre a mudança de estereótipos antes e depois da vinda ao Brasil e do que acham que os brasileiros pensam sobre o seu país de origem.

Outro conjunto de elementos próximo ao polo “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem”, no Eixo 1, porém também próximo ao polo “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil”, neste mesmo eixo, e com proximidade ao polo “Indivíduo”, no Eixo 2, diz respeito ao processo de adaptação à língua portuguesa e à tentativa de manutenção do seu idioma de origem



Nota 1: Estado Civil: Estciv_c = casado, Estciv_s = solteiro; Tempo de residência no Brasil: Tempres_1 = 2 a 5 anos, Tempres_2 = 6 a 10 anos; Tempres_3 = 11 a 20 anos, Tempres_4 = acima de 21 anos; Possui filhos ou não: Fil_s = possui filhos, Fil_n = não possui filhos.

Nota 2: Eixo horizontal: primeiro fator: V.P. = .1738 (40.64% de inércia); Eixo vertical: segundo fator: V.P. = .1328 (31.06% de inércia)

Figura 2. AFC Europeus. Formas reduzidas; variáveis “estado civil”, “tempo de residência no Brasil” e “possui filhos ou não”; eixos e polos no plano fatorial.

Os elementos agrupados próximos ao polo “Dinâmica social”, no Eixo 2, e próximos ao polo “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil”, no Eixo 1, referem-se às situações vividas pelos participantes durante sua experiência no Brasil, ressaltando, por meio de

situações cotidianas, aspectos gerais de funcionamento do país, que são, em sua maioria, diferentes dos do seu país de origem. Por fim, o conjunto de elementos, também relacionado ao agrupamento anteriormente mencionado, situado próximo ao polo “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil” (Eixo 1), e próximo à “fronteira” entre os polos “Dinâmica social” e “Indivíduo (com maior proximidade a este último), é referente ao processo de chegada destes europeus ao Brasil.

Por meio da Análise de Conteúdo realizada, complementar à AFC conduzida através do *software* ALCESTE, observamos quatro categorias principais referentes a ambos os grupos: processo de vinda e adaptação à realidade brasileira; condição de estrangeiro no Brasil (valorização X discriminação); estereótipos relacionados ao endogrupo e ao exogrupo; estratégias adotadas a fim de manter a autoimagem positiva. Como dissemos anteriormente, apesar da semelhança na divisão das categorias, há diversas diferenças quanto ao conteúdo das mesmas para cada grupo.

Afeto X Necessidade: as diferentes motivações para migrar

Com relação à migração dos entrevistados para o Brasil, observa-se que as motivações para vinda diferem entre os grupos. No caso dos latino-americanos, sua migração foi motivada pelas oportunidades de estudo encontradas no Brasil, devido à existência de acordos de incentivo à educação entre Brasil e outros países da América Latina (Huayhua, 2007). Já para os europeus, de forma geral, a imigração se deu devido à formação de vínculos afetivos no Brasil. A maioria deles veio ao país por acaso, durante viagens, a passeio, e aqui conheceu uma brasileira por quem se apaixonou e, por este motivo decidiu permanecer no país, como podemos notar nas seguintes falas.

“Vim por causa do evento científico [...] doutorado eu fiz no RJ, eu terminei lá, fiquei mais um ano lá, indo e voltando, até que saiu aqui uma vaga para professor visitante,

eu comecei a me transferir para cá [Espírito Santo] até que saiu o concurso” (Participante latino-americano).

“Eu vim parar aqui por causa da minha esposa, eu antes de conhecê-la, eu viajei a América do Sul, eu fiquei 7 meses viajando, passei, conheci a família dela todinha, por acaso, as irmãs dela...” (Participante europeu).

Observa-se assim que a migração para o Brasil possui um caráter diferenciado para latino-americanos e europeus. Para estes últimos, a experiência da vinda e permanência no país configura-se como uma “aventura”, um “desafio”, como uma experiência que pressupõe “coragem” para ser realizada, como afirmam alguns dos participantes. Porém, para o grupo de latino-americanos entrevistados, migrar para o Brasil significa ter “oportunidade”, “estudos”, “emprego”, representa uma possibilidade de conseguir uma ascensão profissional e social que avaliavam que não seria possível ser alcançada nos seus países de origem.

A diferença do significado da migração para estes grupos está relacionada à posição que os países envolvidos ocupam na estrutura e hierarquia social: os países europeus são concebidos como países “desenvolvidos”, enquanto o Brasil, por comparação, é considerado como ainda “em desenvolvimento”. Já com relação aos países da América Latina de língua espanhola, o Brasil se constitui como um país “desenvolvido”, “um gigante”, como os “Estados Unidos da América do Sul”, segundo alguns entrevistados. Assim, neste contexto, o Brasil passa a exercer para os países vizinhos o mesmo efeito atrativo que países desenvolvidos como os EUA, os países europeus e asiáticos exercem para a América Latina, que se constitui como maior remetente de imigrantes para estes países, em busca de oportunidades diversas (Martine, 2005; Oliveira, 2006).

Apresentamos um esquema (Figura 3), a fim de ilustrar esta diferença na condição da migração dos dois grupos.

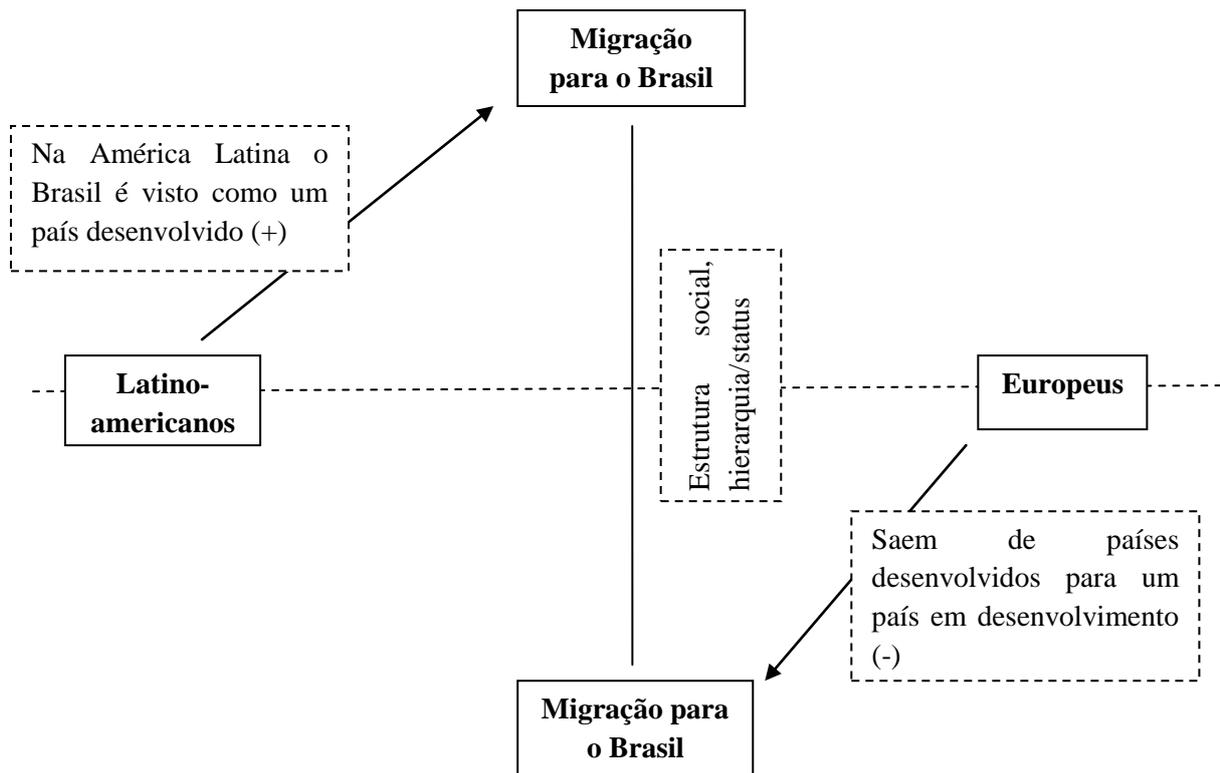


Figura 3: Esquema do processo migratório de latino-americanos e europeus para o Brasil.

Assim, após a chegada ao Brasil, como europeus e latino-americanos lidam com a permanência no país? Como se dá o processo de adaptação à realidade brasileira?

A condição de estrangeiro, latino-americano ou europeu, propicia diferenças no processo de adaptação destes imigrantes ao Brasil. Corroborando achados em outros estudos, nossos dados indicam que, para ambos os grupos, a língua (Martins & Brito, 2004; Silva, 2005), a comida (Espinosa & Calderón-Prada, 2009; Seyferth, 2009; Silva, 2005), a vestimenta, a música e a dança (Silva, 2005), enfim, os costumes diferentes, constituem-se como elementos centrais no processo de construção identitária destes imigrantes. A língua constitui-se num aspecto tão importante para os participantes europeus, que apresentou um agrupamento específico de elementos a ela relacionados, como vimos na Figura 2. De fato, o idioma teve destaque para este grupo, não apenas pela grande diferença entre o português e o seu idioma de origem (seja ele o inglês, alemão ou holandês), que dificulta a adaptação ao Brasil, mas também porque vários dos europeus entrevistados trabalham no Brasil como

professores e/ou tradutores de idiomas (ainda que não seja sua ocupação principal), logo, a língua é parte essencial do seu cotidiano.

Valorização X Discriminação: a condição de estrangeiro no Brasil

A inserção destes dois grupos de estrangeiros no Brasil é diferenciada: os europeus experimentam uma valorização por parte dos brasileiros, o que facilita o estabelecimento de relações, ainda que superficiais, e a contratação em empregos, especialmente devido ao domínio de outros idiomas e à experiência que eles adquiriram em viagens a outros países. Já com relação aos latino-americanos, muitos deles relataram situações em que se sentiram discriminados por serem estrangeiros (o que não ocorreu no caso dos europeus).

Esta discriminação direcionada aos latino-americanos e a valorização dos europeus é fruto do nosso processo histórico de construção do país, tentando atingir o desenvolvimento dos países europeus e desconsiderando os demais países da América Latina (Beneduzi, 2011). Estes dados reforçam a afirmação de Froese (2010), que sustenta que a discriminação contra europeus e norte-americanos tende a ser mais sutil do que contra asiáticos e africanos e, podemos acrescentar, do que contra latino-americanos também. Vale lembrar que, como destaca Tajfel (1982b), os estereótipos não precisam ser acompanhados de preconceito ou discriminação, o que observamos em alguns relatos de europeus: eles citam alguns estereótipos que acreditam que os brasileiros têm sobre as pessoas do seu país, mas enfatizam que ainda que existam alguns estereótipos que consideram negativos, nunca foram discriminados.

A seguir podemos observar algumas falas de participantes, que ilustram essas diferenças no tratamento dirigido a latino-americanos e europeus em território brasileiro:

“Eu acho que brasileiro não conhece muito seus vizinhos, conhece muito os Estados Unidos, a Europa, até a China, mas o brasileiro não conhece muito seus vizinhos”; “Às

vezes acho que há um certo desrespeito pelos outros países, principalmente latinos” (Participantes latino-americanos).

“Eles sempre falam, ai, você é louca, por que você sai da Europa, primeiro mundo, da Alemanha, pra vir aqui pro Brasil? Sempre assim, colocando a Europa como acima do Brasil, digamos, porque muitos brasileiros têm essa percepção, Estados Unidos, Europa, muito melhor, primeiro mundo” (Participante europeia).

Estes dois relatos ilustram bem a questão central da nossa discussão e favorecem a retomada da pergunta: como estes imigrantes, europeus e latino-americanos, constroem sua identidade social, estando no Brasil? Nas seções seguintes discutiremos melhor esta questão.

Ingroup X Outgroup: as comparações entre os grupos como parte da construção identitária

Um dos processos envolvidos na construção da identidade, como já mencionado, é a comparação social. Os participantes de ambos os grupos, a todo momento, realizam comparações entre seu *ingroup* (alemães, holandeses, peruanos, bolivianos, etc) e o *outgroup* (brasileiros), atribuindo mais características positivas ao seu grupo e negativas ao outro grupo (Tajfel, 1982a, 1983). Assim, para os latino-americanos, eles são educados, patriotas, compromissados, enquanto os brasileiros são o oposto, mal educados, passivos e descompromissados. Para os europeus as mesmas oposições se fazem presentes, porém com foco em diferentes elementos: os europeus são organizados, pontuais, respeitosos, preocupados com o coletivo, já os brasileiros são desorganizados, desrespeitosos, individualistas, além de não pontuais.

Os participantes, no entanto, também atribuem características negativas aos seus grupos, como fechados ou sérios (em ambos os grupos), e características positivas aos brasileiros, como a alegria, a receptividade, o “jogo de cintura”, o “saber viver a vida”. Ao falarem das características que eles próprios possuem do Brasil e do seu país de origem, tanto

européus quanto latino-americanos, selecionam para si os elementos que consideram positivos de cada grupo, mantendo sua autoimagem positiva (Tajfel, 1982a, 1982b), como fica claro no relato deste entrevistado:

“Mas, engraçado, você vê o que eu falei são exatamente o oposto, né, uma coisa e outra, e eu acho legal você conseguir juntar as duas coisas, se conseguir juntar todas fica uma coisa quase perfeita, né, não vou falar assim ‘sou perfeito’ (risos), eu acho que não, mas eu tenho das duas coisas assim. Ao mesmo tempo em que eu tento ser uma coisa séria, ser uma pessoa certa, eu também sou uma pessoa aberta, que gosta de mudar, as coisas por aí” (Participante europeu).

Apesar de todos os participantes (latino-americanos e europeus) realizarem comparações entre o Brasil e o seu país de origem, observa-se, nas Figuras 1 e 2, que, em geral, são os participantes mais jovens, solteiros, que não possuem filhos e que residem há menos tempo no Brasil, que se concentram mais neste nível estereotípico. Uma possível justificativa pode ser a falta de conhecimento destes participantes sobre o Brasil e os brasileiros, devido ao menor tempo de vivência no país, já que, quanto menos sabemos sobre os indivíduos de um grupo e quanto menos convivemos com eles, maior é nossa tendência em atribuir a estes indivíduos características que julgamos típicas do seu grupo de pertença (Tajfel, 1963, 1969, 1982a).

Por outro lado, vemos que a maior parte do conteúdo relacionado ao processo de vinda e estabelecimento no Brasil foi evocada por participantes mais velhos, casados, com filhos e que residem há mais tempo no país, visto que estes indivíduos relatam com mais detalhes o caminho que percorreram até sua permanência no país e a construção da sua nova família. O fato de ter filhos ou não pode exercer grande influência nessa diferença do conteúdo evocado pelos participantes, visto que aqueles que possuem filhos passam a se envolver mais com diferentes situações cotidianas relacionadas à criação destes, como reunião de pais,

aniversários de colegas da escola, entre outras circunstâncias, que permitem que estes migrantes tenham uma maior inserção na cultura e na realidade brasileira.

Além disso, ao constituírem nova família no Brasil, os participantes, especialmente os europeus, tendem a se esforçar no sentido de manter viva a cultura do seu país, passando alguns costumes para seus filhos e contando suas histórias de migração, que os levaram a conhecer seus parceiros e a aqui formarem uma família. Um exemplo desta importância atribuída por estes imigrantes à valorização da cultura do seu país de origem e do seu processo de vinda para o Brasil é evidenciado na comparação com famílias de nosso convívio, formadas apenas por brasileiros. Em geral, observamos que, em famílias em que há convívio entre brasileiros e estrangeiros, os filhos de estrangeiros (que denominamos descendentes) tendem a conhecer mais detalhes da sua história, de como seus pais se conheceram e do caminho que percorreram até a constituição de sua família. É comum, por outro lado, os filhos de casais brasileiros terem pouco (ou nenhum) conhecimento sobre a história da relação dos seus pais.

Identidade Social Positiva X Negativa: as estratégias para garantir uma identificação grupal satisfatória

Quais as estratégias utilizadas pelos indivíduos de cada grupo a fim de manter sua distintividade positiva, essencial para a manutenção de uma identidade social positiva (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1983)? Ao observar os polos presentes no Eixo 1 das Figuras 1 e 2, percebe-se que a maior parte do conteúdo da fala dos latino-americanos relaciona-se ao polo “Processo de vinda e estabelecimento no Brasil”, enquanto que, no caso dos europeus, relaciona-se ao polo “Comparações das características do Brasil e do seu país de origem”.

Isto ocorre porque estes latino-americanos fazem questão de valorizar o caminho que percorreram para vir ao Brasil, o esforço que fizeram para conseguir uma situação social e

econômica melhor, para estudar e trabalhar. Eles conseguiram efetivar uma difícil tomada de decisão, que é a de abandonar objetivamente o seu grupo, o seu país, considerado de menor *status*, e migrar para o Brasil, para outro grupo de maior *status*, que permitiria que obtivessem os recursos por eles desejados e que pudessem garantir uma identidade social mais positiva. Cabe aqui a pergunta: considerando-se o referencial teórico da TIS, este fenômeno migratório se constitui como um movimento de mobilidade social ou de mudança social? Acreditamos que, dada a complexidade do fenômeno, podemos dizer que ambos os processos ocorrem juntos. A migração destes latino-americanos, ainda que efetivada de forma individual, pode ser analisada também no contexto de um movimento social: eles estão aqui não só como indivíduos, mas também como latino-americanos (hispanicos) buscando uma mudança na situação em que se encontram.

Já para europeus, como mencionado anteriormente, a migração para o Brasil teve um caráter inverso, eles saíram de países com maior *status* para um país com menor *status*. Então, o que eles fazem para manter uma identidade social positiva? Uma das estratégias que utilizam é enfatizar as comparações entre o Brasil e o seu país de origem, valorizando positivamente o seu país e as pessoas de lá (Tajfel, 1974, 1983). Além destas, os participantes também fazem uso de outras estratégias para manter sua autoimagem positiva, como veremos a seguir. No entanto, vale destacar que há uma quantidade limitada de soluções psicológicas que os membros de um grupo podem adotar e que diferentes indivíduos podem adotar diferentes estratégias dentro de um mesmo grupo (Tajfel, 1982b).

Tanto alguns europeus quanto latino-americanos, em diferentes momentos, adotam as estratégias apresentadas na sequência. Uma delas é a *criatividade social*, por meio da *mudança dos valores da dimensão de comparação*, considerando positivo o que antes poderia ser considerado negativo, por exemplo, o fato de serem mais sérios e fechados, o que poderia dificultar o relacionamento com as pessoas, em determinadas situações, acaba se tornando

algo positivo, pois indica que são verdadeiros em suas amizades, que cumprimentam, tratam bem as pessoas que pouco conhecem, mas sem criar uma falsa intimidade, ou estabelecer relações superficiais, como fazem os brasileiros, na visão dos entrevistados. A estratégia de criatividade social também pode se efetivar por meio da *criação de novas dimensões de comparação*, a partir das quais o endogrupo não fique em desvantagem, por exemplo, ao invés de se concentrarem na comparação entre a alegria e a abertura do brasileiro em oposição à seriedade das pessoas do seu país, os indivíduos enfatizam as comparações entre sua organização e educação, em oposição à desorganização e à falta de educação do brasileiro (Basabe & Bobowik, 2011; Tajfel, 1974, 1982b).

Outra estratégia adotada por membros de ambos os grupos, é a *comparação social vantajosa intragrupo e intrapessoal (temporal)*, por meio da qual realizam comparações entre eles e os outros membros do seu grupo e comparações entre sua própria condição no decorrer do tempo. Assim, muitos consideram que sua situação (econômica, social, pessoal) é melhor que a da maioria dos outros imigrantes do seu país e que sua situação melhorou, comparada com o passado, logo quando chegou ao Brasil (Basabe & Bobowik, 2011).

Há também a tática da *recategorização subordinada*, através da qual eles se diferenciam das demais pessoas do seu país de origem, afirmando que as coisas ruins que falam sobre seu país são coisas que dizem respeito a poucos, como o caso de bolivianos e colombianos, que enfatizam que a questão do uso e do tráfico de drogas não é algo que todas as pessoas dos seus países façam, mas sim ação de poucos, que acaba sendo generalizada como uma característica de seus países, estigmatizando-os. Por fim, a última estratégia que observamos que alguns participantes de ambos os grupos adotam é a *recategorização supraordenada*. Assim, alguns indivíduos, ao se referirem ao seu sentimento de pertença a um grupo, afirmam se sentirem mais como cidadãos do mundo do que como pertencentes a uma ou outra nacionalidade (Basabe & Bobowik, 2011).

Afora estas estratégias presentes em ambos os grupos, há também estratégias específicas adotadas por cada um, especialmente no caso dos latino-americanos, que sofrem discriminação por sua condição de estrangeiros latinos no país. Estes latino-americanos fazem uso da *busca de apoio social*, procurando apoio afetivo de pessoas do seu país, que possam oferecer simpatia e compreensão em meio às dificuldades que vivem no Brasil, especialmente no início de sua estadia no país, como relata esta entrevistada: “a gente não conseguia produzir permeabilidade, não havia permeabilidade, eu lidei com muita impermeabilidade, é tenso, o pessoal. Como foi? Qual a estratégia? Ficar com os estrangeiros” (Participante latino-americana).

Esta estratégia adotada por alguns latino-americanos entrevistados, de tentar se aproximar de estrangeiros no país para o qual migraram, é comum também entre brasileiros e demais latino-americanos que se encontram em países europeus e norte-americanos. Conforme mencionado anteriormente, no contexto da América Latina o Brasil é visto como país desenvolvido e, portanto, destino migratório de indivíduos de países vizinhos. Contudo, com a mudança de contexto, brasileiros e seus vizinhos são todos latino-americanos, provenientes de países subdesenvolvidos, que optaram pela migração como alternativa às difíceis condições que enfrentavam em seus países (Martine, 2005; Oliveira, 2006).

Dessa forma, estas mesmas dificuldades de inserção pelas quais os latino-americanos passam no Brasil, os brasileiros (juntamente com seus vizinhos da América Latina) também passam ao migrarem para países mais desenvolvidos, sendo, frequentemente, alvo de rejeições e discriminações, que os levam a buscar redes de apoio que os auxiliem ao longo deste processo (Assis, 2004; Correia & Neves, 2010; Fusco, 2006; Magolis, 2008; Martes, 2004; Sales, 1991; Truzzi, 2008).

Além da busca por apoio, outra alternativa que estes latino-americanos encontram para lidar com as situações de discriminação pelas quais passam por serem imigrantes, é o *controle*

emocional (Basabe & Bobowik, 2011). Eles tentam não se afetar emocionalmente, como afirma este outro entrevistado: “Então, o preconceito é um estímulo a me sair melhor, não me sinto assim triste por causa disso, abalado, não. [...] É tirar vantagem disso, não me abalar, fazer essa piada aqui” (Participante latino-americano).

Já os europeus, como vimos, além das estratégias compartilhadas com os latino-americanos, procuram reafirmar sua condição de membros de um grupo de *status* superior, reforçando as barreiras existentes entre eles e os brasileiros, de forma a preservar sua distintividade positiva (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b). Assim, frente à possibilidade de semelhança com um *outgroup* indesejado, os indivíduos tendem a acentuar as diferenças entre o seu grupo e os outros, evitando a identificação (Tajfel, 1982a, 1982c).

Diante disso, as diferenças no processo migratório e identitário de europeus e latino-americanos tornam-se novamente evidentes, como pudemos observar também na AFC realizada para cada grupo. Para os europeus a principal motivação da sua vinda ao Brasil foi o relacionamento amoroso que aqui estabeleceram. Logo, para eles, o objeto central de significação não é o Brasil, eles poderiam ter migrado para qualquer país, desde que estivessem ao lado de suas novas famílias. Dessa forma, sua condição de *estar* no Brasil, enquanto membro de um grupo de *status* privilegiado, é interessante de ser mantida. Para tanto, a fim de evitar ameaças ao *status quo* e à sua identidade social positiva, os indivíduos, de forma geral, hesitam em se adaptar a alguns aspectos da cultura brasileira, reforçando sua pertença ao seu país de origem, como observamos nas seguintes falas.

“Alemão, sempre me senti alemão, não tem como não, eu não sou brasileiro e nem nunca vou ser”; “Eu acho que a essência suíça eu não vou perder nunca, né, você não perde nunca isso, a essência, a sua educação, a sua cultura básica, você nunca perde” (Participantes europeus).

Com relação aos latino-americanos, vemos um processo diferente, sua migração para o Brasil foi motivada pela existência de recursos disponíveis no país, como as bolsas de estudo. E, uma vez estando no Brasil, país de *status* superior ao seu país de origem, há um esforço por parte destes indivíduos para se adaptarem à realidade brasileira e serem aceitos, na tentativa de *ficar, permanecer* no país, condição diferente da dos europeus.

Desse modo, os resultados nos permitiram observar que “tanto os grupos de elevado estatuto como os de baixo estatuto reagem a uma identidade social insegura procurando aumentar a distintividade positiva do seu grupo” (Cabecinhas, 2002, p.152). Nesse sentido, sejam europeus ou latino-americanos, o objetivo maior dos indivíduos com relação ao processo de construção identitária é manter sua distintividade positiva, utilizando-se das estratégias que considerarem pertinentes em cada situação a fim de atingir este objetivo (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1983).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo nos permitiu conhecer os processos identitários vinculados a imigrantes latino-americanos e europeus residentes no estado do Espírito Santo, assinalando suas semelhanças e diferenças. Vimos como a identidade é sempre relacional, se construindo por contraste, por oposição de um grupo a outro (Barbosa, 2006; Tajfel, 1983), de modo que, por meio das comparações que efetuamos entre nosso *ingroup* e o *outgroup*, busca-se a manutenção de uma identidade social positiva (Tajfel, 1974, 1982a, 1983).

Ressaltamos que são diversos os fatores envolvidos na construção identitária, e que não pretendíamos, com esta pesquisa, obter respostas que abarcassem toda a complexidade dos fenômenos estudados, e sim desvendar aspectos que podem ser importantes para reflexões acerca desta temática e do campo teórico da TIS, a fim de contribuir para produção de conhecimento na área. Nesse sentido, destacamos a importância da realização de mais

estudos, especialmente na área da Psicologia Social, que investiguem as diferentes soluções psicológicas, as diferentes estratégias que indivíduos podem adotar quando sentem sua identidade social positiva ameaçada, visto que “o número de soluções é limitado e que, enquanto psicólogos sociais, é tarefa e dever nosso, analisar essas soluções e centrar nelas a investigação” (Tajfel, 1982b, p. 18).

Ressaltamos, ainda, a necessidade de um maior envolvimento da Psicologia no estudo das diferenças culturais (Sarriera et al., 2005), através da realização de mais pesquisas como esta, que sejam realizadas com diferentes grupos, como imigrantes, ciganos, indígenas, entre outros. Ademais, é necessário que estas pesquisas, especialmente as que envolvam migrações internacionais, considerem a complexidade desse fenômeno, abordando-o de forma ampliada e multidisciplinar (Marandola Jr., & Dal Gallo, 2010; Menezes, 2007).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, G. O. (2004). “De Criciúma para Boston”: tecendo redes familiares na migração internacional. In: S. D. DeDiaggi & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura* (pp. 97-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Avila, C. F. D. (2007). O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. *Rev. bras. polít. int.*, 50 (2), 118-128.
- Bardin, L. (2002). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barbosa, L. (2006). *O jeitinho brasileiro: a arte de ser mais igual do que os outros*. Rio de Janeiro: Elsevier.
- Basabe, N. & Bobowik, M. (2011). Aculturación, identidad étnica y afrontamiento de la inmigración: el caso de España. In: E. M. Techio & M. E. O. Lima (Orgs.), *Cultura e*

- produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 311-360). Brasília: Technopolitik.
- Beneduzi, L. F. (2011). Por um branqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. *Antíteses*, 4 (7), 1-19.
- Beneduzi, L. F., & Vecchi, R. (2010). A exclusão não está longe daqui: a natureza como potencial operador biopolítico em algumas etapas da formação do Brasil. *Educação (PUCRS. Impresso)*, 33 (1), 35-45.
- Cabecinhas, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Tese de doutorado, Instituto de Ciências Sociais da Universidade do Minho e Departamento de Ciências da Comunicação, UMINHO, Minho (917 f).
- Castro, M. G. (2006). Migrações internacionais, direitos humanos e ordem político social internacional por um novo paradigma. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, p. 1-18.
- Castro, V. S. (2006). La psicología social de las relaciones intergrupales: modelos e hipótesis. *Actualidades en Psicología*, 20, 45-71.
- Conselho Federal de Psicologia (2000) - *Resolução CFP nº 016/2000*. Retirado de: http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2000_16.pdf. Acesso em: 22 de janeiro de 2011.
- Conselho Nacional de Saúde (1996). Diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisas envolvendo seres humanos. *Resolução n. 196*.
- Correia, C., & Neves, S. (2010). Ser brasileira em Portugal: uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. In: *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 378-392). Universidade do Minho, Portugal.

- Espinosa, A., & Calderon-Prada, A. (2009). Relaciones entre la identidad nacional y la valoración de la cultura culinaria peruana en una muestra de jóvenes de clase media de Lima. *Liber.*, 15 (1), 21-28.
- Fleuri, R. M. (2000). Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. In: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE* (pp. 67-81). Rio de Janeiro: DP&A.
- Froese, F. J. (2010). Acculturation Experiences in Korea and Japan. *Sage Publications*, 16 (3), 333-348.
- Fusco, W. (2006). Conexão Origem-Destino: migrantes brasileiros no exterior. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, p. 1-17.
- Hasse, G (2007). “Meus caros pais”: uma trajetória migrante. Em: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.). *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 75-90). São Paulo: Centauro.
- Hogg, M. A., Abrams, D., Otten, S., & Hinkle, S. (2004). The social identity perspective: intergroup relations, self-conception, and small groups. *Small Group Research*, 35 (3), 246-276.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Huayhua, G. L. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós Graduated em Psic. Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (331 f.).
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo demográfico populacional 2010*. Porto Alegre: Sistema IBGE de Recuperação de Dados – SIDRA.

- Levy, M. S. F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Rev. Saúde públ.*, 8, 49-90.
- Magolis, M. (2008). Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro". *Revista de Antropologia*, 51(1), 283-299.
- Marandola Jr., E., & Dal Gallo, P. M. (2010). Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Rev. bras. estud. popul.*, 27 (2), 407-424.
- Martes, A. C. B. (2004). Nos EUA, o que somos nós? Latinos, hispanics, brancos ou "others"? In: S. D. DeDiaggi & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura* (pp. 97-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martine, G. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo Perspec.*, 19 (3), 3-22.
- Martins, M. L. & Brito, L. (2004). Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2, 69-77.
- Menezes, F. L. (2007). Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.), *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 105-131). São Paulo: Centauro.
- Moya, T. S., & Silvério, V. R. (2009). Ação afirmativa e raça no Brasil contemporâneo: um debate sobre a redefinição simbólica da nação. *Soc. e Cult.*, 12 (2), 235-250.
- Nascimento, A. R. A., & Menandro, P. R. M. (2006). Análise lexical e análise de conteúdo: uma proposta de utilização conjugada. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 6 (2), 72-88.
- Oliveira, D.C., Gomes, A. M. T., & Marques, S. C. (2005). Análise estatística de dados textuais na pesquisa das representações sociais: alguns princípios e uma aplicação ao campo da saúde. In: S. S. S. Menin & A. M. Shimizu (Orgs.), *Experiência e*

representação social: questões teóricas e metodológicas (pp.23-56). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, M. M. (2006). A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estud. av.*, 20 (57), 183-196.

ONU - Organização das Nações Unidas (2009). Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *Trends in International Migrant Stock: The 2008 Revision*.

Patarra, N. L. (2005). Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 23-33.

Patarra, N. L., & Baeninger, R. (2006). Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Rev. bras. Ci. Soc.*, 21(60), 83-102.

Reinert, M. (1990). Alceste, une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application. Aurelia de Gerard de Nerval. *Bulletin de methodologie sociologique*, 26, 24-54.

Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.

Rodrigues, M. B. F. (2006). As referências identitárias no processo de modernização atual: reflexões indiciárias sobre o caso do racismo brasileiro. In: G. V. Silva, M. B. Nader & S. P. Franco (Orgs.), *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião* (pp. 89-99). Vitória: EDUFES.

Salazar, J. M., & Salazar, M. A. (1998). Estudios recientes acerca de identidades nacionales en América Latina. *Psicología Política*, 16, 75-93.

Sales, T. (1991). Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Rev. Bras. Estudos Pop. Campinas*, 8 (1/2), 21-32.

- Sarriera, J. C., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estud. psicol. (Natal)*, 10 (1), 5-13.
- Seyferth, G. (2009). Memória coletiva, identidade e colonização: representações da diferença cultural no sul do Brasil. Em: *XIV Congresso Brasileiro de Sociologia*. Rio de Janeiro: UFRJ.
- Silva, S. (2005). A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 77-83.
- Souza, L. (2004). Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: L. Souza & Z. A. Trindade (Orgs.), *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (pp. 57-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Tajfel, H. (1963). Stereotypes. *Race & Class*, 5 (3), 1-14.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25 (4), 79-97
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Soc. Sci. Inf.*, 65-93.
- Tajfel, H. (1982a). *Grupos humanos e categorias sociais I*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1982b). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.
- Tajfel, H. (1982c). Social psychology of inter-group relations. *Annual Review of Psychology*, 01-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tassara, E. T. O., & Rabinovich, E. P. (2007). Movimentos migratórios na metrópole de São Paulo no século XXI: um estudo quali-quantitativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia, (UERJ, RJ)*, 7 (3), 502-520.

Truzzi, O. (2008). Redes em processos migratórios. *Tempo soc.*, 20 (1), 199-218.

4 - DISCUSSÃO

Neste trabalho nos propusemos a estudar os processos identitários relacionados a imigrantes latino-americanos e europeus e seus descendentes, residentes no estado do Espírito Santo. Para tanto, traçamos um percurso que nos levou a estruturar a pesquisa em três diferentes estudos.

Além deste objetivo geral, que norteou todos os estudos, em cada um deles, tivemos objetivos específicos de análise, que acreditamos ter alcançado. No Estudo 1 objetivamos conhecer os estereótipos endo e exogrúpicos relativos ao universo latino-americano e brasileiro e analisar a elaboração de elementos simbolicamente relevantes à constituição identitária destes imigrantes e descendentes. O Estudo 2 foi conduzido com base nos mesmos objetivos específicos, porém referentes ao grupo de imigrantes e descendentes de europeus. Finalmente, no Estudo 3, procuramos analisar e comparar as principais características da migração de latino-americanos e europeus para o Brasil, bem como analisar as estratégias utilizadas por estes imigrantes para garantirem a manutenção da sua identidade social positiva.

Apresentamos nas tabelas 1 e 2 os principais resultados obtidos com relação aos grupos de imigrantes e de descendentes entrevistados.

De forma geral, a partir da análise da Tabela 1, que sintetiza os principais conteúdos presentes nas falas de europeus e latino-americanos ao longo dos três estudos realizados, tornam-se evidentes algumas semelhanças e diferenças relativas ao processo migratório destes indivíduos e à sua constituição identitária.

Observamos que a migração dos latino-americanos para o Brasil pressupõe um tipo de migração ao qual estamos mais acostumados a presenciar no atual momento de globalização em que vivemos: indivíduos provenientes de países menos desenvolvidos migram para países considerados mais ricos e desenvolvidos em busca de melhores oportunidades de vida (M. G. Castro, 2006; Froese, 2010; Martine, 2005; Oliveira, 2006; Patarra & Baeninger, 2006). Já a

migração dos europeus entrevistados para o Brasil, se constitui de forma diferente: eles não vieram para o Brasil por necessidade, o fizeram por opção, devido aos afetos que aqui possuíam. Esta diferença no *status* social dos países de origem dos migrantes na hierarquia social e as condições diferenciadas de sua migração influenciam no seu processo de adaptação ao Brasil e no processo de construção identitária destes sujeitos.

Tabela 1: Síntese dos principais resultados referentes ao grupo dos latino-americanos e dos europeus

	Latino-americanos	Europeus
Motivos da Migração	- Oportunidade de estudo e trabalho.	- Relacionamentos amorosos e familiares estabelecidos no Brasil.
Processo de Adaptação	- Tentativa de adaptação aos costumes brasileiros e de conciliação com os costumes do país de origem; - Destaque para a língua, a comida e a música.	- Tentativa de adaptação aos costumes brasileiros e de conciliação com os costumes do país de origem; - Destaque para a língua.
Condição de Estrangeiro	- Inicialmente despertam curiosidade e interesse dos brasileiros; - Sofrem discriminação e desvalorização.	- Despertam curiosidade e interesse dos brasileiros; - São valorizados, admirados e não sofrem discriminação.
Comparações Intergrupais	- <i>Ingroup</i> : patriotas, educados, respeitam compromissos, constroem amizades verdadeiras; - <i>Outgroup</i> : passivos, mal educados, descompromissados e constroem relações superficiais; - Valorização positiva do <i>ingroup</i> .	- <i>Ingroup</i> : organizados, pontuais, respeitosos, preocupados com o coletivo; - <i>Outgroup</i> : desorganizados, desrespeitosos, individualistas, não são pontuais. - Valorização positiva do <i>ingroup</i> .
Estratégias para Manutenção da IS Positiva	- Mobilidade social; - Mudança social; - Busca de apoio social; - Controle emocional; - Criatividade social; - Comparação social vantajosa intragrupo e intrapessoal (temporal); - Recategorização subordinada; - Recategorização supraordenada.	- Reforço das comparações e das barreiras entre o Brasil e o seu país de origem; - Criatividade social; - Comparação social vantajosa intragrupo e intrapessoal (temporal); - Recategorização subordinada; - Recategorização supraordenada.

Como vimos, o cotidiano destes imigrantes no Brasil comporta elementos similares que supõem a adaptação à realidade brasileira, seja ao idioma, à comida, aos costumes, etc. Porém, também devido ao contexto histórico e social em que vivemos e a partir do qual se deu a construção do Brasil, nota-se a presença de atitudes discriminatórias com relação aos

latino-americanos, muitas vezes estimuladas pela falta de conhecimento acerca destes países, enquanto que, aos europeus evidencia-se uma valorização por parte dos brasileiros.

Ainda que alguns participantes latino-americanos tenham se sentido discriminados em certos momentos no Brasil, ao falarem sobre como foi construir sua vida no país, mencionam aspectos que mudaram e outros que permaneceram de sua cultura, por exemplo, a língua e a comida: falam português na maior parte do tempo, mas em casa tentam manter o idioma do seu país; cozinham tanto pratos típicos do seu país, quanto do Brasil. Dessa forma, ao retomarmos a discussão acerca das estratégias de aculturação apresentadas anteriormente, podemos dizer que os imigrantes de ambos os grupos entrevistados tentam adotar a estratégia de integração (especialmente os latino-americanos), ainda que esta não se concretize da maneira ideal proposta por Berry (2001). Acreditamos que, em comparação com as outras três estratégias, esta seria a mais aplicável ao caso dos imigrantes que entrevistamos, indicando um constante processo de negociação e adaptação entre as culturas (Hall, 2006; Sarriera et al., 2005).

Ademais, os estudos que compuseram a dissertação nos permitiram evidenciar os principais processos envolvidos nas relações intergrupais, segundo o referencial da TIS. Observamos como estes imigrantes se utilizam do processo de categorização social, por meio da generalização de estereótipos, produzindo as categorias “brasileiros” (*outgroup*) e “pessoas do país de origem” (*ingroup*), e efetuando constantes comparações entre estes grupos, por meio do processo de comparação social, o que possibilitará que mantenham uma identidade social positiva (Tajfel, 1974, 1982a, 1982b, 1983). Desse modo, a manutenção de uma identidade social satisfatória é essencial para a identificação dos indivíduos com determinados grupos, e eles tentarão evitar ameaças a esta identidade positiva, fazendo uso de diferentes estratégias (Tajfel, 1982b, 1983), como discutido no Estudo 3 e sintetizado na Tabela 1.

Já com relação aos descendentes de latino-americanos e europeus, como podemos observar na Tabela 2, há vários elementos similares aos encontrados nas falas dos imigrantes. O processo pelo qual passam os imigrantes da convivência entre a cultura brasileira e a do país de origem também se faz presente na realidade dos descendentes: eles também aprendem costumes originários do país de origem do pai, como a culinária e a língua, e tentam conciliá-los aos costumes em meio aos quais cresceram no Brasil. No entanto, esta convivência cotidiana entre diferentes culturas nem sempre é fácil, como mencionam alguns latino-americanos, aprende-se muito, porém também é necessário esforço para garantir uma boa convivência.

Tabela 2: Síntese dos principais resultados referentes ao grupo dos descendentes de latino-americanos e dos descendentes de europeus

	Descendentes de Latino-americanos	Descendentes de Europeus
Costumes Mantidos	<ul style="list-style-type: none"> - Tentativa de conciliação dos costumes brasileiros com os costumes do país de origem do pai; - Destaque para a língua, a comida e a música. 	<ul style="list-style-type: none"> - Tentativa de conciliação dos costumes brasileiros com os costumes do país de origem do pai; - Destaque para a língua e para o natal.
Comparações entre Brasil e país de origem do pai	<ul style="list-style-type: none"> - Mencionam características similares às mencionadas pelos estrangeiros; - Porém, têm dificuldade de caracterizar as pessoas do país de origem dos pais, visto que não viveram lá e pouco conhecem sobre o país e seus habitantes. 	<ul style="list-style-type: none"> - Mencionam características similares às mencionadas pelos estrangeiros; - Porém, têm dificuldade de caracterizar as pessoas do país de origem dos pais, visto que não viveram lá e pouco conhecem sobre o país e seus habitantes.
Condição de descendente	<ul style="list-style-type: none"> - Despertam curiosidade e interesse e ao mesmo tempo estranhamento, devido ao desconhecimento dos brasileiros acerca dos países da América Latina; - Crescer em meio a duas ou mais culturas permite aprender idiomas, costumes e a respeitar as diferenças, porém pode ser difícil manejar a convivência cotidiana. 	<ul style="list-style-type: none"> - Despertam curiosidade e interesse dos brasileiros, são valorizados, admirados; - Alguns destacam a importância de brasileiros também valorizarem mais o próprio país, em detrimento da admiração exacerbada dirigida aos países desenvolvidos.
Identificação com Brasil e/ou país de origem do pai	<ul style="list-style-type: none"> - A identificação grupal varia de acordo com diferentes situações; - Dizem possuir as características que consideram positivas de cada grupo. 	<ul style="list-style-type: none"> - A identificação grupal varia de acordo com diferentes situações; - Dizem possuir as características que consideram positivas de cada grupo.

Além disso, a construção identitária destes descendentes parece ser mais flexível que a dos imigrantes, visto que eles tendem a oscilar entre a identificação prioritária com o Brasil ou com o país de origem do pai, identificando-se em determinados momentos como brasileiros e noutros como nicaraguenses, alemães, etc, segundo as diferentes situações. Configuram-se, então, numa “mistura” de duas nacionalidades, como afirmam alguns entrevistados, reforçando o caráter relacional da identidade e o entendimento de grupo como psicológico, sendo possível que um mesmo indivíduo se considere pertencente a um grupo ou a outro, independente de conviver fisicamente no interior destes ou não (Tajfel, 1983).

Desse modo, apesar de o foco da pesquisa ter sido estudar os imigrantes, ao entrevistarmos descendentes de europeus e latino-americanos foi possível compreender a força do que é valorizado por estes indivíduos na transmissão de elementos simbolicamente relevantes.

Vimos, portanto que, para descendentes e imigrantes, há um convívio constante entre diferentes culturas, seja ele harmonioso ou não, em meio ao qual os indivíduos constroem suas identidades. Dessa forma, a cultura, como um sistema simbólico do qual fazemos uso para interpretar o mundo (Geertz, 2008), mostra sua força na dimensão psicológica, nessa relação indivíduo-sociedade, a qual, especialmente quando falamos em contextos migratórios, é difícil de ser desfeita, como vimos ao longo deste trabalho. Ao migrarem e passarem a conviver com diferentes culturas, os indivíduos tentam promover uma ressignificação identitária que os ajude a lidar com este convívio e a se adaptar ao cotidiano do país de acolhida, porém, isto não quer dizer que deixam de se identificar com seu país de origem.

Nesse sentido, acreditamos que o conjunto dos três estudos que compôs esta pesquisa nos permitiu conhecer a experiência de estrangeiros e descendentes de latino-americanos e europeus no Brasil, com suas especificidades e semelhanças, além de contribuir para o aprofundamento das discussões acerca da migração internacional e dos processos identitários

envolvidos nas vivências destes imigrantes e descendentes no contexto das relações estabelecidas entre diferentes culturas.

5 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo da realização deste trabalho, pudemos contar com a disponibilidade dos entrevistados, que além de aceitarem participar da pesquisa, também se mostraram muito satisfeitos em fazê-lo, de modo que alguns chegaram a ressaltar a importância da realização de estudos como o que estamos realizando, sobre essa temática, e que promovam um espaço para falarem sobre suas experiências, como podemos observar nas seguintes falas:

“Mas isso que você está pesquisando é um fator muito importante na formação da cultura brasileira, essa migração recente” (Participante latino-americano).

“Eu não falo disso, porque, é, tipo assim, é... as pessoas não perguntam essas coisas, não te fazem essas perguntas” (Participante latino-americano).

“O povo brasileiro parece um pouco fechado às coisas que estão acontecendo fora, eu até acho que isso está mudando, com pessoas como você, com outras pessoas que sei que estão ‘muito afim’ de conhecer melhor outras coisas que estão acontecendo fora do Brasil [...] são tantas coisas representadas em poucas palavras e a minha responsabilidade como estrangeiro de falar do jeito mais objetivo. O que eu entendi com o tempo é que se você está fora, de qualquer jeito você está representando o seu país” (Participante latino-americano).

Diante disso, a partir da discussão dos resultados dos três estudos, evidencia-se a relevância dos temas investigados, de tal modo que destacamos a necessidade de realização de novas pesquisas acerca destas temáticas. A globalização e as migrações são processos que continuarão a existir ao longo da nossa história futura (Martine, 2005). Portanto, a fim de permitir a criação de políticas eficazes de combate à xenofobia e que possibilitem melhor

convivência entre estes “diferentes”, é necessário que sejam realizados mais estudos como este, que investiguem os recentes processos migratórios internacionais, com o intuito de conhecer as experiências de imigrantes no contexto atual. O conhecimento gerado por esses estudos pode contribuir para que sejam formuladas novas políticas relativas à migração, evidenciando a necessidade de “potencializar seus efeitos positivos” e “reduzir suas consequências negativas” (Martine, 2005, p. 11), a fim de possibilitar a ampliação do seu papel no desenvolvimento dos países e na diminuição da pobreza, especialmente nos países subdesenvolvidos. Enfim, conforme afirma Martine (2005),

Talvez seja esse o maior desafio para os estudiosos e ativistas da área de migração, hoje – não tanto no detalhamento adicional das tendências e padrões já bastante conhecidos e analisados, senão no desenvolvimento de argumentos que sejam capazes de conscientizar a sociedade civil e, por essa via, mobilizar os tomadores de decisão a empreender ações mais eficazes nessa área (p.19).

No âmbito de políticas públicas e demais ações voltadas aos imigrantes, especialmente no contexto no qual o Brasil está inserido, já podemos observar alguns avanços, como a criação da UNILA – Universidade Federal da Integração Latino-Americana, que começou a ser estruturada no ano de 2007, com o objetivo de promover a multiculturalidade e a interdisciplinaridade no ensino na América Latina. Encontramos, também, ações religiosas de apoio aos imigrantes, como a Pastoral do Imigrante e a Congregação dos Missionários Scalabrinianos. Essas ações exemplares no trabalho com imigrantes, no entanto, como dissemos anteriormente, ainda não representam avanço suficiente na discussão dessa temática para que sejam implantadas políticas governamentais condizentes com o contexto migratório e identitário de cada país e região.

Além disso, também é importante que estes novos estudos sobre migrações, levem em consideração que para se compreender um fenômeno tão complexo como este é preciso adotar abordagens que permitam abranger os múltiplos aspectos deste processo (Marandola Jr & Dal Gallo, 2010; Menezes, 2007). E uma das maneiras de tentar alcançar esta compreensão aprofundada do fenômeno pode ser através da utilização de metodologias qualitativas de coleta de dados, como foi o caso da pesquisa que realizamos, visto que “métodos que dão relevo às trajetórias particulares permitem apreender novos elementos que são relevantes no processo, ampliando assim o universo de questões e fatores relevantes no fenômeno da migração” (Marandola Jr & Dal Gallo, 2010, p.419).

Pautando-se nessa necessidade de considerar a multiplicidade dos processos migratórios (e também dos identitários), ressaltamos, ainda, que, apesar de a TIS ter sido um referencial teórico proveitoso para abordar essa temática, em certos momentos sentimos que seria necessário fazer uso de outros conceitos, como a aculturação, ou a importância das redes sociais dos migrantes, o que pode ser interessante de ser experimentado em estudos futuros.

Já no início da década de 1980, Tajfel (1982c) sublinhava a necessidade da realização de estudos na área da Psicologia, investigando o comportamento intergrupais no mundo cada vez mais interconectado. Segundo este autor,

Parece que o futuro terá que ser muito mais longo que o passado no campo do comportamento intergrupais. A crescente interdependência global desde o final da Segunda Guerra Mundial aumentou enormemente a diversidade e a complexidade das relações intergrupais. O estudo psicológico destes problemas, que conseguirão combinar algumas das nossas preocupações tradicionais com uma sensibilidade elevada para com a natureza das realidades sociais, é

uma das nossas maiores tarefas para o futuro (Tajfel, 1982c, p. 32, tradução nossa).

Grande parte destes estudos efetuados pela escola de Bristol acerca das relações intergrupais, a partir do referencial teórico da TIS, foi realizada em contextos experimentais, dentro de laboratórios. No entanto, o próprio Tajfel (1963, 1969) destacava que é muito mais difícil efetuar julgamentos sobre características humanas em situações sociais complexas do que em laboratório, como nos experimentos que realizava, por exemplo, sobre o julgamento de características físicas de objetos. Assim, reforçamos a importância de que mais pesquisas como a que conduzimos, sejam realizadas, a partir desta perspectiva teórica, em contextos reais, na própria realidade em que se encontram os indivíduos (Bonomo, 2010).

Por fim, esperamos que o conjunto de estudos apresentados contribua no sentido de disponibilizar subsídios à realização de novas pesquisas na área e à construção de políticas públicas mais coerentes com a realidade vivida por imigrantes e descendentes, não apenas no estado do Espírito Santo, mas em todo o Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Assis, G. O. (2004). "De Criciúma para Boston": tecendo redes familiares na migração internacional. In: S. D. DeDiaggi, & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura* (pp. 97-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Avila, C. F. D. (2007). O Brasil diante da dinâmica migratória intra-regional vigente na América Latina e Caribe: tendências, perspectivas e oportunidades em uma nova era. *Rev. bras. polít. int.*, 50 (2), 118-128.
- Basabe, N., & Bobowik, M. (2011). Aculturación, identidad étnica y afrontamiento de la inmigración: el caso de España. In: E. M. Techio, & M. E. O. Lima (Orgs.), *Cultura e produção das diferenças: estereótipos e preconceito no Brasil, Espanha e Portugal* (pp. 311-360). Brasília: Technopolitik.
- Beneduzi, L. F. (2011). Por um branqueamento mais rápido: identidade e racismo nas narrativas do álbum do cinquentenário da imigração italiana no sul do Brasil. *Antíteses*, 4 (7), 1-19.
- Beneduzi, L. F., & Vecchi, R. (2010). A exclusão não está longe daqui: a natureza como potencial operador biopolítico em algumas etapas da formação do Brasil. *Educação (PUCRS. Impresso)*, 33 (1), 35-45.
- Berry, J. W. (2001). A psychology of immigration. *Journal of Social Issues*, 57 (3), 615-631.
- Bonomo, M. (2010). *Identidade social e representações sociais de rural e cidade em um contexto rural comunitário: campo de antinomias*. Tese de doutorado, Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Psicologia Social, Universidade Federal do Espírito Santo, Espírito Santo (468 f).
- Cabecinhas, R. (2002). *Racismo e etnicidade em Portugal: uma análise psicossociológica da homogeneização das minorias*. Tese de doutorado, Instituto de Ciências Sociais da

Universidade do Minho e Departamento de Ciências da Comunicação, UMINHO, Minho (917 f).

- Cabecinhas, R., & Lázaro, A. (1997). Identidade social e estereótipos sociais de grupos em conflito: um estudo numa Organização Universitária. *Cadernos do Noroeste, (Braga)*, 10(1), 411-426.
- Castro, M. G. (2006). Migrações internacionais, direitos humanos e ordem político social internacional por um novo paradigma. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, p. 1-18.
- Castro, V. S. (2006). La psicología social de las relaciones intergrupales: modelos e hipótesis. *Actualidades en Psicología*, 20, 45-71.
- Chiu, C., & Hong, Y. (2006). *Social psychology of culture*. New York: Psychology Press.
- Correia, C., & Neves, S. (2010). Ser brasileira em Portugal: uma abordagem às representações, preconceitos e estereótipos sociais. Em: *Actas do VII Simpósio Nacional de Investigação em Psicologia* (pp. 378-392). Universidade do Minho, Portugal.
- Cunha, E. L. (2008). A identidade, entre o indivíduo e a nação. In: L. Escóssia & E. L. Cunha, (Orgs.), *A psicologia entre o indivíduo e a sociedade* (pp. 55-77). São Cristóvão: Editora UFS.
- Cunha, M. J. C. (2007). Língua e identidade em vidas migrantes. In: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.), *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 133-190). São Paulo: Centauro.
- DeDiaggi, S. D. (2004). Homens e mulheres mudando em novos espaços: famílias brasileiras retornam dos EUA para o Brasil. In: S. D. DeDiaggi, & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura* (pp. 135-164). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Deschamps, J.C., & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais*. Rio de Janeiro: Vozes.

- Espinosa, A., & Calderón-Prada, A. (2009). Relaciones entre la identidad nacional y la valoración de la cultura culinaria peruana en una muestra de jóvenes de clase media de Lima. *Liber.*, 15 (1), 21-28.
- Franken, I., Coutinho, M. P. L., & Ramos, N. (2009). Migração e qualidade de vida: um estudo psicossocial com brasileiros migrantes. *Estud. psicol. (Campinas)*, 26(4), 419-427.
- Fleuri, R. M. (2000). Multiculturalismo e interculturalismo nos processos educativos. Em: *Ensinar e aprender: sujeitos, saberes e pesquisa - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino – ENDIPE* (pp. 67-81). Rio de Janeiro: DP&A.
- Froese, F. J. (2010). Acculturation Experiences in Korea and Japan. *Sage Publications*, 16 (3), 333-348.
- Fusco, W. (2006). Conexão Origem-Destino: migrantes brasileiros no exterior. Trabalho apresentado no XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, p. 1-17.
- Geertz, C. (2008). *A interpretação das culturas*. 1. ed., 13. reimpr. Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos.
- Hall, S. (2006). *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.
- Hasse, G (2007). “Meus caros pais”: uma trajetória migrante. In: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.), *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 75-90). São Paulo: Centauro.
- Hogg, D., & Abrams, M. A. (1999). *Social identifications – a social psychology of intergroup relations and group processes*. USA and Canada: Routledge.
- Hogg, M. A., Abrams, D., Otten, S., & Hinkle, S. (2004). The social identity perspective: intergroup relations, self-conception, and small groups. *Small Group Research*, 35 (3), 246-276.
- Houaiss, A., & Villar, M. S. (2001). *Dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

- Huayhua, G. L. (2007). *Primeira e segunda geração de jovens imigrantes argentinos, bolivianos e peruanos em São Paulo: um estudo psicossocial da identidade e aculturação*. Tese de Doutorado, Programa de Estudos Pós Graduated em Psic. Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo (331 f.).
- IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011). *Censo demográfico populacional 2010*. Porto Alegre: Sistema IBGE de Recuperação de Dados – SIDRA.
- Jenkins, R. (2000). Categorization: Identity, Social Process and Epistemology. *Current Sociology*, 48 (3), 7-25.
- Laraia, R. B. (2001). *Cultura: um conceito antropológico*. 14.ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lesser, J. (2001). *A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil*. São Paulo: EDUNESP.
- Levy, M. S. F. (1974). O papel da migração internacional na evolução da população brasileira (1872 a 1972). *Rev. Saúde públ.*, 8, 49-90.
- Magolis, M. (2008). Brasileiros no estrangeiro: a etnicidade, a auto-identidade e o "outro". *Revista de Antropologia*, 51(1), 283-299.
- Marandola Jr., E., & Dal Gallo, P. M. (2010). Ser migrante: implicações territoriais e existenciais da migração. *Rev. bras. estud. popul.*, 27 (2), 407-424.
- Martes, A. C. B. (2004). Nos EUA, o que somos nós? Latinos, hispanics, brancos ou “others”? In: S. D. DeDiaggi, & G. J. Paiva (Orgs.), *Psicologia, e/imigração e cultura* (pp. 97-110). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martine, G. (2005). A globalização inacabada: migrações internacionais e pobreza no século 21. *São Paulo Perspec.*, 19 (3), 3-22.
- Martins, M. L., & Brito, L. (2004). Considerações em torno da relação entre língua e pertença identitária no contexto lusófono. *Anuário Internacional de Comunicação Lusófona*, 2, 69-77.

- Menezes, F. L. (2007). Migração: uma perspectiva psicológica, uma leitura pós-moderna ou, simplesmente, uma visão preconceituosa. In: M. J. C. Cunha et al. (Orgs.), *Migração e identidade: olhares sobre o tema* (pp. 105-131). São Paulo: Centauro.
- Ministério da Justiça (2011). *Número de estrangeiros regulares no Brasil aumenta 50% em seis meses*. Disponível em: <http://portal.mj.gov.br/data/pages/mja5f550a5itemidf7b2ee1d60d4405f80c9c91d4ea12fc3ptbrnn.htm>
- Moon, S., & Mcleod, D. M. (2003). The effects of immigration and acculturation on cultural values: a comparative study of Korean immigrants in America and mainland Koreans in Korea. *Hawaii International Conference on Social Science*, Honolulu (Hawaii).
- Moya, T. S., & Silvério, V. R. (2009). Ação afirmativa e raça no Brasil contemporâneo: um debate sobre a redefinição simbólica da nação. *Soc. e Cult.*, 12 (2), 235-250.
- OIM - Organização Internacional para as Migrações (2011). *World migration report 2011: communicating effectively about migration*.
- Oliveira, M. M. (2006). A mobilidade humana na tríplice fronteira: Peru, Brasil e Colômbia. *Estud. av.*, 20 (57), 183-196.
- ONU - Organização das Nações Unidas (2009). Department of Economic and Social Affairs, Population Division. *Trends in International Migrant Stock: The 2008 Revision*.
- Patarra, N. L. (2005). Migrações Internacionais de e para o Brasil Contemporâneo: volumes, fluxos, significados e políticas. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 23-33.
- Patarra, N. L., & Baeninger, R. (2006). Mobilidade espacial da população no Mercosul: metrópoles e fronteiras. *Rev. bras. Ci. Soc.*, 21(60), 83-102.
- Piscitelli, A. (2007). Sexo tropical em país europeu: migração de brasileiros para a Itália no marco do "turismo sexual" internacional. *Estudos Feministas*, 15(3), 717-744.

- Queiroz, M. I. P. (1989). Identidade cultural, identidade nacional no Brasil. *Tempo Social - Rev. Sociologia da USP*, 1 (1), 18-31.
- Rial, C. (2008). Rodar: a circulação dos jogadores de futebol brasileiros no exterior. *Horiz. Antropol*, 14 (30), 21-65.
- Ribeiro, D. (1995). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das letras.
- Rodrigues, M. B. F. (2006). As referências identitárias no processo de modernização atual: reflexões indiciárias sobre o caso do racismo brasileiro. In: G. V. Silva, M. B. Nader & S. P. Franco (Orgs.), *As identidades no tempo: ensaios de gênero, etnia e religião* (pp. 89-99). Vitória: EDUFES.
- Rudmin, F. W. (2006) Debate in science: The case of acculturation. *AnthroGlobe Journal*, 1-99.
- Rudmin, F. W. (2010). Steps towards the renovation of acculturation research paradigms: what scientists' personal experiences of migration might tell science. *Sage Publications*, 16 (3), 299-312.
- Salazar, J. M., & Salazar, M. A. (1998). Estudios recientes acerca de identidades nacionales en América Latina. *Psicología Política*, 16, 75-93.
- Sales, T. (1991). Novos fluxos migratórios da população brasileira. *Rev. Bras. Estudos Pop. Campinas*, 8 (1/2), 21-32.
- Sarriera, J. C., Pizzinato, A., & Meneses, M. P. R. (2005). Aspectos psicossociais da imigração familiar na Grande Porto Alegre. *Estud. psicol. (Natal)*, 10 (1), 5-13.
- Schwarcz, L. K. M. (1995). Complexo de Zé Carioca: notas sobre uma identidade mestiça e malandra. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29, sp.
- Silva, S. (2005). A migração dos símbolos: diálogo intercultural e processos identitários entre os bolivianos em São Paulo. *São Paulo em Perspectiva*, 19 (3), 77-83.

- Souza, L. (2004). Processos de categorização e identidade: solidariedade, exclusão e violência. In: L. Souza, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Violência e exclusão: convivendo com paradoxos* (pp. 57-74). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Souza, L. (2005). Processos de identidade social: da intolerância e violência à utopia solidária. In: L. Souza, & Z. A. Trindade (Orgs.), *Simpósio Nacional de Psicologia Social e do Desenvolvimento. Violência e desenvolvimento humano: textos completos* (pp. 131-138). Vitória: UFES.
- Tajfel, H. (1963). Stereotypes. *Race & Class*, 5 (3), 1-14.
- Tajfel, H. (1969). Cognitive aspects of prejudice. *Journal of Social Issues*, 25 (4), 79-97.
- Tajfel, H. (1970). Experiments in intergroup discrimination. *Scientific American*, 96-102.
- Tajfel, H. (1974). Social identity and intergroup behavior. *Soc. Sci. Inf.*, 65-93.
- Tajfel, H. (1982a). *Grupos humanos e categorias sociais I*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H. (1982b). Comportamento intergrupo e psicologia social da mudança. In: A. F. Barroso, B. M. Silva, J. Vala, B. M. Monteiro, & M. H. Castro (Orgs.), *Mudança social e psicologia social* (pp. 13-24). Lisboa: Livros horizonte.
- Tajfel, H. (1982c). Social psychology of inter-group relations. *Annual Review of Psychology*, p. 01-39.
- Tajfel, H. (1983). *Grupos humanos e categorias sociais II*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Tajfel, H., & Billig, M. (1974). Familiarity and categorization in intergroup behavior. *Journal of experimental social psychology*, 10, 159-170.
- Tajfel, H., & Forgas, J. P. (1981). Social categorization: cognitions, values and groups. In: J. P. Forgas (Org.), *Social cognition: Perspectives on everyday understanding* (pp. 113-140). London: Academic Press.
- Tajfel, H., Flament, C., Billig, M. G., & Bundy, R. P. (1971). Social categorization and intergroup behavior. *European Journal of Social Psychology*, 149-177.

Tassara, E. T. O., & Rabinovich, E. P. (2007). Movimentos migratórios na metrópole de São Paulo no século XXI: um estudo quali-quantitativo. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, (UERJ, RJ), 7 (3), 502-520.

APÊNDICES

Apêndice A – Roteiro de entrevista para europeus e latino-americanos

Roteiro semiestruturado de entrevista para europeus e latino-americanos

Dados gerais do entrevistado:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Religião:

Estado Civil:

Filhos:

País de origem:

Nacionalidade dos pais:

Há quanto tempo mora no Brasil:

Cidade onde mora:

Características dos brasileiros e das pessoas do país de origem:

1. Cite 5 características (palavras, frases, expressões) que, em sua opinião, descrevem os _____(*nacionalidade do entrevistado*).
2. Por que você acha que essas coisas que você falou são representativas dos _____(*nacionalidade do entrevistado*)? Por que você acha que os _____(*nacionalidade do entrevistado*) são assim?
3. Você considera que você tem/possui alguma (s) dessas características? Quais? Por quê?
4. Cite 5 características (palavras, frases, expressões) que, em sua opinião, descrevem os brasileiros.
5. Por que você acha que essas coisas que você falou são representativas dos brasileiros? Por que você acha que os brasileiros são assim?
6. Você considera que você tem/possui alguma (s) dessas características? Quais? Por quê?

7. Para cada uma das características que você falou anteriormente eu gostaria que você avaliasse se são positivas ou negativas (perguntar de cada característica da nacionalidade da pessoa e dos brasileiros).

Motivos da migração, imagens e expectativas sobre o Brasil antes da vinda ao país:

8. Por que você decidiu se mudar para o Brasil? (detalhar: Quando foi? Quantos anos tinha na época? Já conhecia o Brasil? Veio sozinho?)

OBS: Caso o motivo da vinda para o Brasil tenha sido o relacionamento com o parceiro brasileiro, realizar as perguntas 9 e 10 na sequência:

9. Como foi que você conheceu seu marido (esposa)?

10. O que sua família e amigos acharam de você se casar com um (a) brasileiro (a)?

11. Você conhecia pessoas que haviam vindo ao Brasil?

12. O que elas falaram sobre os brasileiros?

13. O que sua família e amigos acharam dessa ideia de se mudar para cá?

14. Quais eram suas expectativas antes de vir pra cá? Como achava que ia ser?

15. Achava que seria pior ou melhor que no _____ (*país de origem do entrevistado*)? Achava que seria mais fácil ou mais difícil que lá? Por quê?

16. Antes de vir para o Brasil, qual imagem que você tinha do país?

17. E das pessoas daqui?

18. E qual a imagem que as pessoas do seu país possuem do Brasil e das pessoas daqui?

Processo de adaptação ao Brasil:

19. Como foi no início, na sua chegada aqui? Você sentiu que o fato de você ser _____ (*nacionalidade do entrevistado*) facilitou ou dificultou sua inserção no Brasil? Como?

20. Já passou por alguma situação em que achou que foi discriminado? Como foi?

21. Como foi construir sua vida aqui, conseguir emprego, fazer amizades, aprender a língua, se adaptar ao clima, à comida, aos costumes, etc?

(Detalhar: em que língua fala em casa, com os amigos, família; amigos são de onde; frequenta clubes ou associações; tipo de comida que come; língua dos programas/filmes que assiste e língua das músicas que ouve; quais feriados ou festividades do seu país que celebra; quais práticas do seu país que mantém).

22. Que tipo de documento você tem no Brasil? Você tem a cidadania brasileira? Por quê? Tem vontade de se naturalizar brasileiro?

OBS: Caso a pessoa tenha filho (s), fazer a pergunta 23:

23. Quando vocês tiveram seu (s) filho (s), vocês pensaram em tê-lo no _____(*país de origem do entrevistado*) ou no Brasil mesmo?

OBS: No caso de quem não tem filhos perguntar se ele pensa em ter filhos no seu país de origem ou no Brasil.

Possíveis mudanças dos processos identitários e perspectivas para o futuro:

24. Você acha que sua opinião sobre o que é “ser brasileiro”, sobre o Brasil e os brasileiros, mudou com a sua experiência aqui no Brasil? Se sim, como? Para melhor ou pior? Por quê?

25. Você acha que a sua opinião sobre o que é “ser _____(*nacionalidade do entrevistado*)” mudou com sua vivência no Brasil? Se sim, como? O que te faz pensar que mudou/não mudou?

26. Quando você olha pra trás, você acha que valeu a pena ter se mudado para o Brasil? Por quê?

27. Você sabe se existe algum órgão, alguma política pública voltada pros estrangeiros que vêm morar no Brasil? Você acha que deveria existir? Por quê?

28. Você tem planos de voltar para _____(*país de origem do entrevistado*) ou deseja continuar morando no Brasil? Por quê?

29. Você se considera brasileiro ou _____(*nacionalidade do entrevistado*)? Por quê?

Apêndice B – Roteiro de entrevista para descendentes de europeus e latino-americanos

Roteiro semiestruturado de entrevista para descendentes de europeus e latino-americanos

Dados gerais do entrevistado:

Sexo:

Idade:

Profissão:

Escolaridade:

Religião:

Estado Civil:

Filhos:

Nacionalidade dos pais:

Há quanto tempo os pais moram no Brasil:

Cidade onde mora:

Características dos brasileiros e das pessoas do país de origem dos pais:

1. Cite 5 características (palavras, frases, expressões) que, em sua opinião, descrevem os _____(*nacionalidade dos pais do entrevistado*).
2. Por que você acha que essas coisas que você falou são representativas dos _____(*nacionalidade dos pais do entrevistado*)? Por que você acha que os _____(*nacionalidade dos pais do entrevistado*) são assim?
3. Você considera que você tem/possui alguma (s) dessas características? Quais? Por quê?
4. Cite 5 características (palavras, frases, expressões) que, em sua opinião, descrevem os brasileiros.
5. Por que você acha que essas coisas que você falou são representativas dos brasileiros? Por que você acha que os brasileiros são assim?
6. Você considera que você tem/possui alguma (s) dessas características? Quais? Por quê?
7. Para cada uma das características que você falou anteriormente eu gostaria que você avaliasse se são positivas ou negativas (perguntar de cada característica da nacionalidade dos pais da pessoa e dos brasileiros).

Conhecimento sobre os motivos da migração, imagens e expectativas sobre o Brasil antes da vinda dos pais ao país:

8. Você sabe por que seus pais (*ou só o pai ou só a mãe*) decidiram se mudar para o Brasil? (detalhar: Quando foi? Eles já conheciam o Brasil? Vieram sozinhos? Se conheceram aqui?)
9. Eles conheciam pessoas que haviam vindo ao Brasil ou que moravam aqui?
10. O que elas falaram sobre o país?
11. Depois que sua família veio para cá, mais parentes ou amigos vieram também?
12. Quais eram as expectativas antes de vir pra cá? Como achavam que ia ser?
13. Achavam que seria pior ou melhor que no _____ (*país de origem dos pais do entrevistado*)? Achavam que seria mais fácil ou mais difícil que lá? Por quê?
14. Qual a imagem que as pessoas do _____ (*país de origem dos pais do entrevistado*) têm do Brasil?
15. E das pessoas daqui?

Adaptação da família ao Brasil e aspectos da cultura do país de origem dos pais e do Brasil que o descendente mantém em sua vida:

16. Você sentiu ou sente que o fato de você ser descendente de ____ (*nacionalidade dos pais do entrevistado*) facilitou ou dificultou sua vida no Brasil? Como?
17. Já passou por alguma situação em que achou que foi discriminado?
18. Como foi para sua família construir sua vida aqui, conseguir emprego, fazer amizades, aprender a língua, se adaptar à comida, aos costumes, etc? (Detalhar: em que língua fala em casa, com os amigos, família; amigos são de onde; frequenta clubes ou associações; tipo de comida que come; língua dos programas/filmes que assiste e língua das músicas que ouve; quais feriados ou festividades do país de origem dos pais que celebra; quais práticas do seu país de origem dos pais que mantém).
19. Você já foi ao _____ (*país de origem dos pais do entrevistado*)? Como foi? Sentiu alguma diferença pelo fato de ser brasileiro?

OBS: Caso o participante seja casado, não perguntar a questão 20.

20. Você tem vontade de se casar? Você pensa em se casar com um (a) brasileiro (a) ou com alguém da mesma nacionalidade que os seus pais (ou só o pai ou a mãe)?

OBS: Caso o participante seja casado com um brasileiro (a), perguntar o que a família e amigos acharam dele se casar com um brasileiro (a).

21. O que sua família e amigos achariam de você se casar com um brasileiro?

22. Que tipo de documento você tem no Brasil? Você tem também a cidadania brasileira e a do seu país dos seus pais?

OBS: Caso o participante não tenha filho (s), fazer a pergunta 23:

23. Você pensa em ter filhos?

24. Quando você teve/tiver seu (s) filho (s), você pensou/pensa em tê-lo no _____(*país de origem dos pais do entrevistado*) ou no Brasil mesmo?

25. Você acha que sua opinião sobre o que é “ser brasileiro”, sobre o Brasil e os brasileiros, é diferente da dos seus pais (do que não seja brasileiro), por exemplo? Se sim, em que? Por quê?

26. Você acha que a sua opinião sobre o que é “ser _____(*nacionalidade dos pais do entrevistado*)” é diferente da dos seus pais (do que não seja brasileiro), por exemplo? Se sim, em que?

27. Quais as vantagens e desvantagens que você vê em morar no Brasil? Por quê?

28. Você sabe se existe algum órgão, alguma política pública voltada pros estrangeiros que vêm morar no Brasil? Você acha que deveria existir? Por quê?

29. Você e sua família têm planos de ir/voltar para _____(*país de origem dos pais do entrevistado*) ou desejam continuar morando no Brasil? Por quê?

30. Você se considera brasileiro ou _____(*país de origem dos pais do entrevistado*)? Por quê?

Apêndice C – Termo de consentimento livre e esclarecido

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E NATURAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Prezado (a):

Vimos, através deste documento, convidá-lo (a) a participar de uma pesquisa que está sendo realizada pela mestrandia Julia Alves Brasil, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, Zeidi Araujo Trindade. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer as experiências de vida de europeus de língua germânica e latino-americanos de língua espanhola que migraram para o Brasil e de descendentes (nascidos no Brasil) de estrangeiros provenientes destas nacionalidades (e que vivem atualmente no Estado do Espírito Santo). Sua participação é voluntária e os dados da entrevista são confidenciais, sendo analisados apenas pelas pesquisadoras e sem identificação dos participantes. Para garantir maior eficácia na análise de dados, solicitamos sua autorização para gravação do áudio. Os dados da pesquisa podem vir a ser publicados e divulgados, garantindo o anonimato dos participantes. Não existem respostas certas ou erradas. É muito importante que você dê a sua opinião sincera. Não há riscos envolvidos ou despesas e você poderá, a qualquer momento, recusar-se a responder ou desistir da sua participação. Acreditamos também que o desconforto será mínimo, apenas de responder a algumas questões sobre sua história de vida.

Quaisquer informações adicionais ou esclarecimentos acerca dessa pesquisa poderão, a qualquer momento, ser obtidos junto à mestrandia Julia Alves Brasil, através do e-mail juliaalvesbrasil@gmail.com.

Eu, _____ considero-me informado (a) sobre a pesquisa. Aceito participar e consinto que a entrevista seja utilizada para a análise de dados da pesquisa.

Data: ____/____/____.

Contato: E-mail: _____ /

Telefone(s): _____

Assinatura do (a) entrevistado (a)

Assinatura do (a) pesquisador (a)